



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Priscilla Pellegrino de Oliveira

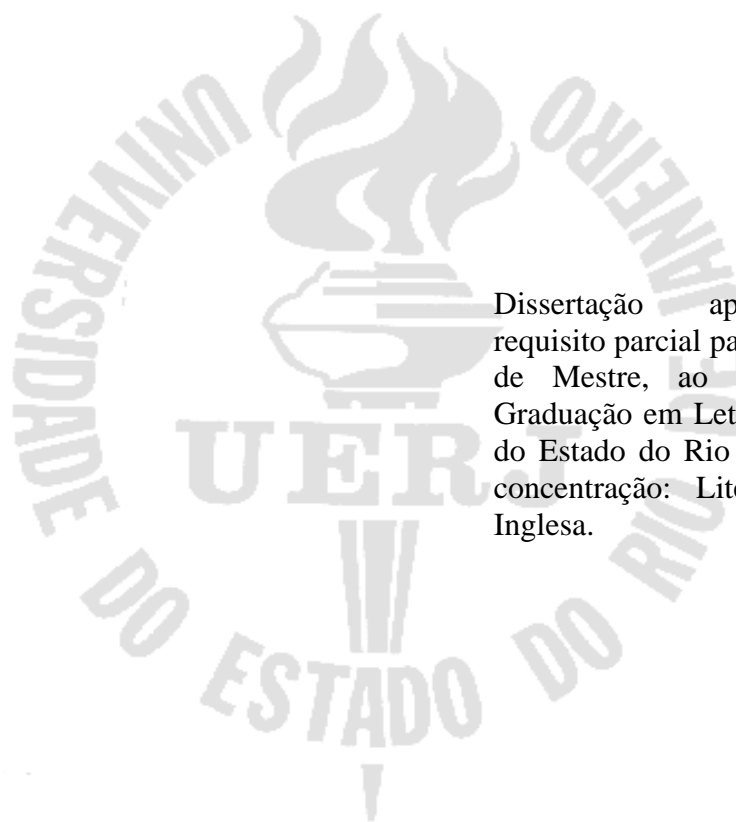
**A Ordem e o caos:
diferentes momentos da literatura distópica de ficção científica**

Rio de Janeiro

2010

Priscilla Pellegrino de Oliveira

**A Ordem e o caos:
diferentes momentos da literatura distópica de ficção científica**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literaturas de Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Lucia de Souza Henriques

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

O48 Oliveira, Priscilla Pellegrino de
A Ordem e o caos: diferentes momentos da literatura
distópica de ficção científica / Priscilla Pellegrino de Oliveira.
– 2010.
95 f.

Orientadora: Ana Lucia de Souza Henriques.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Ficção científica – Teses. 2. Distopia na literatura –
Teses. 3. Huxley, Aldous, 1894-1963. Admirável mundo novo
– Teses. 4. MacLeod, Ken, 1954- . O canal de execução –
Teses. I. Henriques, Ana Lucia de Souza. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82-311.9

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total desta dissertação

Assinatura

Data

Priscilla Pellegrino de Oliveira

**A Ordem e o caos:
diferentes momentos da literatura distópica de ficção científica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literaturas de Língua Inglesa.

Aprovado em 3 de março de 2010

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Ana Lucia de Souza Henriques (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^ª. Dra. Lucia de La Rocque
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Rogério de Souza Sérgio Ferreira
Faculdade de Letras da UFJF

Rio de Janeiro

2010

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais e irmãos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre em primeiro lugar, por permitir que eu estude e descubra novos horizontes;

À minha família, por me apoiar em todas as minhas decisões e por não me cobrarem nada além do que posso fazer;

A Rodrigo, por me dar abrigo nesse período de idas e vindas entre Minas Gerais e Rio de Janeiro;

À minha orientadora e guia Ana Lucia de Souza Henriques, por toda a atenção prestada, pelo empréstimo de material valioso e pela paciência perante minhas indecisões e mudanças de ideia;

À professora Maria Conceição Monteiro, pelo apoio oferecido desde o início do curso e pelos esclarecimentos dados ao longo deste;

Aos professores Lucia de La Rocque e Rogério de Souza Sérgio Ferreira por aceitarem gentilmente o convite para participarem da banca examinadora;

À minha tia, professora Lígia de Cássia Venâncio Oliveira, pelo tempo dedicado à revisão ortográfica.

Toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos.

Adriana Facina

O ato estético é em si mesmo ideológico, e a produção da forma estética ou narrativa deve ser vista como um ato ideológico em si próprio, com a função de inventar “soluções” imaginárias ou formais para contradições sociais insolúveis.

Fredric Jameson

Há duas coisas que ameaçam o mundo:
a ordem e a desordem.

Paul Valéry

RESUMO

OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino de. *A Ordem e o caos: diferentes momentos da literatura distópica de ficção científica*. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Esta dissertação objetiva discutir a importância do momento histórico na construção da narrativa de um romance de ficção científica, tomando como base as obras *Admirável mundo novo* (1932), do escritor inglês Aldous Huxley, e *O canal de execução* (2007), do romancista escocês Ken MacLeod. A primeira obra descreve uma sociedade distópica em um futuro distante, que revela, porém, aspectos obviamente evidentes das décadas de 1920 e 1930. A segunda, tratando de um plausível futuro próximo da humanidade, apesar de apresentar uma alternativa à História do período entre os anos 2000 e 2007, refere-se claramente a preocupações presentes nas mentes do indivíduo pós-moderno. Os diferentes momentos em que se inserem as obras analisadas – o período entreguerras e o início do século XXI, respectivamente – permitem que sejam elaboradas considerações a partir de definições de utopia e distopia concebidas ao longo da história do pensamento utópico, principalmente através de perspectivas sociopolíticas relevantes para os períodos em questão, procurando destacar de que maneira a História se faz presente nas narrativas de Huxley e de MacLeod em tela.

Palavras-chave: Ficção científica. Utopia. Distopia. Momento histórico.

ABSTRACT

This dissertation aims at discussing the importance of the historical moment in the construction of the narrative of a Science Fiction novel, focusing on *Brave New World* (1932), by the English writer Aldous Huxley, and *The Execution Channel* (2007), by the Scottish novelist Ken MacLeod. The first one describes a dystopic society in a distant future, revealing, however, evident aspects of the 1920s and the 1930s. The second one, which is about a plausible near future for humankind, though presenting an alternative to the History of the period between 2000 and 2007, clearly refers to worries on the post-modern individual's mind. The different moments in which the analyzed novels are inserted – the interwar period and the beginning of the twenty-first century, respectively – allow us to make some considerations starting from definitions of utopia and dystopia conceived along the history of utopic thought, especially through sociopolitical perspectives which are relevant to the periods in question, attempting to emphasize how History is present in Huxley's and MacLeod's narratives under consideration.

Keywords: Science fiction. Utopia. Dystopia. Historical moment.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	DA UTOPIA À VIRADA DISTÓPICA: UM PANORAMA	13
2	A ORDEM SOCIAL DE UM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO	27
2.1	O contexto histórico e social das décadas de 1920 e 1930	27
2.2	Aldous Huxley: o escritor moderno	36
2.3	A representação do período entreguerras em <i>Admirável mundo novo</i>	39
3.	O CAOS SISTÊMICO REFLETIDO EM <i>O CANAL DE EXECUÇÃO</i>	56
3.1	O contexto histórico e social do início do século XXI	56
3.2	Ken MacLeod: o escritor pós-moderno	66
3.3	A representação do presente em <i>O canal de execução</i>	68
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	BIBLIOGRAFIA	89
	ANEXO - Entrevista com Ken MacLeod sobre o romance <i>O canal de execução</i>	94

INTRODUÇÃO

A arte de ficção científica, ao contrário do que se possa pensar, não se resume somente à literatura popular puramente especulativa ou a obras cinematográficas fantásticas. O gênero se baseia na realidade político-social de uma sociedade, utilizando um cenário alternativo como metáfora dessa realidade. A visualização desse cenário será determinada por uma questão primordial: o resultado do pensamento da coletividade sobre o momento histórico que vivenciam.

Assim sendo, os cenários em questão podem vir a ser lugares imaginários utópicos ou distópicos ou ainda a exploração de situações realistas imaginadas de maneira alternativa. O tempo a que se reportam as obras de ficção científica também varia, podendo a ação se passar no momento presente – porém, alternativo – num futuro próximo e plausível ou num futuro tão distante que não seja possível para o leitor duvidar da plausibilidade da narrativa.

Como veremos, textos utópicos e distópicos estão presentes em nossa literatura desde a antiguidade clássica, passando por importantes autores e obras ao longo dos séculos até os nossos dias. Contudo, aqui trataremos mais especificamente do texto distópico a partir do início do século XX, quando ocorreu o que estudiosos chamam de “virada distópica”, justificada pelo pessimismo histórico e cultural da civilização ocidental em relação à sua própria sociedade.

O pessimismo retratado nas distopias literárias a partir dessa época se baseia em acontecimentos históricos marcantes na ordem mundial que se estabelecia desde o início do século passado. Trata-se de duas guerras mundiais, de uma depressão econômica global, de décadas de regimes totalitaristas e do capitalismo imperialista do século XX. Essenciais para a crítica da sociedade moderna foram, não só a literatura distópica, mas também o desenvolvimento de importantes teorias sociais, tais como o Marxismo, o qual influenciou a produção literária de diversos autores durante aquele século.

Tratamos neste estudo de duas obras de ficção científica distópicas de diferentes escritores e épocas. O primeiro romance é *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley e o segundo, *O canal de execução* (2007), de Ken MacLeod. Esses romances serão analisados levando-se em consideração os momentos histórico, político e social em que foram publicados.

O objetivo deste estudo é demonstrar a extensão da influência do momento histórico nas obras mencionadas ao entrelaçar fatos históricos e acontecimentos político-sociais à narrativa de ficção científica. Para isso, utilizaremos também uma descrição da realidade

empírica do escritor, tendo em mente que ele age como um representante de um grupo social ao escrever um texto que reflete o pensamento desse grupo. Com isso, pretendemos mostrar que a visão que o autor tem sobre o futuro de uma sociedade ou do ambiente em que vive é diretamente determinada pela época em que escreve sua obra.

No primeiro capítulo desta dissertação apresentamos um panorama histórico do pensamento utópico ao longo dos séculos, seguido do momento que se denomina virada distópica, a partir do início do século XX, quando a desilusão em relação à sociedade capitalista de consumo ocupou o lugar da esperança de um mundo mais justo, baseado na racionalidade científica do século XIX. Tecemos ainda, breves comentários a respeito da definição do gênero literário “ficção científica”, procurando ressaltar como surgiu seu conceito e como ele evoluiu ou se modificou ao longo do tempo com as mudanças culturais, até os dias de hoje. Ao longo desse capítulo, ilustramos os elementos descritos com exemplos e autores consagrados dentro do gênero em questão, assim como apresentamos a opinião de estudiosos do assunto.

O segundo capítulo deste trabalho é dedicado à análise de *Admirável mundo novo* sob uma ótica histórico-cultural, em que apresentamos fatos políticos e sociais ocorridos no período entreguerras, inovações tecnológicas e científicas feitas principalmente nas áreas da biologia e da indústria, e a mudança de comportamento das classes ou grupos sociais pertencentes a esse mesmo período. Após as questões abordadas na primeira parte deste capítulo, apresentamos uma breve descrição biográfica e bibliográfica de Aldous Huxley, demonstrando como o seu pensamento enquanto escritor moderno moldou a produção de sua mais conhecida obra literária. Essa demonstração é feita levando-se em conta ainda alguns de seus textos teóricos publicados em revistas européias e algumas de suas cartas escritas a amigos e parceiros de trabalho acerca dos assuntos explorados no romance. Na última parte do capítulo, apresentamos uma análise mais detalhada de *Admirável mundo novo*, aliando-o a fatos históricos e a opiniões do escritor expressas em seus textos, os quais contribuíram para a construção dessa obra.

No terceiro capítulo deste estudo, a análise literária é dedicada ao romance *O canal de execução*, relacionando-o a eventos históricos ocorridos na primeira década do século XXI. O Onze de Setembro é tomado como marco histórico a partir do qual conflitos mundiais se intensificaram, especialmente entre nações do Oriente Médio, nações ex-comunistas e os Estados Unidos da América. Na primeira parte do capítulo, sintetizamos historicamente o momento presente, levando em conta questões como a busca por uma nova ordem mundial após a Guerra Fria, as novas tecnologias, o papel dos meios de comunicação em nossas vidas

e o medo do terror e da violência no espaço urbano pós-moderno. Em seguida, apresentamos alguns aspectos relevantes sobre a vida e a obra de Ken MacLeod, e, a seguir, a análise de seu romance *O canal de execução*, sob a perspectiva histórica apresentada.

Na quarta e última seção deste trabalho, apresentamos um exame comparativo das obras mencionadas, identificando pontos de aproximação e de distanciamento entre elas, discutindo a relevância do momento histórico em que as obras se inserem para a construção de cada uma das narrativas a ser focalizada.

Além dessas considerações, ressaltamos o fato de que em obras de ficção científica, descrevendo um futuro próximo ou distante, o que está presente no texto é, na verdade, uma crítica ao presente vivido, não uma profecia apocalíptica desvinculada da realidade. Por mais fantásticas que possam parecer, as narrativas de ficção científica funcionam, na verdade, como metáforas dos lugares e momentos em que se inserem.

1. DA UTOPIA À VIRADA DISTÓPICA: UM PANORAMA

Utopias e distopias são subgêneros literários recorrentes em romances de ficção científica, embora ideias e projetos utópicos e distópicos também possam estar presentes em outros tipos de obras ficcionais. Mas é a ficção científica que fornece ao autor elementos mais propícios à realização da imaginação utópica e distópica. Isso porque tal gênero literário, segundo Moylan (2000), encontra maneiras de explorar e alcançar lugares onde outros textos não podem ir ou não se atrevem a tanto.

Como aponta Freedman (2000), não existe um consenso acerca do termo “ficção científica”. Para o público em geral, a expressão sugere a tradição *pulp*, isto é, arte literária popular fantástica sem conceituação acadêmica, assim como filmes, séries de televisão e histórias em quadrinhos em que marcianos invadem a terra e a mente das pessoas. Tal concepção é demasiado limitada no que se refere à imensidão do gênero literário em questão. O termo deve incluir não só o segmento *pulp*, mas também toda a tradição de literatura de viagem não realística; a linha utópica clássica; a tradição moderna e pós-moderna não comercializada como ficção científica, tais como Kafka e Samuel Beckett; e até mesmo clássicos épicos mundiais como Dante e Milton (FREEDMAN, 2000). Acreditamos que esses últimos quatro escritores aqui citados não sejam autores do gênero em questão, mas que tenham servido de inspiração para muitos romancistas de ficção científica.

De acordo com Adam Roberts (2000), os romances de ficção científica tratam de narrativas elaboradas através de premissas imaginadas ou fantásticas envolvendo, em uma sociedade futura, encontros com criaturas de outros planetas, viagens no tempo e interplanetárias, como também histórias alternativas e enredos que abordam o uso de alta tecnologia e avanços na área científica. Esse mundo imaginado se explica racionalmente no contexto da história, tornando-o plausível para o leitor por uma perspectiva científica ou pseudocientífica. Isto é, o uso de princípios lógicos do discurso científico dá conta de tornar aceitável a situação imaginária.

A ficção científica mistura o que Roberts (2000) chama de alienação ou estranhamento à cognição, ou seja, um sentimento de desconhecimento e, ao mesmo tempo, um reconhecimento dessa realidade fantasiada, pelo fato de esse mundo imaginário se basear no ambiente empírico do autor. Daí, a ideia do *novum*, mencionada por Moylan, Roberts e Freedman, que é a representação do encontro com a diferença, isto é, com o outro. O *novum* é validado pela lógica cognitiva pelos pontos de aproximação entre a realidade e a imaginação,

visto que o mundo empírico normalmente não é reconstruído na ficção científica, mas representado metaforicamente. Assim, o cenário se torna um dos aspectos mais importantes de tais textos. As descrições merecem atenção especial, pois são elas que nos fornecem elementos para a compreensão do *novum*.

David Allen propõe uma definição de ficção científica como:

Um subgênero de ficção em prosa que é distinguida de outros tipos de ficção pela presença de uma extrapolação dos efeitos humanos de uma ciência extrapolada, definida em termos gerais, assim como pela presença de ‘engenhos’ produzidos pela tecnologia resultante de ciências extrapoladas. (1974, p. 229)

Essa ciência extrapolada seria baseada naquela que o escritor conhece e da qual parte para projetar seu desenvolvimento lógico de ação.

A aproximação com o *novum*, no romance de ficção científica, não pretende tornar o texto profético e nem é, simplesmente, uma mera representação simbólica do momento presente, mas uma negociação crítica entre passado, presente e futuro. Além disso, pode-se dizer que o futuro descrito em tais textos alerta o leitor para as conseqüências de acontecimentos correntes que poderão se tornar catastróficos se não enfrentarmos com seriedade problemas atuais, tais como a degradação ambiental e a segregação social.

Segundo Moylan (2000), Kathleen Spencer identifica dois fatores presentes no romance de ficção científica que, segundo ela, são esperados pelos leitores, sendo eles os seguintes: em primeiro lugar, a história deve se passar em um outro lugar ou tempo, pois as circunstâncias devem ser diferentes da realidade empírica a fim de se causar uma quebra com o mundo real e possibilitar a criação do *novum*. Em segundo lugar, o ambiente imaginário deve ser interpretável por processo cognitivo, isto é, apesar de irreal, o universo descrito deve conter elementos, tais como leis naturais, capazes de causar familiaridade com o mundo do leitor para que ele o compreenda de maneira lógica.

Como observa Broderick (apud ROBERTS, 2000), a ficção científica trabalha com o texto em si metaforicamente e com táticas metonímicas em que o *novum* é parte do mundo imaginado que substitui o processo de todo um ambiente. A tecnologia é um dos fatores que representa esse *novum* na ficção científica, simbolizando a alteridade através da máquina, com a qual estamos habituados, mas que, muitas vezes, ainda nos causa estranhamento. Daí vem a importância da descrição detalhada da ambientação no gênero. Allen (1974, p. 256) nos lembra que “quando o leitor é levado para uma situação com a qual está totalmente desfamiliarizado, é necessária uma atenção maior aos pormenores para a criação de todo um

mundo, do que se a situação fosse algo semelhante à sua situação.” Isto é, o leitor de ficção científica aceita o *novum*, dependendo da habilidade que o escritor possui de criar um senso de verossimilhança, o que pode ser conseguido com o uso de elementos da realidade ou com uma explicação de base teórica construída ao longo da história. Dessa forma, torna-se possível visualizar o mundo hipotético apresentado na narrativa de ficção científica, em que o leitor é levado para “além das fronteiras de seu ambiente mundano, para domínios estranhos e altamente inspiradores considerados realmente desconhecidos, ou pelo menos bastante desconhecidos, mas não desconhecíveis a princípio”¹ (FREEDMAN, 2000, p. 15)².

Vale enfatizar que, ao contrário do que se pensa, a ficção científica nem sempre ambienta suas histórias no futuro, mas também nos chamados passado e presente alternativos. Para Allen (1974, p. 233), “Na maioria dos casos, tais histórias extrapolam as consequências de um evento histórico – se ele tivesse decorrido diferentemente.” Dessa forma, o gênero especula explicações para acontecimentos reais ou explora temas não facilmente exploráveis em outras formas literárias. Assim, seu foco está voltado para a preocupação com as consequências de mudanças sobre os seres humanos. (idem, p. 236).

Todo o aparato fornecido pelo texto de ficção científica propicia a concepção de um mundo estranho e fantástico com o qual autor e leitor simpatizam. Desse modo, a idealização utópica e sua distorção, a distopia, são exemplificações tipicamente constantes em romances do gênero.

A utilização do termo utopia está frequentemente ligada à ideia de um sonho bom, porém irrealizável. Originalmente, esse termo foi cunhado por Thomas More, no século XVI, e forneceu o título à sua obra mais conhecida. Vejamos a definição presente em *Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*:

Sir Thomas More – primeiro a empregar essa palavra (do grego *ou* “nã” + *topos* “lugar” = o “não lugar”) em literatura quando a escolheu como título para sua república imaginária *Utopia* (1516). Em inglês, percebemos um jogo de palavras com *eutopia* (*eu* “bem” = lugar onde tudo está bem ou o “bom lugar”) (...)

A aparente impossibilidade de se colocar em prática a utopia e as muitas tentativas malogradas de criá-la produziram seu oposto: a distopia ou a anti-utopia (...)

Mundos utópicos são, em alguns aspectos, muito semelhantes aos que a ficção científica apresenta: histórias que se desenrolam em ilhas desertas; histórias narradas por viajantes.³ (CUDDON, 1999, p. 957-59)

¹ “Beyond the boundaries of his or her own mundane environment, into strange, awe-inspiring realms thought to be in fact unknown, or at least largely unknown, but not in principle unknowable.”

² Todas as citações deste estudo cujas referências bibliográficas se encontram em língua inglesa são traduções próprias.

³ “Sir Thomas More was the first to apply this word (from Gk *ou*, ‘not’ + *topos*, ‘place’) to a literary genre when he named his imaginary republic *Utopia* (1516), a pun on *eutopia*, ‘place (where all is) well’. (...)

Os textos utópicos são deslocados em relação ao tempo presente ou à realidade corrente, pois remetem tanto ao futuro como lugar ideal ou perigoso, assim como a um passado nostalgicamente idealizado, além de poderem utilizar uma realidade paralela no tempo presente ou um lugar inexistente e atemporal. Um texto utópico claramente se refere a um lugar agradável, mas normalmente é também localizado em um lugar imaginário e irreal. Tal dualismo leva-nos a pensar se tal lugar perfeito não seria, na verdade, inconcebível. A realização do ideal seria impossível também, segundo Teixeira Coelho, devido ao excedente utópico, que se explica da seguinte forma:

A imaginação utópica não se esgota com a realização de seu objetivo. Mesmo quando este se apresenta como algo concreto, como resultado da ação utópica, há um resto que permanece para ser retomado por outra imaginação utópica do mesmo homem, do mesmo grupo social. Há sempre um excedente utópico a funcionar como mola de um novo ciclo imaginativo, há sempre algo de irrealizado que busca realizar-se numa nova projeção. (COELHO, 1984, p. 12)

Assim, o que podemos dizer é que o homem estará sempre em busca de um objetivo que, mesmo sendo realizado, nunca será satisfatório, pois ele idealizará um novo sonho. A imaginação utópica é essencial para as mudanças históricas e sociais, pois alavanca acontecimentos através de um desejo de melhoria geral. Como afirma Teixeira Coelho, tal pensamento impulsiona invenções, descobertas e revoluções ao materializarem desejos surgidos a partir de uma projeção de diferenças na realidade. A realidade vivida parece nunca estar de acordo com o que é considerado perfeito do ponto de vista de uma determinada época e, sendo assim, o ideal passa a ser um objetivo a ser alcançado. Emile M. Cioran (1994) observa que se o homem deixar de lado tal imaginação, ocorrerá certa estagnação social por ter ele se contentado com o que tem. Então, ele não seria um animal histórico capaz de buscar mudanças e de recusar a “felicidade dada”.

Segundo Lyman Tower Sargent (apud MOYLAN, 2000, p. 74), a literatura utópica se apresenta sob diferentes pontos de vista tendo, portanto, seus subgêneros. A princípio, o autor define utopia como “uma sociedade não-existente descrita em detalhes consideráveis e normalmente localizada no tempo e no espaço”. Dentro dessa ideia geral, incluem-se a eutopia – utopia positiva que apresenta ao leitor um lugar melhor do que aquele em que ele vive; a distopia – utopia negativa que mostra uma sociedade pior do que aquela em que o

The seeming impossibility of utopia (and the many failures to create it) has produced its reverse: dystopia or anti-utopia.(...)

In some instances utopian worlds are almost indistinguishable from those in SF, desert island fiction (*q.v.*) and tall traveller’s tales.”

leitor está inserido; a sátira utópica – uma crítica à sociedade contemporânea; a antiutopia – uma crítica ao ideal utópico ou a uma eutopia em particular; e a utopia crítica – um lugar melhor, mas com problemas, apresentando uma visão crítica do gênero utópico.

Em relação à imaginação utópica na literatura, pode-se considerá-la presente desde a antiguidade. O texto épico mesopotâmico de *Gilgamesh*, que data de, aproximadamente, 2000 A.C., conta a história do rei sumério que dedicou toda a sua vida em busca da vida eterna. Tal texto teria inspirado escritos bíblicos, vários dos quais remontam a um reino que não é daqui, causando a sensação de que o ideal foi perdido ou deve ser buscado. Essa sensação de perda também está retratada em um poema épico do século XVII, considerado por vários estudiosos um dos mais proeminentes modelos de pensamento utópico em relação ao passado: *Paraíso perdido* (1655), do poeta inglês John Milton.

Encontramos também a expressão utópica em textos clássicos, como quando Platão descreveu o que seria um estado ideal em seu texto filosófico *A república* (em torno de 370 A.C.). De maneira dialógica, Sócrates e seus discípulos discutem a organização de um lugar cujas características principais seriam: a crença no poder da educação como transformador social, a divisão de classes de maneira justa, a presença de um governo, a ausência de riqueza ou pobreza excessivas, a igualdade entre os sexos, a abolição da família e da propriedade privada, o bem comunitário, a subserviência da arte em relação à razão e a manutenção de uma religião. Já que a utopia reflete, segundo Oliveira (1998, p. 35), “a insatisfação do espírito humano com respeito a um dado existente, insatisfação esta expressa na busca de sistemas ideais que sirvam de contraponto à realidade, o pensamento ético-político-pedagógico de Platão pode ser tomado enquanto construção utópica.”

Do mesmo modo, *A Utopia* (1516), de Thomas More, considerada a primeira utopia literária dos tempos modernos, descreve uma sociedade organizada, um modelo tomado por perfeito segundo a visão do autor, criticando a Inglaterra do século XVI. Vários temas presentes em *A Utopia* são comuns à obra *A república*, de Platão. A história é supostamente contada por um naufrago que viveu, por aproximadamente cinco anos, em Utopia, uma ilha isolada e quase impossível de ser alcançada. Sua descrição da ilha retoma vários elementos utilizados por Platão, tais como a abolição do dinheiro, a diminuição das horas de trabalho, a escravidão como forma de pena, a permissão do divórcio e o acesso a bons hospitais.

São também consideradas utopias clássicas obras como *A cidade do sol* (1602), de Tommaso Campanella; *A nova Atlântida* (1627), de Francis Bacon; e *Nova Jerusalém* (1648), de Samuel Gott, onde a educação ideal recebe a máxima importância. Nos séculos seguintes, houve obras também importantes, tais como *As viagens de Gulliver* (1735), de Jonathan

Swift. No entanto, segundo afirma Cuddon (1999), somente no século XIX a literatura utópica volta a desempenhar um papel importante no campo cultural, como consequência das Revoluções Francesa e Industrial. Pode-se citar *Notícias de nenhures* (1890), de William Morris, cujo protagonista sonha com um futuro distante projetado no passado. Nessa obra, o narrador descreve uma sociedade desindustrializada que vive confortavelmente após a eliminação dos abusos capitalistas sobre os indivíduos. A eles falta estrutura institucional, religiosa e educacional, tornando considerável a ideia de um estado anarquista.

Outras obras importantes a serem citadas, já do século XX, são: *A utopia moderna* (1905), de H. G. Wells, que se assume imaginária no próprio texto. Essa narrativa fornece ao leitor a primeira noção de um Estado Mundial – ideia influenciada pelo pensamento socialista, que inspirou diversas respostas distópicas; e *A ilha* (1962), de Aldous Huxley.

Tais expressões do pensamento utópico apresentam características em comum que parecem sempre fazer parte do desejo humano no que diz respeito à sociedade e à política. A vida em conjunto vivida de forma harmônica aparece como a essência da utopia e o trabalho coletivo em prol da comunidade é visto como requisito para a convivência pacífica e justa entre as pessoas. A propriedade privada é abolida e a educação deve ser oferecida igualmente a todos pelo Estado. A ordem social e a estabilidade são os objetivos dessa manifestação, elevando-se o comunitário ao individual. Pode-se dizer que algumas palavras serviriam de palavras-chave para as utopias: hierarquia, harmonia, coletividade e ordem.

No campo filosófico, o pensamento utópico também se mostra presente como, por exemplo, em obras de Jean-Jacques Rousseau e Charles Fourier (In: COELHO (1984) e OLIVEIRA (1998)). Como se sabe, Rousseau se opunha à civilização moderna no que diz respeito à ênfase no interesse individual. A propriedade privada seria a fonte de todos os males e desigualdades sociais, transformando o homem em um ser mesquinho. Assim, o pensador propôs tentativas de se concretizar ideais de liberdade e igualdade. Fourier, ao contrário, não tinha como perspectiva o retorno ao estado primitivo, mas a evolução social do homem, como observa Oliveira (1998, p. 100): “a passagem de um período primitivo (Éden) a períodos intermediários e destes à civilização (...) visando, outrossim, a passagem a um período posterior, a Harmonia.” Essa organização social superior seria um “*locus* de perfeita integração entre a natureza, o homem e a sociedade” (idem, p. 110-11).

Ao longo da história da mentalidade utópica, a utopia sofreu transformações de características, podendo ser dividida em quatro tipos de pensamentos diacrônicos, como sugere Karl Mannheim (In: COELHO, 1984). O primeiro e mais antigo tipo são os chamados quiliasmas, os seja, uma busca de experimentação do místico, marcada pelo fanatismo

religioso sem preocupação com a promoção de uma revolução social. O segundo tipo é caracterizado pela presença dos ideais liberal-humanitários projetados em outro tempo e/ou lugar, sem propor diretamente uma revolução. O penúltimo tipo de mentalidade utópica é marcado pelo conservadorismo, onde a formulação idealizada está de acordo com o momento presente em questão. Já o quarto tipo é representado pelo pensamento socialista-comunista, o qual propõe claramente uma mudança social usando um ponto de referência tido como negativo: o capitalismo.

Visar o bem da coletividade é, em contrapartida, a porta de abertura para se criticar a literatura (e)utópica, pois como bem questiona Cioran (1994, p. 106): “Que sentido tem formar uma sociedade de marionetes?” O lugar social ideal não prevê o instinto psicológico; a seus indivíduos falta, paradoxalmente, individualidade. A partir daí, conclui-se que a utopia é antimaniquês, preferindo o homogêneo, a unidade e a estabilidade em prol de todos, sem considerar o dualismo inerente ao ser humano. Conceber uma utopia, um lugar inatingivelmente perfeito, é uma ingenuidade por parte de quem a almeja. Uma utopia “legítima”, segundo Cioran, seria a “falsa utopia”, aquela sem esperança, sarcástica e apocalíptica, a qual se explica da seguinte maneira: “Este pressentimento do insólito, de um acontecimento capital, essa espera crucial pode converter-se em ilusão, e então aparecerá a esperança de um paraíso sobre a terra ou em outra parte; ou se transformará em ansiedade, e será a visão de um Pior ideal, de um cataclismo voluptuosamente temido” (CIORAN, 1994, p. 104-105). Desse pensamento, surge o que o próprio Cioran chama de “utopia às avessas”, ou seja, imaginar o bem de maneira ínfima e o mal de maneira ampla, pois seria difícil atingir a completa ordem social sem sacrificar o indivíduo ou lhe ser injusto. Pode-se dizer, então, que a literatura apocalíptica nada mais é do que a distopia.

Por outro lado, no texto introdutório de *Dystopian Literature: a theory and research guide* (1994, p. 3), Booker afirma que a literatura utópica é o “meio pelo qual qualquer cultura pode investigar novas maneiras de definir a si próprias e de explorar alternativas ao *status quo* social e político”⁴. O crítico diz que “os trabalhos literários que examinam criticamente as condições existentes e os abusos potenciais que podem resultar da instituição de alternativas supostamente utópicas podem ser vistas como epítome da literatura em seu papel de crítica social”⁵ (idem).

⁴ “Means by which any culture can investigate new ways of defining itself and of exploring alternatives to the social and political status quo.”

⁵ “Literary works that critically examine both existing conditions and the potential abuses that might result from the institution of supposedly utopian alternatives can be seen as the epitome of literature in its role as social criticism.”

Certamente, Booker não se refere ao pensamento utópico ingênuo depreciado por Cioran, e sim à manifestação de crítica social do presente, com o que concorda o escritor uruguaio Fernando Ainsa:

A utopia não é um gênero de literatura escapista, mas a obra de autores profundamente comprometidos com a realidade política, social e econômica de seu tempo. A maioria das utopias estimula a reflexão crítica sobre uma determinada época: seu projeto imaginário, seu ideal, é sempre concebido em função de valores dominantes na sociedade do autor. (AINSA apud PASOLD, 1997, p. 16-17)

As ideias de Oliveira a propósito do assunto estão de acordo com as de Ainsa, pois afirma que a utopia reflete “a insatisfação do espírito humano com respeito a um dado existente, insatisfação esta expressa na busca de sistemas ideais que sirvam de contraponto à realidade” (1998, p. 35). Oliveira ainda acredita tratar-se a utopia de um ‘teorema’ ético-político, cujo propósito é “aparecer aos olhos dos homens como expressão de uma ordem eterna, perfeita, isenta de todo mal e que deve ser contrastada com o mundo real, assolado por toda sorte de imperfeições” (idem).

Segundo Fredric Jameson, a noção utópica de um futuro alternativo desejável é necessária para dar poder a uma ação política significativa no presente. A abstração utópica mantém viva a possibilidade de um mundo qualitativamente distinto do que vivemos e toma a forma de uma negação teimosa de tudo o que é. Aludindo ao pensamento marxista, o filósofo explica que, para Marx, o socialismo não era uma fantasia, mas uma realidade inevitável, e através de uma análise científica, demonstra que o comunismo era o resultado histórico mais natural da evolução do capitalismo (BOOKER, 1994, p. 34). De acordo com Csicsery-Ronay Jr, Jameson focava no conceito de “totalidade negativa”, isto é, o oposto da utopia, em que totalidade é “o conceito de um sistema total das relações capitalistas ao qual o mundo está sujeito” (2003, p. 121).

Como afirma Edward James (In: CSICSERY-RONAY JR, 2003), as utopias clássicas, que sucederam a *A Utopia* de More, normalmente descrevem as aventuras de um viajante que descobre um novo lugar apresentado pelos seus moradores. Às vezes o visitante apontava os contrastes entre a sociedade encontrada e a sua própria, às vezes tal comparação ficava a cargo do próprio leitor. Já no fim do século XIX, as utopias se apresentavam inspiradas por ideais socialistas e passaram a questionar os efeitos nocivos do capitalismo, o qual deveria ser extinto. Csicsery-Ronay Jr (2003, p. 114) cita os escritores socialistas de ficção científica Edward Bellamy, William Morris, H. G. Wells e Jack London como os mais importantes entre os anos de 1880 e o período da Primeira Guerra Mundial. Portanto, foi no século XX

que, segundo Booker (1994, p. 7), “as energias distópicas se tornaram mais proeminentes tanto na literatura quanto na crítica cultural do que as utópicas”. Aponta, ainda, as duas principais razões para tal virada: o Marxismo e o questionamento sobre a infalibilidade da ciência. Além disso, acontecimentos sociais merecem destaque, como nos mostra Moylan:

A narrativa distópica é, em grande parte, o produto dos terrores do século XX. Cem anos de exploração, repressão, violência estatal, guerra, genocídio, doença, fome, ecocídio, depressão, dívida, e a diminuição constante da humanidade através do sepultamento e da venda da vida cotidiana forneceram mais do que solo fértil para essa face fictícia da imaginação utópica. (2000, p. xi)

A construção da literatura distópica é feita através de uma narrativa da ordem hegemônica e uma contra narrativa de resistência, normalmente feita por um personagem ou pelo próprio leitor, o que gera um encontro crítico. *A priori*, experimentamos a sensação de alienação para, finalmente, experimentarmos uma crescente conscientização em relação à situação confrontada. O poder discursivo também costuma fazer parte da estrutura de poder distópica reinante, tomado como forma de controle social. Os personagens são indivíduos levados a utilizarem uma linguagem desprovida de sentido que não possibilita um questionamento da situação vivida por eles. Assim como a linguagem, a memória, não raro, desempenha um papel importante nos conflitos existentes nas distopias. A lembrança do passado pode levar um personagem a estabelecer comparações com o presente por ele vivido e levá-lo a perceber a perda de uma época relativamente melhor. Por isso, a falta de acesso ao conhecimento da História é um elemento recorrente romances desse gênero.

As distopias têm suas raízes na sátira, que é definida por John Reagan (*apud* PASOLD, 1997, p. 48) como “forma literária cujo principal propósito é atacar um problema, uma situação ou pessoas a fim de modificar a percepção do leitor em relação à realidade que o cerca.” A sátira nasceu na poesia antiga greco-romana e em sua essência estão o pessimismo, a ironia, o ataque às convenções e a derrota do herói. Como sugere Cuddon (1999, p. 78), “a sátira é um tipo de protesto, uma sublimação e refinamento de raiva e indignação.” As distopias (re)produziram um tipo de sátira bem específica: a sátira menipeia, surgida em 300 A.C., que criticava as tolices humanas, em uma mistura de prosa e verso. Hoje, é uma forma de se ridicularizar atitudes intelectuais e filosóficas da sociedade.

Como já observamos anteriormente, tanto nas utopias como nas distopias, o tempo e o espaço são elementos essenciais para a construção do cenário. Assim, podemos destacar duas vertentes da ficção científica que tratam dessas questões, a saber: a história alternativa e o futuro. Duncan (2003, p. 209) explica que a “história alternativa não é a História, mas uma

obra de ficção na qual a História que conhecemos é modificada para efeitos dramáticos e até irônicos. Normalmente a história alternativa dramatiza um momento de divergência do registro histórico, assim como as conseqüências de tais divergências.” De acordo com Hellekson (2001), a história alternativa combina o imaginado com o real, fabricando fatos através de fontes originais com o objetivo de colocar em primeiro plano a noção de causa e efeito presente no processo histórico. Isto é, faz uso de acontecimentos históricos para especular o que teria sido “se” algo tivesse ocorrido diferentemente, como em *O homem do castelo alto* (1962), de Philip K. Dick, em que o romancista considera o que teria acontecido se a Alemanha tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial.

Já os romances que se passam no futuro refletem o que pode vir a ser da sociedade se não modificarmos o que há de negativo no presente ou podem servir de metáfora para o que se vive no momento da escrita do romance, sob uma perspectiva crítica. Um dos escritores mais bem conceituados de história alternativa, Harry Turtledove – autor de “The Worldwar Series” –, escrita nos anos 1990, explica bem a diferença entre a ficção científica que se passa no futuro e a história alternativa:

A maioria das formas de ficção científica posicionam uma mudança no presente ou no futuro próximo e projeta seus efeitos num futuro mais distante. A história alternativa, por outro lado, imagina uma mudança num passado distante e examina suas conseqüências no passado mais próximo e no presente. A técnica é a mesma em ambos os casos; a diferença está no tempo em que ela é aplicada. (TURTLEDOVE apud DUNCAN, 2003, p. 211)

A despeito da descrição fornecida pelo escritor, nem sempre a história alternativa é uma narrativa imaginada a partir de um passado distante. Ela pode vir a ser concebida a partir do passado próximo ou até mesmo do presente.

Aqui vale lembrar algumas obras distópicas importantes, tais como: *Erewhon* (1872) – anagrama de *nowhere* (lugar nenhum), de Samuel Butler, que satiriza a sociedade vitoriana e sua crença no progresso tecnológico. O escritor cria uma narrativa rejeitando claramente os avanços tecnológicos da época ao sugerir que as máquinas um dia poderiam ter uma consciência própria e se tornarem perigosas perante a humanidade. Já no século XX, podemos citar como uma das principais obras definidoras da ficção distópica, *1984* (1949), de George Orwell, que lida com várias questões associadas ao gênero. Dentre elas, a opressão política e sexual em um Estado totalitarista e manipulador, cujo objetivo é o poder em si. Nessa obra, fica claro que o uso da tecnologia, a limitação da linguagem, a propaganda política, a vigilância e a distorção de fatos históricos são considerados aliados de governos ditatoriais, considerados distópicos. Obviamente, tais ideias estavam presentes nas mentes da sociedade

como um todo na época em que o romance foi escrito. Orwell explorou os terrores iminentes ligados à continuação de práticas repressoras, criticando a tirania do poder oficial dos regimes stalinista e nazista. Coelho (1984, p. 87) assinala que essa distopia é “resultante de um ceticismo quanto às possibilidades de reforma, para melhor, da sociedade pintada como o lugar da repressão máxima.”

Na década de 1950, Ray Bradbury publica *Fahrenheit 451* (1953), cujo assunto central é o uso da força estatal para evitar que as pessoas leiam livros, os quais são proibidos por lei na sociedade distópica apresentada no romance. As pessoas são levadas a consumir entretenimento vazio e a queima de livros representa uma demonstração gratuita do poder oficial. Em 1962, Anthony Burgess lança *Laranja mecânica*, um livro que trata de controle comportamental e da opressão através do conflito entre liberdade individual e Estado dominador, discutindo o uso da teoria psicopedagógica do condicionamento sobre a mente transgressora.

Philip K. Dick escreveu um romance distópico, em 1968, intitulado *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (traduzido no Brasil como *O caçador de androides*). Nessa obra, máquinas e humanos se chocam em um mundo pós-apocalíptico. A diferença entre as noções de simulacro e realidade é dificilmente definida em um ambiente futuro fantástico. A obra é mais conhecida por sua produção cinematográfica, dirigida por Ridley Scott, nos anos 1980, cujo título foi modificado para *Blade Runner*.

Representante do subgênero *Cyberpunk*⁶, outra obra que se tornou bem-sucedida devido à adaptação para o cinema foi a trilogia “Matrix”, inspirada na obra de William Gibson, escrita entre os anos de 1984 e 1988. Cada livro da série tem um nome distinto, sendo eles, originalmente: *Neuromancer*, *Count Zero* e *Mona Lisa Overdrive*. A princípio, os elementos presentes nessas obras são o espaço cibernético e a inteligência artificial, embora o tom fique mais pessimista no último livro, em que questões como degradação ambiental e criminalidade também estão presentes.

Com o aumento da produção fictícia distópica ao longo do século XX, multiplicaram-se também os estudos teórico-críticos a respeito do assunto, assim como disciplinas, cursos universitários e publicações acadêmicas sobre o tema, tanto no campo literário quanto no filosófico. Estudos e teorias de diversos autores puderam ser identificados com as questões abordadas em textos distópicos de ficção científica.

⁶ O subgênero chamado de *cyberpunk* focaliza sua ação em histórias onde o futuro é retratado como um ambiente urbano tecnológico distópico, sujo, sombrio e habitado por pessoas frias, astutas e não convencionais. (In: ROBERTS, 2000 e CUDDON, 1999)

Booker (1994) comenta obras relacionadas à discussão de questões abordadas em textos distópicos de ficção científica. Dentre os filósofos e pensadores discutidos pelo autor, destacaremos aqueles cujos pensamentos são mais pertinentes para o presente estudo. As ideias do alemão Friedrich Nietzsche foram as que causaram mais impacto em trabalhos de artistas e escritores do século XX, pois, segundo Booker (1994, p. 35), “seu projeto filosófico representa uma rejeição radical tanto do cristianismo quanto da ciência clássica, os dois principais discursos de autoridade da história ocidental e fontes de inspirações utópicas.” Nietzsche alega que o aumento da mecanização na vida das pessoas, juntamente ao imperialismo epistemológico, transformou a ciência numa nova forma de religião e aponta a arte como forma de questionamento e alternativa à tecnologia, considerada uma maneira de sufocar a criatividade humana, concepção comumente encontrada em textos distópicos.

Booker aponta ainda outro tópico crucial para a discussão do assunto: a linguagem. Segundo o crítico, “os regimes distópicos frequentemente tentam manipular a linguagem (e, conseqüentemente, a percepção da realidade) de modo a lembrarem as discussões de Nietzsche em relação à linguagem” (1994, p. 36). Nietzsche afirma que nosso conhecimento de mundo é inevitavelmente condicionado pela natureza autorreflexiva da linguagem. Assim, o discurso monológico dos governos autoritários, tão presentes em romances distópicos, permite que só haja uma visão da realidade.

O Marxismo é outra teoria com a qual se pode fazer uma analogia em relação ao pensamento pessimista da distopia literária. Apesar de concebido no século XIX, o marxismo influenciou o pensamento político de grande parte do século XX. Sua ênfase no mal do capitalismo tem muito em comum com o pensamento distópico, e muito de seu trabalho envolve uma tentativa de revelar a natureza ilusória das pretensões capitalistas que, segundo ele, compromete o desenvolvimento do verdadeiro potencial humano em favor do sistema econômico.

Em *O manifesto comunista*, publicado em 1848, na Inglaterra, Marx e Engels afirmam que a tentativa utópica de conciliação entre as classes seria algo impossível sem luta e observa que os utopistas literários são reacionários, pois apesar de tentarem atenuar a luta de classes e conciliar os antagonismos, continuam a sonhar com a realização experimental de suas utopias sociais, como afirmam a seguir:

Estabelecimento de falanstérios isolados, criação de colônias no interior, fundação de uma pequena Icária, edição da nova Jerusalém e, para dar realidade a todos esses castelos no ar, vêm-se obrigados a apelar para os bons sentimentos e os cofres dos filantropos burgueses. Pouco a pouco, caem na categoria dos socialistas reacionários ou conservadores, e só se distinguem dele por um pedantismo mais

sistemático e uma fé supersticiosa e fanática na eficácia miraculosa de sua ciência social. Opõem-se, pois, encarniçadamente, a qualquer ação política da classe operária.⁷

Para Marx e Engels, sob o sistema capitalista de produção, os indivíduos se tornaram meros bens de consumo, não só pelo que produzem, mas por seus serviços prestados ao patrão. Sua descrição do trabalhador alienado pelo capitalismo é familiar aos leitores de distopia, cujos protagonistas normalmente tentam afirmar sua individualidade contra o poder opressivo de um sistema social desumano. Portanto, o parecer típico marxista está amplamente descrito nas distopias literárias – a verdadeira liberdade humana só pode ser alcançada através da renúncia de certos aspectos do individualismo burguês. Escrito por Engels em 1877, *Do socialismo utópico ao socialismo científico* traz discussões sobre o socialismo encarado como ciência e ridiculariza as utopias literárias, chamando-as de “puras fantasias” e “cúmulo de disparates”.⁸

Também Theodor Adorno, seguidor do marxismo, em *A dialética do esclarecimento*, de 1947, afirma que “o esclarecimento prova que estava com a razão contra toda hipostasiação da utopia”⁹. O sociólogo faz crítica à orientação utópica do racionalismo iluminista e à aplicação mecânica da ciência, que buscaria informação e aplicação prática em vez de conhecimento e entendimento, levando-nos à crença no mito do poder da tecnologia.

Conforme cita Booker, Mikhail Bakhtin também tece considerações relevantes para o entendimento do assunto. Para ele, o sujeito é produto de interações e forças sociais, não uma entidade fixa que vai ao encontro de outros seres e do mundo. Ao contrário, o indivíduo é o produto fluido de um processo de desenvolvimento em andamento. Sua crítica ao impulso comunista utópico está implicitamente ligada ao regime stalinista.

Para o pensador marxista, a linguagem age como *locus* potencial para subversão de ideologias oficiais. Tal concepção, obviamente, está de acordo com seu contexto histórico, cuja ênfase na energia linguística teve ressonâncias especiais no contexto stalinista, caracterizado por tentativas oficiais de limitar e controlar a linguagem. Isso ocorre da mesma forma nos governos descritos na literatura distópica, que, como aponta Booker (1994, p. 19) “tendem a focalizar suas energias na linguagem não só por ser uma ferramenta poderosa em potencial com a qual se controla e manipula o sujeito, mas também por poder sufocar poderosamente as energias subversivas que tais governos gostariam de suprimir”. Ainda comentando Bakhtin, Booker diz que as distopias tendem a ter uma “linguagem autoritária” –

⁷ file:///C:/site/livros_gratis/manifesto_comunista.htm

⁸ file:///C:/site/livros_gratis/socialismo_utopico_cientifico.htm

⁹ http://adorno.planetaclix.pt/d_e_conceito.htm

aquela que não tolera questionamentos ou discordâncias –, a qual demanda que nós a conheçamos, que a façamos nossa; prende-nos, independente de qualquer poder que possa nos persuadir internamente; encontramos-na com sua autoridade já fundida a ela.

Em linhas gerais, podemos apontar a oposição entre identidade individual e demandas sociais como sendo a mais importante característica da literatura distópica. O poder individual e a autonomia são meras ilusões, o que está de acordo com o motivo distópico da supressão do desejo individual favorecendo a conformidade social.

2. A ORDEM SOCIAL DE UM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Tendo em vista o que já foi discutido anteriormente, observamos que o romance *Admirável mundo novo* pode ser considerado como uma obra que apresenta características que nos remetem aos conceitos de utopia, distopia e ficção científica. Trata-se de um projeto utópico elaborado com o objetivo de se instituir e manter a estabilidade social em um mundo altamente industrializado. Entretanto, por se tratar de uma sociedade robotizada, em que sentimentos humanos são reprimidos através dos condicionamentos biológico e psicológico, constata-se que, na verdade, a história descreve um mundo distópico, como evidenciaremos a seguir.

2.1. O contexto histórico e social das décadas de 1920 e 1930

Como a Grande Depressão e a ascensão de Hitler logo iriam provar, era difícil a situação do mundo entre as guerras ser de porte a desencorajar especulações apocalípticas.
(Eric Hobsbawm)

Entre os anos de 1918 e 1939, o mundo se via em estado de alerta permanente, sofrendo as consequências de uma guerra mundial, enfrentando uma grave crise econômica a partir de 1929 e temendo um novo conflito bélico devido ao caráter radical do surgimento de novas formas de governos totalitários. Além disso, foi nesse intervalo de tempo que houve mudanças radicais nas relações trabalhistas, e que muito se avançou nas áreas científica e tecnológica.

Ao final da primeira grande guerra, o medo da instabilidade política e econômica levou a Europa a promover uma reorganização territorial em seu interior e a garantir uma paz considerada durável através de tratados e acordos. Os Estados Unidos surgiam como nova potência econômica mundial por não partilharem, obviamente, dos prejuízos adquiridos com a guerra por parte de países europeus. Havia uma aparente estabilização política na Europa, ao mesmo tempo em que se temia uma revolução como a que tinha ocorrido na Rússia em 1917.

Durante a década de 1920, o sistema capitalista causou certo otimismo geral, principalmente devido à prosperidade norte-americana e seu novo modo de vida, apesar de o continente europeu encarar sérios problemas sociais como o desemprego. Esse otimismo iria se desestabilizar com um novo acontecimento: a crise de 1929. As crises econômicas até o

século XVIII afetavam normalmente o setor agrário e caracterizavam-se, segundo Aquino (1993, p. 269), pela “escassez de alimentos e outros artigos necessários, cujos preços, conseqüentemente, se elevavam. Com o início do sistema capitalista houve uma mudança no caráter dessas crises: nelas não há escassez, mas sim superabundância”. O crescimento industrial tomava o lugar da agricultura gerando dificuldades financeiras no setor rural, o que, a seguir, refletiu em outras áreas.

Com o constante número de desempregados e o aumento na produção industrial, a especulação financeira se tornava intensa, até que em outubro de 1929 houve a “quebra” na bolsa de Nova Iorque, inaugurando um período de depressão econômica que afetaria todos os países ligados à economia norte-americana. O mundo experimentava um momento de desilusão em relação ao sistema liberal capitalista.

A situação atingiu todos os setores da economia: a produção industrial retrocedeu, bancos faliram, a agricultura foi diretamente afetada, o comércio internacional se desorganizou e a taxa de desemprego atingiu índices alarmantes, diminuindo cada vez mais o poder de compra da população. A crise aumentou ainda mais as diferenças e os conflitos sociais, levando a classe burguesa a apoiar regimes totalitários de direita e a classe operária a se engajar em movimentos revolucionários de esquerda.

Crescia em vários governos a intervenção do Estado na economia de seus países com o intuito de combater a crise em seus territórios. Como exemplo, nos Estados Unidos, podemos citar o *New Deal*, do presidente Roosevelt, que visava proteger o capitalismo com novas medidas sócio-econômicas. Mesmo antes da Crise de 1929, na Inglaterra, a crescente intervenção econômica por parte do Estado causava resistência entre os conservadores e a opinião pública. Após a Primeira Guerra Mundial, o governo inglês já adotava medidas drásticas como a implantação do protecionismo alfandegário com a criação da Comunidade Britânica das Nações (*Commonwealth*) em 1926. A comunidade era formada por 51 Estados soberanos incluindo os domínios britânicos, que gozavam de tarifas preferenciais. Outra medida tomada foi a assistência social dada à população pelo governo, o que incluía auxílio aos desempregados. Era o chamado *welfare state*.

Sobre o período em questão, Eric Hobsbawm afirma:

A Grã-Bretanha jamais voltou a ser a mesma após 1918, porque o país arruinara sua economia travando uma guerra que ia muito além de seus recursos. Além disso, a vitória total, ratificada por uma paz punitiva, imposta, arruinou as escassas possibilidades existentes de restaurar alguma coisa que guardasse mesmo fraca semelhança com uma Europa estável, liberal, burguesa. (1995, p. 38)

Em outros países da Europa, recorria-se a sistemas políticos mais radicais com a finalidade de se buscar a ordem sócio-econômica. Na Itália, por exemplo, os capitalistas recorreram ao fascismo e, na Alemanha, ao nazismo. Tais partidos chegaram ao poder legalmente em 1922 e 1933, respectivamente, fatos que aumentavam o temor de uma nova guerra mundial. Na União Soviética, o comunismo estalinista se consolidava no poder. O otimismo anterior à crise econômica dava lugar a um pessimismo, manifestando-se “sobretudo no antiparlamentarismo, no irracionalismo, no nacionalismo agressivo e na proposição de soluções violentas e ditatoriais para os problemas colocados pela crise” (HOBSBAWM, 1995, p. 281). Esse ambiente conflitante serviu de terreno fértil para o inevitável: a Segunda Guerra Mundial.

No início do século XX, a casa da família era o local de trabalho de milhões de pessoas de baixa renda. A vantagem do trabalho domiciliar residia no fato de o serviço ser realizado por conta própria. Desenvolviam-se trabalhos manuais em diversos setores como o têxtil, por exemplo. Além disso, a renda familiar era baseada na inclusão de toda a família no trabalho feito em casa, produzindo-se mais no lar do que na indústria. Por outro lado, o rendimento era bem inferior ao do empregado de uma fábrica.

O ofício domiciliar acabaria por se retrair por razões econômicas. Exercer uma função formalmente significava ganhar com regularidade, melhor e por menos horas trabalhadas. Estar em casa passou a significar descanso e lazer. O espaço doméstico já não era mais o mesmo do profissional. Nesse sentido, Antoine Prost afirma que “a retração do trabalho domiciliar responde à reivindicação de uma vida privada” (1987, p. 25). Assim, podemos concluir que o trabalho passa da esfera privada para a pública. Desse modo, pode-se dizer que “o desenvolvimento do trabalho assalariado retira a função econômica da família” (idem, p. 28).

Na esfera pública, o trabalho começa a exercer sua função única, sofrendo uma reorganização sistemática. O espaço da fábrica até o início do século XX era bastante amplo, contendo várias extensões e locais de circulação, como galpões, oficinas, cantinas e alojamentos, separados até mesmo por ruas ou ferrovias, levando o trabalhador a circular muito durante o expediente, já que desempenhava diversas tarefas ao longo do dia.

No final do século XIX, Frederick W. Taylor sugeriu que uma produção eficiente só seria alcançada através da observação individual dos trabalhadores e da eliminação de qualquer perda de tempo em atividades que não as profissionais. Ao longo do século XX, o espaço do trabalho foi reformulado a partir da difusão da organização científica do taylorismo: “A especialização do espaço industrial dispõe as máquinas numa ordem estrita e

designa um lugar para cada operário; os espaços de circulação ou de estocagem dentro da fábrica se diferenciam dos espaços reservados à produção. Reforça-se o controle da fiscalização sobre o tempo e espaço” (PROST, 1987, p. 36), diminuindo-se movimentações desnecessárias e aumentando a produtividade.

A relação de trabalho nas grandes empresas passa a ser cada vez mais anônima e impessoal. O industrialista Henry Ford difundiu suas ideias a respeito da organização industrial visando à produção em massa, à otimização do tempo de trabalho e à diminuição de custos em suas fábricas automobilísticas. Com isso, criou a linha de produção do modelo “T”, e a colocou em prática em 1913, popularizando seu produto.

O desenvolvimento do fordismo nos países industrializados levou-os a um aumento significativo do número de pessoas vivendo na área urbana e transformou a organização do trabalho na sociedade: as tarefas passaram a ser subdivididas minuciosamente com as máquinas fazendo grande parte do trabalho; e devido ao crescimento da fábrica, cargos como os de supervisores e gerentes tornaram-se indispensáveis – aumentando a hierarquização dentro das fábricas. Além disso, ocorreu a ampliação do emprego de profissionais de outras áreas na indústria devido à maior complexidade de operações, tais como: serviços de contabilidade, engenharia e até mesmo psicologia. Assim, o novo sistema propiciou o aumento da força de vendas e distribuição de mercadorias em larga escala.

Outra tendência alavancada pelo desenvolvimento da industrialização de bens de consumo foi intensificação da divisão internacional de trabalho, como o comércio de importação e exportação como resultado da saturação do mercado nacional. Assim, alguns países se tornaram provedores de matéria prima e compradores de produtos industrializados, enquanto outros seguiam o caminho inverso.

Com a migração do trabalho para a esfera pública, seu universo se burocratizou, tornando-se mais formal e funcional. Sendo assim, de acordo com Prost (1987, p. 129), “as relações diretas tendem a ser eliminadas, e o poder do superior se dissimula por trás da aplicação de regras impessoais, circulares e notas de serviço, vindas de uma instância mais alta”.

Sabe-se que uma guerra, apesar de suas desvantagens e prejuízos, contribuiu para o desenvolvimento da tecnologia, o que certamente ocorreu no período ao qual nos referimos, pois o mundo saía de uma guerra mundial e se preparava para outra. A partir da segunda década do século XX, o mundo se desenvolveu, com maior rapidez, tecnológica e cientificamente. Nesse período, os meios de comunicação passaram por uma revolução e afetaram a vida em sociedade, contribuindo para a mudança de comportamento das pessoas.

Até o surgimento do rádio entre as décadas de 1920 e 1930, a imprensa escrita era o principal meio de informação nas cidades, sempre abordando questões da vida pública. Aos poucos, o rádio foi se popularizando até chegar às casas de família e se tornar a principal atração dos lares nos anos de 1940 e 1950, transmitindo propaganda, noticiários e entretenimento. O mesmo papel tinha o cinema que, desde a década de 1910, representava uma forma de lazer para as pessoas com seus filmes mudos. Na década seguinte, os cinemas russo e francês apresentaram obras e técnicas inovadoras contribuindo para o desenvolvimento da arte cinematográfica de maneira geral. Em 1926, os norte-americanos lançaram o sistema sonoro e os filmes passaram todos a ser produzidos com som através de microfones ou dublagem.

Em 1928, a Inglaterra criou o *Cinemamatograph Film Act*, que exigia uma cota mínima de filmes nacionais a serem exibidos nos cinemas do país, o que fez surgirem filmes de baixa qualidade a fim de se cobrir o número de produções necessárias. Porém, esse incentivo também serviu para revelar o cinema britânico no âmbito internacional, lançando produtores e diretores como Alfred Hitchcock. Na década de 1930, os grandes musicais já eram populares e a indústria de cinema cada vez mais bem sucedida.

Durante o período entreguerras, “o cinema é a diversão popular por excelência” (PROST, 1987, p. 146), não se limitando às ficções, mas apresentando também atualidades filmadas e reportagens com imagens. Foi nessa época ainda que uma outra técnica estava em desenvolvimento, a qual viria a ser a mais popular de todas após a Segunda Guerra: a televisão. Em 1926, o engenheiro escocês John Baird apresentou a primeira transmissão televisiva através de eletricidade no *Royal Institution*, em Londres.

A tecnologia invadiu não só os meios de comunicação e entretenimento, mas também outros campos da vida em sociedade, como os meios de transporte. Já vimos que a indústria automobilística se desenvolveu e se popularizou entre as décadas de 1920 e 1930 com o empresário Henry Ford. Com isso, outras montadoras, como a GM e a Chrysler, foram entrando no mercado e introduzindo novos modelos e inovações, o que acabaria por incentivar a produção européia.

A aviação foi outro meio de transporte que foi posto em prática durante e logo após a primeira grande guerra. Em 1927, o primeiro voo transoceânico foi realizado dando vazão ao início de um rápido crescimento no setor aéreo nas décadas seguintes. Ainda nos anos 1920, devemos lembrar do desenvolvimento do voo vertical, isto é, o helicóptero. A partir do autogiro, técnicos criaram uma forma de transporte aéreo rápido que necessitava de pouco espaço para levantar voo e pousar.

Durante o período entreguerras, outro equipamento também foi desenvolvido com sucesso, o qual viria a representar o início da era espacial: o foguete. Testes conduzidos nos Estados Unidos e na Alemanha foram bem sucedidos na época, fazendo do aparelho um precursor de tecnologias afins como o satélite e o míssil.

Em meio a todos os avanços tecnológicos ocorridos entre as duas grandes guerras mundiais, o campo científico também se desenvolveu bastante, tanto na área médica quanto na psicológica. Diversas áreas da biologia se destacaram no período através de experiências e descobertas possibilitadas com a ajuda da tecnologia. O comportamento humano também passou a ser preocupação e alvo de estudo e experiências científicas.

O campo da Genética começava a ser pesquisado amplamente entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando pesquisadores retomaram os estudos feitos por Mendel sobre manipulação de genes de plantas de ervilha e começaram a aplicar seus princípios. Estudos na área levaram os cientistas a fazerem diversas descobertas em relação à hereditariedade, incluindo a relação entre manipulações genéticas e traços hereditários, tais como anomalias físicas. Em 1926, a organização americana *American Eugenics Society* foi fundada a fim de apoiar a ideia da superioridade de algumas raças e classes sociais. O conceito de eugenia ganhou importância na primeira metade do século XX e investigava a possibilidade do aperfeiçoamento do ser humano através de manipulações hereditárias. Porém, na mesma época, o movimento eugênico recebeu duras críticas da sociedade em geral, acusado de ser racista e preconceituoso. Suas justificativas eram baseadas em supostas superioridades raciais, justificando a posição social das classes. Desse modo, a eugenia passou a ser utilizada por diversas nações como fundamento científico de melhorias sociais. Os Estados Unidos, por exemplo, usaram a eugenia para a exclusão dos doentes mentais da sociedade, até mesmo com sua esterilização; e a Alemanha nazista utilizou a teoria para o extermínio de judeus, homossexuais e deficientes mentais.

Na área da Química, antes da Segunda Guerra Mundial, cientistas descobriram como sintetizar diversas substâncias e passaram a comercializá-las como medicamentos através da indústria farmacêutica. Em 1928, por exemplo, a penicilina foi descoberta como substância antibiótica, a qual foi introduzida no mercado a partir da década de 1940. Aos poucos, por proporcionar tratamentos para doenças até então incuráveis, o uso de medicamentos à base de substâncias sintetizadas foi substituindo o antigo hábito do uso da medicina natural.

No campo da Psicologia, destacaram-se os estudos sobre o comportamento humano e os processos de aprendizagem. Teorias sobre cognição eram testadas metodicamente em animais e seres humanos com a finalidade de se encontrar a maneira mais eficaz de

aprendizado metodológico. Entre essas teorias destaca-se o condicionamento, método pesquisado e descrito por Ivan Pavlov no fim do século XIX e início do XX. Seus estudos ganharam continuidade e popularidade com a ajuda de B.F. Skinner, influente psicólogo norte-americano.

Esses pesquisadores difundiram a corrente psicológica chamada de *Behaviorismo*, fundada pelo psicólogo americano John B. Watson, que consiste no condicionamento do comportamento humano ou animal através de respostas psicológicas a estímulos positivos ou negativos, determinando ou modificando a conduta do ser em determinadas situações. Em 1927, Pavlov escreveu um estudo intitulado *Reflexos condicionados: uma investigação da atividade fisiológica do córtex cerebral*, onde explica o fenômeno do reflexo como:

Um estímulo interno ou externo cai sobre um ou outro receptor nervoso e origina um impulso nervoso; este impulso nervoso é transmitido por fibras nervosas até o sistema nervoso central, e aqui, por conta de conexões nervosas existentes, causa um novo impulso que passa por fibras nervosas e chega ao órgão ativo, onde excita uma atividade especial de estruturas cerebrais. Assim, um estímulo parece estar relacionado à necessidade de uma resposta definitiva, assim como causa e efeito.¹⁰
(PAVLOV, 1927, Lecture I)

Logo em seguida, ele discute o conceito de reflexo condicionado, até então novo e em experimentação. O reflexo condicionado é aquele que depende de um estímulo externo e independe da condição subjetiva do ser, que está sob o controle absoluto do experimentador. Tal reflexo também pode ser chamado, segundo o pesquisador, de “reflexo adquirido”, já que é determinado por diversas condições ambientais para ocorrer e pode variar com a mudança de tais condições.

Skinner foi seguidor dessa teoria, a qual chamamos “Condicionamento Clássico”, e publicou, em 1935, um estudo chamado “Dois tipos de reflexo condicionado e um pseudo-tipo”, onde discute de maneira lógica a questão do condicionamento descrita por Pavlov. Na mesma década, o psicólogo desenvolveu a teoria do “Condicionamento Operante”, através de experiências feitas em laboratórios, o qual diz que formas de comportamentos complexos podem ser definidos por simples estímulos e recompensas.

Sabemos que, com o aumento da produção industrial e as novas relações de trabalho na sociedade, a população urbana apresentou um aumento significativo a partir da década de

¹⁰ “An external or internal stimulus falls on some one or other nervous receptor and gives rise to a nervous impulse; this nervous impulse is transmitted along nerve fibres to the central nervous system, and here, on account of existing nervous connections, it gives rise to a fresh impulse which passes along outgoing nerve fibres to the active organ, where it excites a special activity of the cellular structures. Thus a stimulus appears to be connected of necessity with a definite response, as cause with effect.”

1920. A situação política tornou-se instável após a Primeira Guerra Mundial com o surgimento de regimes ditatoriais em alguns países europeus. Esses regimes entraram em conflito com o sistema liberal democrático.

Em uma sociedade totalitária, de acordo com Gerard Vincent (1987, p. 161), “aparentemente foram abolidas todas as barreiras entre a vida privada e a vida pública: não-sigilo da correspondência, investigações policiais a qualquer hora do dia e da noite, incentivo à delação, mesmo dentro do quadro familiar, etc.” Desse modo, o cidadão é, ao mesmo tempo, um transgressor em potencial e um sujeito aparentemente conformado que faz parte do sistema.

Já em países democráticos, a vida pública é claramente separada da vida privada causando uma sensação de respeito à liberdade de escolha individual. Porém, os mecanismos de repressão também existem, apenas são mascarados. Dentro da sociedade “livre”, há vários meios de se manipular as pessoas implicitamente, através de meios como a publicidade, a propaganda política e as instituições.

Por outro lado, apesar de toda a repressão social sofrida no período entreguerras houve avanços sociais significativos em várias partes do mundo. Esses avanços se deram, basicamente, devido a movimentos libertários, assim como a luta pelo sufrágio universal, e a mudanças de pensamento do homem sobre questões como sexualidade. Para compreendermos melhor a visão da sociedade da época a respeito desses assuntos, podemos destacar o movimento feminista do início do século XX e os estudos da psicanálise acerca do tema sexual sob a visão freudiana.

Até o fim do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, o papel da mulher na sociedade era secundário, pois a ela não era permitida a participação na vida política. Suas incumbências não passavam da esfera doméstica e para quase tudo dependiam da aprovação dos maridos, que eram seus representantes legais. Em torno de 1918, o movimento do sufrágio universal feminino conquistou o direito de voto de mulheres norte-americanas e europeias. Como assinala Laura E. Nym Mayhall, em artigo intitulado “Feminisms” (In: STEARNS, 2001), as feministas dessa época criticavam o casamento e o papel da mulher dentro da família. Como consequência, várias mulheres deixaram de se casar, a taxa de divórcio aumentou e a de nascimentos diminuiu. O ativismo político feminino também cresceu, principalmente na Grã-Bretanha, onde as mulheres reivindicavam maior independência política e econômica.

Nas primeiras décadas do século XX, a taxa de divórcio havia crescido de maneira acentuada na Europa. Após a Primeira Guerra Mundial, a mulher pôde ocupar uma nova

posição na sociedade: a de trabalhadora, tornando-se, assim, economicamente ativa e, em muitos casos, independente. Foi também nessa época que a sociedade passou por um momento de certa liberação sexual, devido ao novo comportamento feminino. A sexualidade começou a ser estudada e discutida nos meios acadêmico e artístico, o que pôde ser visto nas novas teorias psicanalíticas e nas pinturas modernistas surrealistas, como ressalta Liza Z. Sigel em seu artigo “Comportamento sexual e moralidade sexual”¹¹ (In: STEARNS, 2001). A autora observa que a popularização do psicanalista Sigmund Freud no período entreguerras colaborou para o esclarecimento sexual da população como um todo através de suas teorias: “suas teorias dos complexos de Édipo e de Electra, suas crenças de que bebês tinham desejos sexuais e até mesmo a defesa do orgasmo vaginal legitimaram a sexualidade como elemento principal da experiência humana e levantaram claramente questões que pareciam perversas apenas uma geração anterior”¹² (2001, p. 254).

Um outro elemento primordial para o entendimento da organização urbana moderna e o lugar do indivíduo na sociedade é a compreensão das formas de hierarquia social, o que estrutura todas as sociedades. Para tal entendimento, utilizaremos aqui algumas reflexões feitas por Michel Foucault sobre o assunto. Na terceira parte de *Vigiar e punir* (1975), o filósofo discorre sobre a disciplina em instituições de nossa sociedade como: a escola, o hospital, o quartel e a fábrica. Segundo Foucault, a disciplina depende da distribuição dos indivíduos no espaço, onde cada indivíduo deve exercer sua função e vigiar o comportamento dos outros. O poder disciplinar tem como função adestrar as multidões com a finalidade de assegurar sua ordenação, tornando os indivíduos objetos e instrumentos de seu exercício.

A vigilância hierarquizada é parte indispensável da engrenagem do poder disciplinar, funcionando como uma máquina, pois, como observa o filósofo:

Se é verdade que a vigilância repousa sobre indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede ‘sustenta’ o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. (FOUCAULT, 2004, p. 148)

A punição na vigilância funciona como um sistema duplo: de gratificação ou sanção. Deve-se preferir o estímulo positivo ao negativo, para que se ganhe a simpatia do indivíduo, que precisa ser motivado a se comportar de uma determinada forma.

¹¹ “Sexual behavior and sexual morality”

¹² “His theories of the Oedipus and Electra complexes, his beliefs that babies had sexual urges, even his advocacy of the vaginal orgasm legitimated sexuality as a central part of the human experience and moved ideas aboveboard that appeared perverse just a generation before.”

Em *Vigiar e punir* Foucault faz um apanhado de vários momentos históricos para ilustrar suas ideias. Sua obra funciona como uma captação de dados para explicar os mecanismos disciplinares aos quais se refere, fornecendo relevantes subsídios para o arcabouço teórico da análise de *Admirável mundo novo* aqui proposta.

2. 2. Aldous Huxley: o escritor moderno

Sou a favor de o homem viver cientificamente, criando seu próprio destino e assim por diante. Mas, na prática, eu duvido que ele consiga.
(Aldous Huxley)

Aldous Leonard Huxley nasceu em Surrey, Inglaterra, em 1894. Frequentou os colégios *Hillside Preparatory School* e *Eton*, de onde teve que sair em 1911 devido a um sério problema de visão. Aprendeu Braille e, assim, ele lia até se recuperar da cegueira, dezoito meses depois. Em 1913, entrou para *Balliol College*, em Oxford, onde se formou em 1916, ano em que passou a publicar poesia na Revista *Wheels*.

Seu pai, Leonard, era escritor e editor; seu avô, Thomas Henry Huxley, biólogo darwinista e autor de vários ensaios e livros sobre o assunto; e seu irmão mais velho, Julian Sorell Huxley, também biólogo, professor e escritor de livros sobre biologia, tornou-se o primeiro diretor da UNESCO. Crescendo em uma família de professores, cientistas e escritores, Aldous se tornou um intelectual, estudioso da língua inglesa, da literatura e das ciências biológicas. Trabalhou como jornalista e ensaísta, ao mesmo tempo em que viajava pelo mundo e escrevia seus romances.

Em 1919, casou-se com Maria Nys na Bélgica e, um ano depois, nasceu seu filho, Matthew. Escreveu seu primeiro romance, *Amarelo brilhante* (1921) e, dois anos depois, *Ronda grotesca*, quando se mudou com a família para a Itália. No ano seguinte, publicou *Essas folhas murchas*. Segundo Baker (1990, p. 5), uma das características de Huxley em seus romances, incluindo *Admirável mundo novo*, é a dramatização de seus personagens “em termos de fixações edípicas, comportamento sadomasoquista, e tendências amplamente neuróticas para que pudesse ilustrar o que ele via como o ‘padrão comportamental’ geral de seus contemporâneos”¹³. Essa observação serve como indício de que o escritor procurava retratar, em suas obras, a sociedade em que vivia.

¹³ “In terms of oedipal fixations, sadomasochistic behaviour, and broadly neurotic tendencies in order to illustrate what he saw as the general ‘behaviour-patterns’ of his contemporaries.”

Uma busca feita em sua casa pelos fascistas, em 1925, o levou a abandonar o país - a polícia política procurava um professor que havia escrito contra o regime. O casal decidiu então viajar pelo mundo, o que o levou a produzir e a publicar o diário de viagem *Jesting Pilate* (1926).

Em maio de 1926, chegaram aos Estados Unidos, onde Huxley ficou impressionado com o sistema econômico. Suas observações sobre a sociedade americana levaram-no a publicar vários textos. Um exemplo é o artigo “A vitória da arte sobre a humanidade”, de 1931, no qual tece considerações a respeito do funcionamento da indústria nos Estados Unidos sob os moldes fordistas. O processo criativo seria, para Ford, um “peso” que deveria ser desviado do trabalhador: o indivíduo deve abrir mão da arte e canalizar toda a sua energia física e mental para o trabalho, para o manuseio da máquina. Com isso, Huxley atesta que “a máquina é nossa inimiga; pois ela priva a esmagadora maioria de homens e mulheres da possibilidade, da simples esperança, até mesmo da mais modesta atividade criativa”¹⁴ (In: BRADSHAW, 1995, p. 78).

Em 1927, Huxley escreveu um artigo intitulado “O Futuro do passado”, em que fala sobre o futuro que “previa”. A eugenia seria praticada para melhorar a raça humana; a educação, segundo ele, não seria a mesma para todos os indivíduos; e a sociedade seria altamente hierarquizada, comandada pela aristocracia. Em 1928, ano em que publicou *Ponto e contraponto*, Huxley e a esposa se mudaram para a França, apesar de estarem sempre viajando por outros países como Inglaterra, Itália e Bélgica.

Dois anos mais tarde, no artigo “Bebês – propriedade do Estado”, Huxley chega à conclusão de que a família se tornara um problema para o homem moderno, o qual passou a ter maior consciência de si como indivíduo. Ele constata que a família passou a ser considerada um peso, além de estar reduzindo de tamanho. Segundo o escritor, pessoas de ideias “avançadas” acreditavam que a família deveria ser extinta, tornando o Estado responsável pela educação dos cidadãos. Essa educação, sem dúvida, seria padronizada e passada a todos desde o nascimento com a finalidade de se atingir o bem da sociedade. Assim estava sendo feito na Rússia e essa ideia ameaçava ser a tendência mundial. Em 1931, sentindo-se pessimista, Huxley reclamou: “É um mundo ruim; no momento, pior do que o

¹⁴ “The machine is our enemy; for it deprives the overwhelming majority of men and women of the possibility, the very hope, of even the most modest creative activity.”

normal. Temos a impressão de estarmos em um asilo de lunáticos – à mercê de imbecis idiotas e loucos perigosos num estado de frenesi – os políticos”¹⁵ (apud BAKER, 1990, p. 5).

Em 1932, Huxley publica um romance que se tornaria sua obra mais conhecida, *Admirável mundo novo*, cuja narrativa retoma questões discutidas nos artigos que publicara em 1927, 1930 e 1931. Porém, nesse mesmo ano, escreve outro artigo, cujo título é “Ciência e sociedade”, no qual revela seu pensamento sobre uma das principais questões apresentadas no romance: a aplicação inadequada das ciências em questões humanas, apontando-a como causa dos problemas sociais. Afirma ainda que a economia não acompanhou os avanços da agricultura e da mecânica, o que levou a população à fome e à superprodução. A solução seria o uso da própria ciência; porém, bem utilizada. Mais tarde, Huxley publicou o romance autobiográfico *Sem olhos em Gaza* (1936) e, em 1937, mudou-se definitivamente para a Califórnia, diante da iminência de uma nova guerra na Europa.

Doze anos após a publicação de *Admirável mundo novo*, Aldous Huxley produz e publica, no prefácio da edição de 1946 desse romance, um texto em primeira pessoa, em que tece comentários acerca dessa obra, afirmando que “seus defeitos, como obra de arte, são consideráveis”¹⁶ (HUXLEY, 1992, p. 5). Nesse texto, o escritor menciona o que, para ele, era o maior defeito de sua história: a falta de uma alternativa melhor para o personagem John, o Selvagem, ao final da trama, afirmando que: “Na época em que o livro foi escrito, essa idéia de que o livre-arbítrio é dado aos seres humanos para que possam escolher entre a loucura, por um lado, e a demência, por outro, era uma noção que eu achava divertida e considerava como possivelmente verdadeira”¹⁷ (idem, p. 6).

É importante notar aqui que o prefácio em questão foi escrito um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial, período em que muitas mudanças culturais ocorreram. Obviamente, o mundo já não era mais o mesmo do período entreguerras, quando o romance havia sido escrito. Dessa forma, o escritor pôde avaliar alguns aspectos de seu livro no que diz respeito às mudanças históricas ocorridas ao longo dos anos.

Em 1955, sua esposa faleceu. Menos de um ano depois, Huxley já estava casado novamente com uma amiga da família, Laura Archera. Em 1958, ano em que um câncer na garganta começa a se manifestar, visitou o Brasil e escreveu o ensaio autocrítico *Retorno ao admirável mundo novo*, onde tece novas considerações a respeito de sua visão de mundo na

¹⁵ “It’s a bad world; at the moment worse than usual. One has the impression of being in a lunatic asylum – at the mercy of driveling imbeciles and dangerous madmen in a state of frenzy – the politicians.”

¹⁶ “Its defects as a work of art are considerable.”

¹⁷ “At the time the book was written this idea, that human beings are given free will in order to choose between insanity on the one hand and lunacy on the other, was one that I found amusing and regarded as quite possibly true.

época em que escreveu o romance. Dessa vez, o escritor separa sua análise em onze partes que focalizam assuntos diferentes encontrados no romance de 1932, apesar de ainda justificar suas escolhas e apontar seus “erros” e “acertos” de previsão. E o que mais uma vez podemos constatar é a influência de fatos sociopolíticos de uma nova década sobre sua visão pessoal, levando-o a revisitar sua obra por mais de uma vez a fim de torná-la mais de acordo com sua nova maneira de pensar.

Em 1962, publicou a utopia *A ilha*, seu último romance, em que descreve uma sociedade ideal com o otimismo ausente em *Admirável mundo novo*, mostrando que sua atitude em relação ao futuro da humanidade já não era mais tão apocalíptico. Pouco tempo depois, com a doença em estágio avançado, o escritor faleceu em Los Angeles, em 22 de novembro de 1963.

2.3. A representação do período entreguerras em *Admirável mundo novo*:

É fácil imaginar um governo de industrialistas e financistas utilizando todos os recursos da ciência primeiro para assegurar estabilidade e uniformidade mundial, e depois, em benefício da produção, para manter o mundo estável e uniforme.
(Aldous Huxley)

Em um futuro distante, cerca de 600 anos à frente de nosso tempo, encontra-se um mundo dividido em “civilizado” e “selvagem”. A civilização tecnológica se resume em uma sociedade altamente industrial, hierarquizada e estável, pautada por um rígido sistema de normas a ser seguido por todos os indivíduos que dela fazem parte, ou seja, uma união de capitalismo burguês e totalitarismo em um único sistema. Em contrapartida, o outro “lado” desse mundo é uma reserva considerada selvagem, chamada de Malpaís, pois é ali que estão as pessoas que se recusam a residirem no Estado Mundial, representado por Londres. Essa reserva é habitada por indivíduos que vivem naturalmente, sem as artificialidade da vida urbana, o que não quer dizer que o modo de vida na reserva seja idealizado: os selvagens levam a vida em condições precárias de saúde e higiene em um lugar parado no tempo, negligenciado e esquecido. Em ambas as sociedades, seus indivíduos estão aprisionados em realidades que se contradizem, havendo um claro abismo entre os dois lados desse mundo dividido de que trata o romance.

Por um lado, tem-se a sociedade do poderoso e civilizado Estado Mundial, onde tudo é automatizado e estável. Todos trabalham e se locomovem através de helicópteros e aviões. A artificialidade está presente em diversos setores, desde a sintetização de alguns produtos até a

superficialidade das relações interpessoais. A ciência e a tecnologia são usadas como meios para manter a imutabilidade da sociedade, cujo lema principal é “comunidade, identidade e estabilidade”. Como afirma Theodor Adorno (1995), essas três palavras se referem, respectivamente, à coletividade, à eliminação das diferenças individuais e à manutenção da dinâmica social. As pessoas são concebidas em laboratórios para pertencerem a uma determinada casta e são mantidas sempre jovens, limpas e saudáveis. Tudo é aparência e todos os grupos sociais são manipulados de forma a desempenharem seus devidos papéis em uma sociedade organizada e robótica. Como aponta Booker (1994b), essa sociedade sugere a perpetuação da burguesia no poder através de formas sutis de tirania e subjugação.

Por outro lado, a existência de uma reserva selvagem, composta por rebeldes, nascidos ali ou não, faz um contraponto com a sociedade industrial planejada. Na reserva, o ambiente é basicamente natural, onde as pessoas nascem do ventre materno, adoecem, envelhecem, formam laços afetivos e vivem numa comunidade em que questões morais e religiosas são valorizadas. Entretanto, como mencionado anteriormente, Malpaís não é considerado um lugar melhor pelo fato de se opor ao Estado Mundial. Não se trata de uma eutopia em contraste com uma distopia, e sim de dois *loci* imperfeitos: o primeiro, um agrupamento subdesenvolvido e moralista; o segundo, um Estado industrial totalitário, cujo objetivo é a manutenção do *status quo*.

É nesse contexto paradoxal que se encontra um dos personagens principais da trama, um sujeito individualista, idealista e romântico: o “selvagem” John, filho de habitantes da civilização, mas que por uma fatalidade, nasceu e foi criado em Malpaís por sua mãe, a qual foi abandonada pelo companheiro na reserva, onde ela se perdera durante uma visita. Após receber visitantes “civilizados” em sua casa, John, agora com aproximadamente 20 anos de idade, aceita ir até Londres com a mãe conhecer o lugar onde os pais viviam, e de que tanto ouvira falar. Lá, o jovem descobre que o admirável mundo novo que imaginava, além de possuir todas as maravilhas materiais de que ouvira falar, mostrava-se também um lugar do qual ele nunca faria parte.

Em *Admirável mundo novo*, observamos elementos condizentes com os acontecimentos do período entreguerras. Na área político-econômica, a ameaça de um novo conflito mundial na vida real é refletida através do medo da instabilidade no romance, isto é, todos devem desempenhar a função que lhes cabe sem terem sentimentos fortes despertados para que não se rebelem e não façam a comunidade “sofrer”, como deixa claro um dos ditos

populares do Estado: “Quando o indivíduo sente, a comunidade treme”¹⁸ (p. 89)¹⁹. O condicionamento leva todos os cidadãos não apenas a se considerarem felizes pela estabilidade alcançada, mas também a não desejarem nenhum tipo de mudança social, apenas a permanência da sociedade tal qual ela existe.

A ascensão dos Estados Unidos como potência mundial é representada pelo poder econômico do Estado Mundial e as formas de governo totalitárias surgidas no período entreguerras são percebidas nessa obra através de um controle estatal único e autoritário. Novos produtos devem ser inventados e fabricados para manter a máquina estatal funcionando e distrair as pessoas, mantendo-as ocupadas com novas aparelhagens e novidades. O sistema de governo totalitário do Estado Mundial é encoberto pelo sistema econômico, o capitalismo radical, apropriado à sociedade em questão, onde “novos produtos devem ser constantemente desenvolvidos e comercializados para se estimular tanto a produção quanto o consumo e assim, manter a economia funcionando”²⁰ (BOOKER, 1994, p. 171). Para isso, como afirma Huxley em “Ciência e civilização” (In: BRADSHAW, 1995), o mundo deve ser o mais estável possível. Dessa maneira, mantém-se a máquina sócio-econômica em constante andamento. Como afirma Peter Firchow (1999, p. 77), “o presente é o que mais importa em Admirável Mundo Novo, assim como em qualquer boa Utopia; e Huxley usa somente a lente do futuro (como fizeram satiristas anteriores em relação à distância geográfica e ao passado remoto) para melhor descobrir as doenças latentes do aqui e agora”²¹.

Na parte inicial da narrativa, através de uma aula dada pelo Diretor da Incubação e do Condicionamento, Thomas “Tomakin”, a um grupo de aprendizes das castas mais altas, tomamos ciência de todo o funcionamento das máquinas de seres humanos robotizados que formam o Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central e as Salas de Condicionamento Neo-Pavloviano, por onde todos passam. O processo é explicado (pseudo)cientificamente para os ouvintes desde a concepção do ser até o seu encaminhamento para a convivência em sociedade, quando trabalharão e serão úteis ao governo. Desse modo,

¹⁸ “When the individual feels, the community reels.” (p. 122) - Todos os trechos originais de *Admirável mundo novo*, citados em notas de rodapé, são retirados da seguinte edição: HUXLEY, Aldous. *Brave new world*. Stuttgart: Reclam, 1992.

¹⁹ Todas as passagens de *Admirável mundo novo*, em português, citadas no corpo do texto são traduções de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro, retiradas da seguinte edição: HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 1995.

²⁰ “New products must constantly be developed and marketed to stimulate both production and consumption and thereby to keep the economy functioning.”

²¹ “The present is what matters most in *Brave New World*, as it does in any good Utopia; and Huxley only uses the lens of future time (as preceding satirists had often resorted to geographical or past remoteness) in order to discover better the latent diseases of the here and now.”

como observa Bloom (1999, p. 11): “O D.I.C. [Diretor da Incubação e do Condicionamento], representando a voz irônica de Huxley, preenche a prerrogativa do gênero sátira ao sugerir o ultraje e a obrigação do satirista de inventar um mundo que pode nos chocar, mas que não podemos deixar de reconhecer”²².

O grupo é interrompido pelo Administrador Residente da Europa Ocidental, Mustafá Mond, o qual passa a contar como o Estado Mundial surgiu. Assim, sabemos que essa sociedade foi moldada a partir de uma guerra chamada de Guerra dos Nove Anos, ocorrida em torno do ano 141 depois de Ford, como o tempo passou a ser contado após o conflito, levando-se em conta a data de nascimento de Henry Ford. Essa foi uma guerra que desestabilizou a sociedade mundial através de armas químicas e biológicas, levando o mundo a um colapso econômico e populacional. A alternativa escolhida pelos governantes foi o controle através de um totalitarismo sutil, em detrimento da destruição iminente. O mundo, então, passou a ser controlado por dez administradores para assegurar a ordem social. Como consequência, criou-se um programa de re-educação baseado na teoria do condicionamento pavloviano, formando uma coletividade controlada pelo Estado Mundial. Paralelamente, surgiu um mundo à parte, a reserva selvagem, onde vivem os rebeldes.

Dessa forma, Huxley apresenta uma das principais características dos romances de ficção científica: o cenário. Como já mencionamos anteriormente, é imprescindível o situar da narrativa em um dado momento histórico assim como a aparência do *locus* utilizado e a descrição do modo de vida da população em questão. Em um passeio de helicóptero feito pelos personagens Lenina Crowne e Henry Foster, há uma dessas descrições:

Pôs os motores em marcha e embreou as hélices do helicóptero. O aparelho arrojou-se verticalmente no ar. Henry acelerou; (...) O velocímetro marcava uma subida de quase dois quilômetros por minuto. Londres se apequenava abaixo deles. As enormes construções encimadas por terraços chatos como mesas, ao fim de alguns segundos, não eram mais que um canteiro de cogumelos geométricos, brotando de entre o verde dos parques e jardins.²³ (p. 60)

Ao longo da narrativa, fica evidente que a questão fundamental do romance é discutir o efeito da ciência aplicada aos seres humanos por seus governantes em uma época futura, e não a descrição do progresso científico em si, como parece. O próprio escritor discute a

²² “The DHC, as Huxley’s ironic voice, fulfills the prerogative of the genre of satire to suggest the outrageous and the obligation of the satirist to invent a world that may shock us, but that we cannot fail to recognize.”

²³ “He started the engines and threw the helicopter screws into gear. The machine shot vertically into the air. Henry accelerated; (...) the speedometer showed that they were rising at the best part of two kilometers a minute. London diminished beneath them. The huge table-topped buildings were no more, in a few seconds, than a bed of geometrical mushrooms sprouting from the green of park and garden.” (p. 85-6)

seguinte questão: se houvesse um governo tão inescrupuloso a ponto de usar recursos científicos para controlar os seres humanos, ele, sem dúvida, o faria (In: SEXTON, 2002). Os recursos aos quais se refere seriam aqueles presentes na obra, quais sejam:

O condicionamento de Pavlov em crianças antes e após o nascimento, a hipnopediá, as drogas que controlam a mente e que dão prazer, a promiscuidade sexual planejada (...) os contraceptivos compulsórios, a prorrogação da juventude, a eutanásia, a centralização total do poder, o controle governamental total e acima de tudo um sistema a prova de acidentes para padronizar o produto humano.²⁴ (idem)

No que diz respeito aos avanços científicos nas áreas biológica e psicológica das décadas de 1920 e 1930, a narrativa revela minuciosamente como esses campos estavam em expansão e quais poderiam ser as consequências de uma falta de controle sobre eles. Os assuntos mais evidentes em *Admirável mundo novo* sobre essas ciências são a manipulação genética, a prática da eugenia, o uso da química para a sintetização de drogas e a determinação do comportamento pela técnica behaviorista, desde o nascimento da pessoa até sua morte programada.

Apesar de o romance ser considerado um clássico da ficção científica à maneira de H.G. Wells, o próprio Huxley afirma o contrário em carta a Sydney Schiff, de maio de 1931. Nessa correspondência, o escritor diz que sua história sobre o futuro é, na verdade, “a utopia de Wells concebida e o seu absoluto horror, uma revolta contra ela. É divertido, mas difícil, já que quero fazer um retrato compreensível da psicologia baseada em princípios bem diferentes dos nossos”²⁵ (In: SEXTON, 2007, p. 255). Como complementa Sexton (2002), Wells possuía uma visão otimista em relação aos efeitos da ciência, enquanto Huxley tinha suas dúvidas, o que o faz citar como exemplo a eugenia, indagando se ela [eugenia] traria resultados desejáveis.

É na aplicação da eugenia que Huxley demonstra seu “horror” à realização da utopia à maneira de Wells. Esse modo de pensar leva-o a utilizar a eugenia em seu romance como uma maneira de se organizar a sociedade em um sistema de castas, determinado a partir de manipulações genéticas de embriões humanos. Adicionando quantidades de álcool e privando os fetos de oxigênio, por exemplo, diminui-se a capacidade intelectual e modifica-se o porte físico de determinado grupo. As castas mais altas, Alfas e Betas, têm os mais altos QIs, e são

²⁴ “Pavlovian conditioning of children before and after birth, hypnopaedia, mind-changing drugs and pleasure-giving drugs, planned sexual promiscuity (...), compulsory contraceptives, the prolongation of youth, euthanasia, total centralization of power, total government control and above all a foolproof system to standardize the human product.”

²⁵ “Well’s Utopia realized, and the absolute horror of it, a revolt against it. Amusing, but difficult, as I want to make a comprehensible picture of the psychology based on quite different first principles from ours.”

destinadas aos trabalhos científicos e estatais, enquanto que as castas mais baixas, Gamas, Deltas e Ípsilons são destinadas a trabalhos que não requerem o uso de habilidades intelectuais por serem desprovidos de inteligência, como observamos, nas palavras de Mustafá Mond: “— Quanto mais baixa é a casta, menos oxigênio se dá. O primeiro órgão afetado era o cérebro (...) — Mas, nos Ípsilons nós não precisamos de inteligência humana. Não precisavam dela e não a obtinham”²⁶ (p. 18).

O número de população de cada casta é definido pela necessidade do Estado, pois cada casta cumpre um determinado papel para que a sociedade se mantenha estável. Essa estabilidade se mantém pela falta de incentivo ao desenvolvimento intelectual no que diz respeito a descobertas de novos avanços na tecnologia e na ciência. Isso porque já se atingiu o ponto onde se queria chegar – à vida social padronizada em uma sociedade de consumo, que precisa ser mantida, pois qualquer alteração pode levar essa sociedade a se desestabilizar. Dessa maneira, podemos ver que a produção em massa em linhas de montagem ocorre não só com bens de consumo, mas também com seres humanos, que são “fabricados” em larga escala em incubadoras onde recebem condicionamentos para que nasçam sujeitos de determinadas classes, de acordo com a necessidade social. Esses sujeitos, a maioria gêmeos idênticos – dezenas deles a partir de um único ovo fertilizado – não possuem identidade ou individualidade reais, pois só existem para compor uma massa homogênea de criaturas programadas, para desempenhar certas tarefas, através do chamado processo Bokanovsky, como explica o personagem Mustafá Mond:

— O processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social! Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo o pessoal de uma usina constituído pelos produtos de um único ovo bokanovskizado.
— Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! — Sua voz estava quase trêmula de entusiasmo.²⁷ (p.11)

Para que a sociedade possa permanecer conforme o planejado, é preciso assegurar que a população não se revolte e se submeta ao regime vigente. Para isso, o condicionamento é aplicado desde a mais tenra idade. Embriões são manipulados genética e quimicamente para pertencerem a uma determinada casta social; após o “nascimento”, passam a ser manipulados psicologicamente através do condicionamento pavloviano até que se tornam adultos

²⁶ “‘The lower the caste, the shorter the oxygen.’ The first organ affected was the brain (...) ‘in epsilons we don’t need human intelligence.’ Didn’t need and didn’t get it.” (p. 35-6)

²⁷ “‘Bokanovsky’s Process is one of the major instruments of social stability!’ Standard men and women; in uniform batches. The whole of a small factory staffed with the products of a single bokanoskified egg. ‘Ninety-six identical twins working ninety-six identical machines!’ The voice was almost tremulous with enthusiasm.” (p. 26).

totalmente alienados. Pois, como diz o administrador: “Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social a que não podem escapar.”²⁸ (p. 19).

Além da questão científica, outras questões são discutidas na história de forma polêmica, principalmente em relação aos novos valores da sociedade no final da década de 1920. Assim como vários outros países, a Inglaterra se tornava cada vez mais americanizada. E essa tendência foi ironizada ao ser levada ao extremo pelo escritor no romance. Sua visita [de Huxley] aos Estados Unidos, em 1926, o teria influenciado diretamente. Como afirma Harold Bloom: “Porque a América sempre foi identificada como o Novo Mundo, Huxley sugere que a mais otimista e inventiva das sociedades, a fonte de Nosso Ford e o ‘sinal do T’, pode conduzir o mundo à obediência à tecnologia e à crença no progresso”²⁹ (1999, p. 15).

Segundo Kumar (1987, p. 246), “ele [Huxley] viu um mundo totalmente entregue ao hedonismo, um mundo onde o cinema, o jazz, os coquetéis, os automóveis e a diversão haviam se tornado equivalentes à vida em si”³⁰. Na narrativa, a diversão é tão compulsória quanto o trabalho diário e todos se entregam a ela durante grande parte de seu tempo. Os grupos vão aos *feelies*, uma alusão aos *movies* norte-americanos, assistir a filmes e curtir as sensações corporais que esse evento proporciona; jogam golfe em horários programados, dançam ao som de músicas sintéticas, passeiam de helicóptero, se relacionam sexualmente e usam a droga *soma* para relaxar. A oferta – ou melhor, a imposição – constante de prazeres sensoriais tem como objetivo causar uma sensação de saciedade e felicidade em uma sociedade induzida a ser materialista e fútil, em que se desconhece o conceito verdadeiro da palavra “liberdade”. É assim que os habitantes do Estado Mundial passam suas vidas, até quando não servem mais ao Estado e são encaminhados à morte.

De acordo com as novas relações de trabalho desenvolvidas a partir do fordismo, nada poderia ser mais explícito em *Admirável mundo novo* do que a descrição de uma sociedade em que Henry Ford é a própria figura de Deus. Segundo Adorno “os homens não são mais meros compradores dos bens de consumo produzidos em massa por grandes empresas, mas parecem ser, eles mesmos, os produtos desindividualizados do poder absoluto das

²⁸ “All conditioning aims at that: making people like their inescapable social destiny.” (p. 37)

²⁹ “Because America has always been identified as the New World, Huxley suggests that the most optimistic and inventive of societies, the source of Our Ford and the “sign of the T”, may lead the world in obedience to technology and belief in progress.”

³⁰ “He saw a world totally given over to hedonism, a world where the movies, jazz, cocktails, automobiles and having a Good Time had become equated with life itself.”

corporações”³¹ (1995, p. 98). No Estado Mundial, como em uma grande fábrica, cada um tem um dever a cumprir e um determinado trabalho a fazer dentro de seu “setor” (leia-se “casta”) social a fim de se manter o funcionamento do todo equilibradamente, como em uma linha de produção e montagem de produtos industriais. Esse sistema é utilizado a partir da criação, em laboratórios, dos próprios indivíduos:

Um a um, os ovos eram transferidos dos seus tubos de ensaio para recipientes maiores; com destreza, a guarnição de peritônio era incisada, a mórula era posta no seu lugar, a solução salina era transvasada... e já o bocal seguia adiante, tocando então a vez aos Rotuladores. A hereditariedade, a data de fecundação, o Grupo Bokanovsky, todos os detalhes eram transferidos do tubo de ensaio para o bocal. Não já anônima, mas com nome, identificada, a procissão recomeçava lentamente sua marcha; lentamente, através de uma abertura na parede, por onde passava á Sala de Predestinação Social.³² (p. 13)

Essa organização de cada grupo de pessoas pertencentes ao Estado se dá também na área da orientação sexual dada às crianças através de brincadeiras eróticas. Ao oferecer esse tipo de educação aos seus infantes, o Estado assegura a norma de comportamento de seus cidadãos em relação às suas práticas sexuais. A conduta sexual dos personagens descrita no romance se deve, sem dúvida, ao surgimento, na década de 1920, das discussões sobre a sexualidade humana, sob as óticas psicanalítica e feminista, e a liberação sexual. Na obra em questão, através da “institucionalização da promiscuidade”, para usar uma expressão de Adorno (1995), o prazer se torna uma simples questão de diversão, ocasionando a satisfação narcisista presente na ideia de que uma pessoa “teve” alguém sexualmente. A personagem Lenina Crowne, de 19 anos, por exemplo, satisfaz-se por ser uma mulher sexualmente desejada e, em certa ocasião, é reprimida pela amiga Fanny Crowne por estar saindo com um único homem há quatro meses:

É tão horrivelmente malfeito continuar tanto tempo assim com um único homem. Aos quarenta anos, ou aos trinta e cinco, vá lá. Mas na *sua* idade, Lenina! Não, francamente, isso não se faz. E você sabe como o D.I.C. [Diretor da Incubação e do Condicionamento] se opõe a tudo o que for intenso ou muito prolongado. Quatro meses com Henry Foster, sem ter outro homem! Ele ficaria furioso se soubesse...³³ (p. 42)

³¹ “Men are no longer merely purchasers of the concerns’ mass-produced consumption goods but rather appear themselves to be the deindividualized products of the corporations’ absolute Power.”

³² “One by one the eggs were transferred from their test-tubes to their larger containers; deftly the peritoneal lining was slit, the morula dropped into place, the saline solution poured in ... and already the bottle had passed, and it was the turn of the labelers. Heredity, date of fertilization, membership of Bokanovsky Group – details were transferred from test-tubes to bottle. No longer anonymous, but names, identified, the procession marched slowly on; on through an opening in the wall, slowly on into the Social Predestination Room.” (p. 29).

³³ “It’s such horribly bad form to go on and on like this with one man. At forty, or thirty-five, it wouldn’t be so bad. But at *your* age, Lenina! No, it really won’t do. And you know how strongly the D.H.C. objects to anything

Dessa maneira, o mundo retratado na história revela a ausência do papel dos sexos na sociedade. Todos devem se relacionar com quem quiserem, variando frequentemente de parceiros. Além disso, com a abolição da família, as mulheres deixaram de desempenhar o papel de gerar filhos. Consequentemente, homens e mulheres passam a ter os mesmos direitos e deveres, e a função da diferença entre os sexos é, além da opção para relacionamentos sexuais, a obtenção de material genético para a fertilização e produção de seres humanos *in vitro*.

A indução a relacionamentos superficiais entre as pessoas faz com que ninguém crie laços de afeto com os outros e nem tenha suas paixões despertadas por sentimentos como ódio e amor, sendo mais fácil manter a estabilidade social através do condicionamento psicológico. Assim, evita-se também que a sociedade desafie ou questione a autoridade oficial. As paixões humanas são anuladas pelas relações sexuais desprovidas de sentimento, cujo foco é apenas o puro prazer físico. A abstenção sexual ou a monogamia são encaradas como sinais de comportamento antissocial e devem ser desencorajadas. A instituição familiar, já inexistente, é criticada por ser considerada uma agente de opressão individual, o que faz com que as pessoas criem uma aversão a ela desde a infância, pois seus laços seriam uma ameaça à estabilidade da vida comunitária preconizada pelo Estado Mundial pelo fato de uma família ter regras próprias e sentimentos mútuos de carinho entre seus membros. Os cidadãos do admirável mundo novo são filhos do Estado, e a ele devem obediência, pois, como ressalta Adorno: “como filhos da sociedade no sentido literal, os homens não mais existem em oposição dialética com a sociedade, mas são idênticos a ela em sua substância”³⁴ (1995, p. 100). Assim, identificando-se com o governo, e somente com ele, as pessoas tornam-se incapazes de perceber sua própria individualidade.

Desse modo, a padronização de comportamento é conservada por um Estado totalitário que mantém a população sem conflitos ou guerras, sem miséria, sem doenças, sem dor, sem medo e sem trauma. O totalitarismo não é punitivo e sim estimulante, ou seja, proporciona lazer, riqueza, bem-estar físico e estabilidade, dando aos cidadãos uma falsa sensação de felicidade plena.

A punição não se faz necessária na maioria das situações, pois o condicionamento proporcionado durante toda uma vida leva os cidadãos a se comportarem como determina o Estado e a notarem e reprimirem qualquer comportamento fora dos parâmetros por parte de

intense or long-drawn. Four months of Henry Foster, without having another man – why, he'd be furious if he knew...” (p. 65).

³⁴ “As children of society in the literal sense, men no longer exist in dialectical opposition to society but rather are identical with it in their substance.”

seus concidadãos. Como exemplo, podemos tomar o caso de Bernard Marx, um dos personagens que se mostra insatisfeito em algumas situações, apesar de ter passado por todo o processo de condicionamento. Em uma conversa com a personagem Lenina Crowne, ele diz:

- ...o que sentiria se eu pudesse, se fosse livre – se não estivesse escravizado pelo meu condicionamento?
- Mas, Bernard, você diz as coisas mais espantosas.
- Você não tem o desejo de ser livre, Lenina?
- Não sei o que é que você quer dizer. Eu sou livre. Livre de me divertir da melhor maneira possível. Todos são felizes agora.³⁵ (p. 87)

Como consequência dessa conversa e de outros comentários do mesmo tipo feitos por Bernard, o assunto chega ao conhecimento de Mustafá Mond, que o repreende com tom ameaçador:

- Não estou nem um pouco satisfeito com as informações que recebo sobre o seu comportamento fora das horas de trabalho. O senhor dirá, sem dúvida, que não tenho nada que ver com isso. Mas tenho que ver, sim. (...) Assim, pois, Sr. Marx, adverti-o lealmente. (...) Se eu ouvir falar outra vez em alguma infração às normas de decoro infantil, pedirei sua transferência para um Subcentro – de preferência na Islândia. Passe bem.³⁶ (p. 93)

A educação dos cidadãos do Estado Mundial também está diretamente relacionada ao condicionamento da mente das massas desde a infância. A hipnopedia é uma das maneiras utilizadas pelo Estado para “programar” seus indivíduos: lições e *slogans* são internalizados durante o sono através de milhares de repetições até que acreditem estarem falando e agindo de acordo com seus próprios pensamentos. A técnica não é utilizada para a educação intelectual, mas para a educação moral, como mais um instrumento de condicionamento psicológico individual, tal como no seguinte trecho de uma voz que os Betas ouvem ao dormirem:

- As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, nós somos muito superiores aos

³⁵ “...what would it be like if I could, if I were free – not enslaved by my conditioning.’ ‘But, Bernard, you’re saying the most awful things.’ ‘Don’t you wish you were free, Lenina?’ ‘I don’t know what you mean. I am free. Free to have the most wonderful time. Everybody’s happy nowadays.’” (p. 119)

³⁶ “I’m not at all pleased with the reports I receive of your behaviour outside working hours. You may say that this is not my business. But it is...I give you fair warning...If ever I hear again of any lapse from a proper standard of infantile decorum, I shall ask for your transference to a Sub-centre – preferably to Iceland. Good morning.” (p. 127)

Gamas e aos Deltas. Os Gamas são brancos. (...) E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado brancos para saberem ler ou escrever.³⁷ (p. 30)

O condicionamento punitivo também é utilizado pelo Estado na programação de suas crianças. Diante de flores ou de um livro, a curiosidade infantil é despertada, porém automaticamente reprimida através de choques elétricos e ruídos estridentes para que elas se afastem do objeto apresentado e se aterrorizem com a ideia de sequer tocá-lo. Ao fim da cena, lemos o seguinte trecho:

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos, já na mente infantil essas parselhas estavam ligadas de forma comprometedora; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casadas indissolúvelmente. O que o homem uniu, a Natureza é incapaz de separar.³⁸ (p. 24)

Outra maneira de se condicionar o comportamento dos grupos sociais no romance é a manipulação da linguagem, o que está ligado ao processo educativo feito pelo Estado. Não há palavras proibidas, mas aquelas que remetem a conceitos extintos pelo Estado são consideradas obscenas e repulsivas, tais como “mãe”, “família”, “amor”. Desse modo, palavras e expressões deixaram de ser usadas, substituindo-se o que foi abolido por uma linguagem repetitiva e de sentido limitado, o que impede o uso da criatividade linguística e o entendimento de uma lógica diferente daquela que a sociedade conhece. Como aponta Sisk (1997), a manipulação da linguagem é uma questão importante em *Admirável mundo novo* já que é (re)produzida a partir da articulação das ideias que acreditam ser verdades absolutas. Dessa maneira, podemos observar que a linguagem fabricada e imposta pelo governo totalitário dessa sociedade distópica ressalta o vazio, a superficialidade e a robotização como sendo características predominantes dos personagens que habitam o mundo civilizado.

Outra questão importante envolvendo a linguagem que contribui para a falta de individualidade na sociedade é a limitação de nomes e sobrenomes no Estado Mundial. Há em torno de dez mil nomes para os habitantes do Estado, o que leva a um alto número de frequentes coincidências, e indica, inclusive, ausência de família. Lenina Crowne, por exemplo, tem o mesmo sobrenome de uma de suas amigas, Fanny Crowne. A respeito da escolha de nomes, cabe ressaltar que Huxley atribui a personagens nomes que remetem a

³⁷ “Alpha children wear grey. They work much harder than we do, because they’re so frightfully clever. I’m really awfully glad I’m a Beta, because I don’t have to work so hard. And then we are much better than the Gammas and Deltas. Gammas are stupid. (...) And Epsilons are still worse. They’re too stupid to be able to read or write.” (p. 50)

³⁸ “Books and loud noises, flowers and electric shocks – already in the infant mind these couples were compromisingly linked; and after two hundred repetitions of the same or a similar lesson would be wedded indissolubly. What man has joined, nature is powerless to put asunder.” (p. 43)

vultos históricos, o que, a princípio, poderia ser tomado como uma ironia, já que a sociedade que descreve não possui passado histórico. Porém, para nós, esse pode ser considerado um recurso utilizado pelo escritor com o objetivo de estabelecer um diálogo entre sua obra e o momento em que ela foi construída. Provavelmente quer que conheçamos cada personagem melhor e que tenhamos consciência de que um romance como *Admirável mundo novo* esteja cheio de referências históricas da época em que foi escrito. Tomemos alguns exemplos: primeiro, Bernard Marx, um alfa especialista em hipnopedias. Seu nome é uma junção de George Bernard Shaw, socialista que apoiava a eugenia, e Karl Marx, um dos filósofos fundadores do comunismo. Um segundo exemplo é Helmholtz Watson, alfa, palestrante do Departamento de Engenharia Emocional. Helmholtz é o sobrenome do físico alemão Hermann Von Helmholtz e Watson se refere ao psicólogo behaviorista norte-americano John B. Watson.

Outra questão levantada no romance é a rejeição da História pelo poder central. A proibição de livros publicados antes de 150 depois de Ford, o fechamento de museus e a destruição de monumentos históricos fazem da sociedade um grupo alienado e sem passado. Isso contribui para a manutenção da ordem social, limitando o pensamento não ortodoxo. Para o Estado Mundial, a célebre frase de Henry Ford “História é besteira” faz todo o sentido, pois, de que adianta para eles conhecerem o passado se o que importa é o presente e sua estabilidade? A estabilidade é a finalidade da sociedade no romance. Áreas do conhecimento como a literatura e a filosofia trariam diferentes pontos de vista sobre os assuntos mencionados e gerariam questionamentos por parte dos indivíduos. Em uma sociedade tão controladora como essa, questionar seus padrões seria uma perversão, pois como disse o próprio Huxley: “nada é mais subversivo que o conhecimento”³⁹ (In: BRADSHAW, 1995, p. 108).

Segundo Harold Bloom, “a literatura é uma conversa com o indivíduo, e quando a conversa é impossibilitada, a literatura desaparece”⁴⁰ (1999, p. 21). A proibição da divulgação da obra de Shakespeare serve como exemplo em *Admirável mundo novo* como parte de um conhecimento negado à sociedade. Ora, em uma sociedade estável a literatura é dispensável e inútil, até porque os cidadãos do Estado Mundial não entenderiam obras como as de William Shakespeare, em que temas como amor, família, fidelidade e lealdade estão sempre presentes. O único personagem que argumenta contra o Estado Mundial é o selvagem John, pois, além

³⁹ “Nothing is more subversive than knowledge.”

⁴⁰ “Literature is a conversation with the individual, and when conversation is made impossible, literature disappears.”

de ter crescido sem o condicionamento psicológico da “civilização”, ele foi educado aprendendo a ler Shakespeare e a Bíblia. Portanto, ele se torna um indivíduo com opiniões próprias capaz de expressar seus sentimentos e seus questionamentos em relação à sociedade civilizada da qual não faz parte. O fato de a literatura ser proibida nessa sociedade causa estranheza a John, que pergunta a razão da proibição. A resposta vem de Mustafá Mond, que afirma:

— Porque é antigo; essa é a razão principal. Aqui não queremos saber de coisas antigas.
 — Mesmo quando são belas?
 — Sobretudo quando são belas. A beleza atrai, e nós não queremos que ninguém seja atraído pelas coisas antigas. Queremos que amem as novas.⁴¹ (p. 205)

Percebemos que a explicação não é satisfatória, afinal não se proíbe uma obra pelo fato de ela ser velha e bela, mas porque ela pode despertar emoções e suscitar questões diversas consideradas subversivas a partir de um determinado ponto de vista. E não há lugar para escolhas ou para o livre-arbítrio no admirável mundo novo. Como observa Harold Bloom a partir da concepção de Mustafá Mond:

A literatura é uma conversa com o indivíduo, e quando a conversa é impossibilitada, a literatura desaparece. Para proteger o Estado Mundial contra a corrupção e a perda, a literatura deve desaparecer. Somente em condições de instabilidade há qualquer necessidade de literatura ou Deus.⁴² (1999, p. 21)

Como a meta do Estado Mundial é a manutenção da ordem em si, não se pode permitir a circulação de ideias que não as do poder vigente, principalmente quando o que se deseja é a padronização do comportamento através do condicionamento e não da formação de indivíduos com opiniões próprias.

Segundo Huxley, a psicologia provou o quanto é fácil manipular o comportamento das pessoas e dos animais e o quanto a propaganda é eficaz para tal propósito. Para ele, “a propaganda é a arte de influenciar a mente”⁴³ (In: BRADSHAW, 1995, p. 109). Na narrativa, a propaganda política se dá através da manipulação da linguagem, do cinema e das práticas de

⁴¹ “‘Because it’s old; that’s the chief reason. We haven’t any use for old things here.’ ‘Even when they are beautiful?’ ‘Particularly when they are beautiful. Beauty’s attractive, and we don’t want people to be attracted by old things. We want them to like the new ones.’” (p. 262)

⁴² “Literature is a conversation with the individual, and when conversation is made impossible, literature disappears. To insure the World State against corruption and loss, literature must disappear. Only in conditions of instability is there any need for literature or God.”

⁴³ “Propaganda is the art of influencing the mind.”

solidariedade, contribuindo para a permanência dos tabus, para a prevenção de um pensamento crítico sobre a própria condição e para a manutenção do *status quo*.

A obra também evidencia a atmosfera de uma época em que a tecnologia já avançara enormemente, contribuindo para o conforto da vida na cidade, para o lazer de seus cidadãos e para a conquista de um novo espaço: o espaço aéreo.

A conquista do espaço aéreo em *Admirável mundo novo*, através do uso de foguetes e helicópteros como meios de transporte, reflete o avanço na área da aviação no período entreguerras. No romance, esses meios de transporte não são usados para fins bélicos, mas para viagens rápidas, curtas ou longas, diminuindo as distâncias entre os diferentes lugares e fazendo com que a sociedade não perca tempo. Podemos perceber a velocidade a que chega um helicóptero no romance quando Bernard e Lenina fazem uma viagem à reserva selvagem. O percurso vai de Londres ao México: “Embarcaram no helicóptero e partiram. Dez minutos depois, cruzaram a fronteira que separava a civilização do estado selvagem”⁴⁴ (p. 99).

Outra inovação tecnológica que se desenvolve na década de 1920 e que se faz presente na obra é o cinema - chamado de *feelies*. Esta é uma das distrações de massa no romance, sendo utilizado para entreter os espectadores com histórias superficiais sempre de acordo com os preceitos da sociedade do governo mundial. Da mesma forma que o cinema já fazia muito sucesso na sociedade norte-americana na década de 1930, ele também é bastante popular no Estado Mundial, porém com uma diferença, uma inovação tecnológica que fazia com os espectadores sentissem sensações físicas conforme a situação mostrada na tela.

Além do cinema, o estado oferece outras formas de distração de massa para seus cidadãos, tais como jogos esportivos e reuniões comunitárias com grupos pré-definidos, chamadas de sessões de solidariedade. Nesses encontros, os grupos devem declamar versos e cantar hinos que enaltecem a prática sexual, ter relações sexuais e consumir *soma*, a droga distribuída para todos. Esse ritual lembra um ato religioso, e é feito frequentemente de maneira compulsória. A sociedade substituiu a figura de Deus pela de Henry Ford, proclamando “Oh! Ford!” e fazendo o sinal do T – em referência ao modelo automobilístico T de Ford – em vez de o sinal da cruz cristão. O trecho a seguir é um dos refrões entoados pelos participantes das sessões:

Orgião-espadao, Ford e alegria a rodo,
Com beijos unir-se às moças num só Todo!
E cada rapariga vá com seu rapaz;

⁴⁴ “They took their seats in the plane and set off. Ten minutes later they were crossing the frontier that separated civilization from savagery.” (p. 135)

Orgião-espadao assim vos satisfaz. ⁴⁵ (p. 81)

Para que a manipulação comportamental seja eficiente, o Estado Mundial também utiliza várias técnicas envolvendo a linguagem em suas propagandas, como o uso de provérbios, *slogans* e versos a favor do regime vigente e contra tudo aquilo que o sistema reprova. Essas “frases de laboratório” enaltecem a cultura de super-consumo, como “Mais vale acabar que consertar. Quanto mais se remenda, menos se aproveita.”⁴⁶ (p. 52), “*Fui e serei* me deixam doente, um grama e com o *sou* fico contente”⁴⁷ (p. 99); os *slogans* funcionam como lemas sociais, presentes nas falas das pessoas. Versos encorajam a prática sexual, não fazendo nenhuma referência a sentimentos, tais como: “Beija-me, abraça-me com rudeza. Esgota-me até o coma; conserva-me a ti presa...”⁴⁸ (p. 181). Esses ditos populares nos fazem perceber o vazio da linguagem na cultura popular.

Pode parecer que o uso de propagandas, versos, canções e ditos populares em *Admirável mundo novo* seja exagerado. Entretanto, a sociedade pós-industrial capitalista e consumista em que vivemos vem utilizando de tais artifícios há décadas a fim de atrair o mercado consumidor cada vez mais. Como aponta Sisk (1997, p. 31), “uma das semelhanças mais perturbadoras entre *Admirável mundo novo* e o nosso mundo contemporâneo é o nível substancial a que assuntos complexos são reduzidos a *jingles* e *slogans* rápidos e de fácil memorização”⁴⁹.

O uso da droga sintética *soma* é mais um artifício onipresente que ajuda a manter a população do Estado Mundial sob controle constante. A droga é alucinógena e provoca sensações agradáveis por algumas horas, sem causar efeitos adversos indesejados. Ela é fornecida pelo Estado e de uso diário obrigatório, como observamos no seguinte trecho:

O *soma*, o delicioso *soma*, meio grama para um descanso de meio dia, um grama para um fim-de-semana, dois grammas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano.⁵⁰ (p. 55)

⁴⁵ “Orgy-porgy, Ford and fun,/Kiss the girls and make them One./Boys at one with girls at peace;/Orgy-porgy gives release.” (p. 112)

⁴⁶ “Ending is better than mending. The more stitches the less riches.” (p. 77)

⁴⁷ “Was and will make me ill, I take a gramme and only am.” (p. 134)

⁴⁸ “Hug me till you drug me, honey. Kiss me till I’m in a coma. Hug me, honey, snuggly.” (p. 235)

⁴⁹ “One of the most disturbing similarities between *Brave New World* and our contemporary world is the substantial degree to which complex issues are reduced to brief, easily-memorized slogans or jingles.”

⁵⁰ “There is always *soma*, delicious *soma*, half a gramme for a half-holiday, a gramme for a week-end, two grammes for a trip to the gorgeous East, three for a dark eternity on the moon; returning whence they find themselves on the other side of the crevice, safe on the solid ground of daily labour and distraction.” (p. 80)

A droga também é usada em situações de emergência se porventura ocorrer um incidente, como quando John causa uma agitação dentro de um hospital com um grupo de deltas e todos são contidos por “um vapor de *soma*” e embalados por uma voz angelical dizendo: “Que significa tudo isto? Por que não são todos felizes e bons uns com os outros? (...) Em paz, em paz. (...) Oh, como desejo que vocês sejam felizes....como desejo que vocês sejam bons!”⁵¹ (p. 201). No romance, essas técnicas agem de tal forma na mente das pessoas que é como se elas realmente compartilhassem dessas ideias. Porém, elas não têm consciência de que as frases que repetem sem parar são as únicas que conhecem. Dessa forma, elas não pensam diferentemente e não obtêm condições de argumentar contra tudo o que lhes é imposto.

É nesse novo mundo que John percebe que seus valores não são os mesmos dos cidadãos de Londres e que sua individualidade entra em conflito com essa sociedade. Apesar de fazer algumas poucas amizades, conhecer seu pai e se apaixonar, o “selvagem” experimenta um sentimento de angústia diante da percepção da incompatibilidade entre si mesmo e esse novo mundo onde se encontra até que sucumbe e se suicida, por não se encaixar em nenhuma das alternativas que lhe foram oferecidas. Isto é, após conhecer o admirável mundo novo, John percebe que nunca se adaptaria a essa sociedade; ao mesmo tempo, não pode mais voltar a Malpaís, onde também não era aceito, por ser descendente de uma mulher promíscua provinda do Estado Mundial e por ter sido educado e criado sempre isolado do restante da população “selvagem”. Isso quer dizer que John, apesar de poder representar um meio-termo entre esses dois mundos, não pertence a nenhum deles. A distância entre esses lugares é tamanha que seria impossível uma união harmônica entre eles. Com base nesse raciocínio, explica-se o suicídio do personagem no fim da narrativa.

Admirável mundo novo é um romance onde o projeto utópico é posto em prática segundo o ponto de vista de uma sociedade hedonista e avançada tecnologicamente. Afinal, a vida é estável e livre de preocupações para todos, que têm direito à juventude, ao bem estar físico e social, à diversão e à prática sexual sem restrições. Porém, é óbvio que essa obra de Aldous Huxley mostra o quão distópica pode ser uma sociedade como essa. Afinal, seus cidadãos não têm liberdade para controlar suas próprias vidas e são sozinhos, pois “todos pertencem a todos” sem se relacionarem afetiva e efetivamente com ninguém. A ciência e a tecnologia são controladas pelo Estado de modo a permanecerem como estão, pois ninguém é estimulado a fazer a sociedade progredir, e sim a manter a estabilidade. Qualquer incentivo à

⁵¹ ““What is the meaning of this? Why aren't you all being happy and good together. Happy and good...At peace, at peace...Oh, I do want you to be happy...I do want you to be good. ”” (p. 258-9)

criatividade poderia ser perigoso por possibilitar o abalo das estruturas do Estado Mundial. Para se evitar qualquer transgressão, a população não tem conhecimento de outro modo de vida que não o que eles vivem: não há memória histórica e nem encorajamento de mudança futura. O Estado Mundial é um eterno presente “feliz”. Dessa forma, o que parece uma sensação de bem-estar social para um personagem da obra é, na verdade, um sentimento de mal-estar para o leitor crítico, uma vez que concebemos a possibilidade de nos localizarmos numa sociedade assim, mesmo que em um futuro distante. Daí, concordamos com Laurence Brander (1970) quando afirma que uma sociedade onde os valores são invertidos mostra a sensação de falta de saída em uma época de guerra, depressão e progresso tecnológico explosivo.

3. O CAOS SISTÊMICO REFLETIDO EM *O CANAL DE EXECUÇÃO*

*The Execution Channel*⁵² (2007), ainda sem tradução para o português, é o décimo romance do escritor escocês Ken MacLeod. Essa obra foi indicada aos prêmios de literatura BSFA (*Best Science Fiction Award*), em 2007; *Campbell Award* e *Clarke Award*, ambos em 2008. Sua importância como romance de ficção científica contemporâneo foi o motivo pelo qual a obra foi escolhida para servir de contraponto com *Admirável mundo novo* neste estudo.

3.1. O contexto histórico e social do início do século XXI

As guerras do Iraque e do Afeganistão são apenas uma parte de um esforço supostamente universal de criação de uma nova ordem mundial por meio da “disseminação da democracia”. Essa idéia não é apenas quixotesca, é perigosa.
(Eric Hobsbawm)

Nove anos transcorridos após o início do século XXI, continuamos a vivenciar conflitos que parecem intermináveis em várias partes do planeta. Um panorama do nosso momento histórico faz-se necessário para a compreensão da análise proposta para o romance *O canal de execução*, de Ken MacLeod, que aborda questões políticas atuais e preocupantes, como o terrorismo, por exemplo.

Levando em conta alguns acontecimentos históricos das últimas décadas, compreendemos que estamos inseridos em um momento delicado da história da humanidade. Isto é, vivemos um período de reorganização mundial sob o domínio de um império econômico e cultural, os Estados Unidos, que estão em constantes conflitos com outras nações. Pode-se dizer que esse novo período teve início a partir do fim da Guerra Fria, tendo tido como marco histórico a queda do muro de Berlim, que simbolizou a derrocada do sistema bipolar mundial. Porém, não se trata de uma reorganização mundial bem definida, como deixam claro Rogério Haesbaert e Carlos Walter Porto-Gonçalves (2005, p. 36): “é impossível ignorar o fato de que a reestruturação atual envolve uma crise profunda na chamada ‘ordem econômica’ internacional.” O Estado-nação está sofrendo um processo de fragilização diante das novas tendências de um mundo globalizado e neoliberal.

Na década de 1980, os Estados Unidos compartilhavam com o Japão e a Europa Ocidental a posição de potência econômica mundial, enquanto que o bloco soviético sofria uma crise econômica por falta de abastecimento e gastos astronômicos em armamentos, o que

⁵² Tradução livre: *O canal de execução*, como será referido a partir deste ponto.

impedia o crescimento da agricultura e da indústria de bens de consumo. A União Soviética, sob pressão externa, deu início, então, a uma reestruturação política e econômica que culminaria com sua extinção e a abertura de mercados para o sistema capitalista. Como consequência, outros países comunistas, que contavam com a ajuda soviética, enfraqueceram econômica e politicamente de modo que tiveram de se reestruturar também, como foi o caso da China. Outros, tais como Cuba e Coreia do Norte, se recusaram a aceitar as mudanças, mantendo seus regimes políticos comunistas.

Segundo os historiadores Ricardo de Moura Faria e Mônica Liz Miranda, o fim da Guerra Fria não trouxe estabilidade, mas sim o surgimento de novos conflitos. A esse respeito, afirmam:

O declínio dos modelos alternativos ao capitalismo liberal deixaria entrever a vitória do modelo ocidental e o mundo caminharia, a partir de então, para uma nova era, marcada pela homogeneização, pela paz. Tudo isso seria possível na medida em que o mundo todo estivesse articulado na ordem capitalista definida pelos Estados Unidos. (2003, p. 87)

Como isso não aconteceu em vários países, em vez de uma paz homogênea, o que houve foi o aumento de conflitos étnicos e religiosos, da exclusão social, do terrorismo, do tráfico de drogas e da violência urbana. Com isso, o novo sistema passa a ser regido pela desestabilização da sociedade e pelo abalo do poder dos Estados. Junto a isso, está o fato de estarmos passando por uma fase de interpenetração cultural com novas migrações e diásporas.

Com o enfraquecimento do Estado-nação, vários papéis antes desempenhados pelos governos passaram para as mãos de entidades particulares. Um dos exemplos desse processo é a formação de diversas organizações não-governamentais, as quais revelam as carências da sociedade em relação ao serviço público. O desamparo generalizado por parte dos governos, o desemprego e o neoliberalismo são alguns dos fatores que impulsionaram o surgimento das ONGs desde a década de 1970. Como o próprio nome deixa claro, essas organizações não pertencem a nenhum governo. Portanto, não têm representatividade política alguma, apenas agem em nome da ética prestando serviços sociais e captando verbas de diversas fontes. Várias dessas ONGs, por exemplo, se empenham em lutar contra problemas ambientais, que têm causado muitos discursos alarmistas sobre um futuro não muito distante.

Todos esses problemas atuais podem ser entendidos fazendo-se um contraponto entre a “Modernidade Fordista”, das décadas de 1920 a 1970, e a “Pós-modernidade Flexível”, a partir da década de 1980, como propõem Haesbaert e Porto-Gonçalves (2005). As principais características de diferenciação apontadas pelos autores são as mudanças de um sistema

hierárquico, homogêneo, universalista, coletivista, centralizado, intervencionista e mecânico para o anárquico, diverso, descentralizado, flexível, individualista, neoliberal e eletrônico que praticamos hoje.

Diante dessas novas tendências, autores como Zygmunt Bauman passaram a considerar a atualidade não como a elaboração de uma nova ordem, mas de uma nova desordem mundial que se deu a partir do colapso dos blocos de poder, desequilibrando a noção de totalidade de um Estado, como o próprio sociólogo observa: “Com o Grande Cisma fora do caminho, o mundo não parece mais uma totalidade e, sim, um campo de forças dispersas e díspares, que se reúnem em pontos difíceis de prever e ganham impulso sem que ninguém saiba realmente como pará-las” (BAUMAN, 1998, p. 66).

Presenciamos um avanço tecnológico acelerado, sem precedentes na história, em consequência de um período de profundas transformações sociopolíticas e grandes descobertas científicas. Boa parte dessas descobertas já faz parte de nosso cotidiano e, dentre os avanços mais importantes, podemos destacar a tecnologia da informática, a exploração espacial, a biotecnologia e os novos meios de comunicação. De maneira implícita, a bomba atômica também é um artefato tecnológico presente em nossas vidas ao manter o medo de uma devastação mundial latente.

A computação mudou a vida da população mundial em diversos setores de maneira notável de modo que as atividades mais triviais do cotidiano passaram a necessitar do computador, como enviar uma mensagem, ver uma imagem, ou ler um jornal. A princípio, essa máquina – que ocupava uma sala inteira – era usada para assuntos militares e corporativos, passando a ser utilizada também nos setores industrial e de serviços. Finalmente, ela se popularizou a partir da década de 1980, quando passou a ser utilizada também como artigo de uso pessoal. Com o desenvolvimento da nanotecnologia, cujo princípio é a construção de materiais a partir de átomos, os computadores se tornam cada vez menores e passam a ser considerados essenciais para a vida do indivíduo pós-moderno. Uma das abordagens dessa tecnologia é a produção de *chips* para equipamentos eletrônicos. Aparelhos portáteis como o *palmtop* e o *iphone* são exemplos de pequenos computadores, com capacidade de armazenamento de dados cada vez maior, que acompanham o indivíduo aonde quer que ele vá. Não podemos deixar de levar em conta a exclusão digital, principalmente em países subdesenvolvidos e ainda em desenvolvimento, como o Brasil. Porém, observamos no presente momento o papel crucial dessas pequenas máquinas em nossas vidas no sentido de

nos mantermos conectados a outras pessoas e aparelhos, o que nos leva a utilizar com cada vez mais frequência essas novas tecnologias que facilitam a interação entre os indivíduos.

Outro setor que avançou amplamente desde a Segunda Guerra Mundial foi a física. Dentro desse campo, merece destaque o desenvolvimento da energia nuclear, que passou a ser utilizada como arma de destruição em massa ao ser estudada e produzida pelo governo norte-americano no início da década de 1940, através do chamado Projeto Manhattan. O cume desse processo foi a explosão da bomba atômica nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em 1945. Com o fim da guerra, a Inglaterra, a União Soviética e a França também passaram a fazer testes usando a tecnologia nuclear. Assim, o mundo passou a temer um tipo de arma com alto poder de destruição. Durante toda a Guerra Fria, a polarização política mundial – EUA x URSS – fez com que esses países estocassem armas nucleares à espera de um conflito envolvendo os mundos capitalista e comunista. O temor de uma terceira e última guerra mundial permanece até hoje, embora de maneira mais discreta. Porém, recentes testes nucleares feitos pela Coreia do Norte e avanços no programa nuclear do Irã têm causado discussões acaloradas sobre o assunto e chamado a atenção de autoridades mundiais.

Uma segunda área da física que evoluiu bastante nas últimas décadas foi a astronomia, que, após a ida do homem à lua, em 1969, nos trouxe ao início da era espacial. A *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) trabalha para a exploração do espaço, a fim de conhecer a estrutura físico-química de outros planetas e detectar a possibilidade de existência de vida prévia em suas atmosferas. Os Estados Unidos são seguidos nessa tecnologia pela Rússia e, atualmente alguns países emergentes se destacam ao lançarem-se na corrida espacial, tais como a China.

Os avanços tecnológicos, juntamente com o declínio de regimes comunistas em vários países, levaram as cidades a se desenvolverem industrialmente e a população urbana a crescer de forma acelerada. Esse crescimento, obviamente, deveria ocasionar reformas de infraestrutura nos grandes centros urbanos a fim de se adaptarem às novas necessidades da sociedade. Pois, com o aumento da industrialização e da população urbana, crescem também o número de veículos circulando nas ruas, o consumo de energia elétrica e a produção de lixo. Como consequência, a poluição se agrava e se torna um grave problema social.

Os meios de comunicação e informação também passaram por um grande avanço nos últimos vinte anos, fazendo parte cada vez mais da vida das pessoas. As comunicações globais criaram um novo espaço – o cibernético – que parece assumir o papel de segunda morada dos cidadãos que o utilizam. Como argumenta Adriana Bacellar Leite e Santos:

A eletrônica, a cibernética e a automação, características dos processos produtivos da economia atual, afetaram profundamente, a partir da segunda metade do século XX, a visão do Homem [sic] de si mesmo e dos outros, bem como a sua experiência de vida, e têm impregnado, há pelo menos três décadas, o imaginário individual e coletivo de uma sociedade ávida por informação, lazer e satisfação. (2003, p. 49)

A tecnologia nesses setores abriu caminho para diversas outras fontes de obtenção de informação e de produção de comunicação. Além da televisão, do rádio, do telefone e da imprensa escrita, agora também temos a internet – com ou sem fio – através do telefone celular, do *ipod*, do *laptop* e de outros artefatos eletrônicos com os quais podemos nos comunicar, nos entreter e escolher as informações que queremos obter. Com isso, o sujeito tem à sua frente um mundo virtual infinito através do qual pode fazer várias coisas ao mesmo tempo. Grande parte da população mundial está cada vez mais “conectada” à rede de computadores, realizando ações como escrever para alguém, fazer uma transação bancária e ler os jornais do dia.

Encontramo-nos em uma era marcada pelo avanço revolucionário dos meios eletrônicos de comunicação levando o homem a um mundo globalizado. As informações chegam aos indivíduos em tempo real, habilitando-os a diminuir distâncias geográficas e barreiras temporais. A comunicação passou a significar também associação com o próximo, uma relação que se mantém independentemente da localização dos indivíduos envolvidos. Estar bem informado não significa apenas receber informação, mas também (re)transmiti-la e dominar as novas tecnologias disponíveis em um leque de possibilidades.

A partir da década de 1990, o ritmo do avanço da mídia de massa vem aumentando de maneira significativa, redefinindo seu papel na sociedade e oferecendo diversas possibilidades de escolha ao sujeito. A transmissão ao vivo da Guerra do Golfo, por exemplo, marcou o início dessa nova fase da imprensa, que parece ter o compromisso com a transmissão sem censura de cenas da realidade que antes não eram televisionadas por serem consideradas agressivas. A questão agora deve ser pensada no sentido de indagarmos se essa exposição de imagens tidas como violentas ao extremo não estaria tornando banal a realidade mostrada a nossos olhos. Apesar de possuímos a escolha de assistirmos ao que nos agrada – ou não assistirmos a nada –, Santos (2003, p. 92) afirma em relação ao papel da televisão em nossas vidas: “o grande mal-estar é a onipresença dessa grande máquina na vida moderna, e a capacidade que ela tem de fazer crer que não há vida fora de seus sistemas digitais”. Luhmann (2005) também aponta para questões importantes sobre o assunto em *A realidade dos meios de comunicação*, onde categoriza os meios de comunicação em três setores: notícias e

reportagens; publicidade; e entretenimento. Nessa obra, observamos o destaque para uma característica primordial desses meios de comunicação:

É decisivo, em todos os casos, o fato de *não poder ocorrer, nas pessoas que participam, nenhuma interação entre emissor e receptor*. A interação torna-se impossível pelo fato de ocorrer a interposição da técnica e isso tem consequências de longo alcance que definem para nós o conceito de meios de comunicação. (...) Por meio da interrupção do contato direto garante-se, por um lado, o alto grau de liberdade da comunicação. (...) Por outro lado, atuam dois seletores: a disponibilidade para comunicar e o interesse em sintonizar. (LUHMANN, 2005, p. 17, grifo do autor)

Embora existam formas de interação entre espectador e notícia, Luhmann quer dizer que esta é formatada e editada para transmitir uma construção da realidade enquanto que aquele recebe a informação, podendo tomá-la como verdadeira ou não. Devido à variedade de fontes que possuímos hoje para nos mantermos informados – a saber, livros, revistas, jornais, rádio, televisão e internet – encontramos, não raro, discrepâncias entre algumas delas sobre o mesmo assunto de modo que não sabemos em quem devemos confiar.

É dessa maneira que nos indagamos como é feita a construção do real sobre um determinado evento: como se produzem e reproduzem certas notícias, manipulando-as de acordo com um determinado ponto de vista, muitas vezes fazendo com que essas versões do real impliquem, por exemplo, valores morais. Assim, os meios de comunicação não só desempenham o papel de veicular informações, mas o de formar opiniões sob determinado prisma.

Foi inclusive através da mídia que, no início deste século, pela primeira vez, presenciamos um ataque estrangeiro em território estadunidense. Apesar de as consequências do Onze de Setembro de 2001 não terem sido devastadoras economicamente para os Estados Unidos, o que marcou a população foi o trauma do ataque e o medo de um inimigo invisível infiltrado em seu território. O evento foi considerado a maior investida terrorista em solo norte-americano e visto como um marco histórico, pois mostrou que a superpotência econômica mundial podia ser vulnerável a investidas terroristas. Isso remete ao que Bauman afirma a respeito de terrorismo: “O conceito de ‘terrorismo’ fica particularmente conveniente quando alguém em algum lugar decide resistir à opressão com uma arma na mão, ainda mais se resistem aos governos que há muito tempo deixaram de resistir ao ‘programa globalizante’ norte-americano de livre-comércio e fronteiras abertas” (2008, p. 258).

Desse modo, não se pode falar em terrorismo sem mencionar os ataques de Onze de Setembro, que causaram a morte de 2.752 pessoas só no *World Trade Center*, além de 189 no

Pentágono e 44 do avião que caiu no oeste da Pensilvânia. Outros pequenos ataques terroristas já haviam ocorrido nos Estados Unidos em anos anteriores, tais como a explosão de uma bomba no estacionamento do *World Trade Center* em 1993 e a explosão de um carro bomba em um edifício federal em Oklahoma em 1995. Além disso, embaixadas e embarcações norte-americanas também sofreram ataques nas duas últimas décadas em outros territórios. Vários desses atentados, inclusive os de Onze de Setembro, foram atribuídos a Osama bin Laden e à organização Al Qaeda, que Meihy (2005, p. 13) descreve como: “organismo de base religiosa fundamentalista, acusado de treinar terroristas que defendem o islã contra a invasão ocidental.” O historiador ainda afirma que o desenvolvimento da Al Qaeda deve-se, paradoxalmente, à Central Americana de Inteligência (CIA). Isto porque, durante a Guerra Fria, guerrilheiros islâmicos do Afeganistão, os talibãs, foram recrutados, como aliados dos Estados Unidos, para combater a União Soviética. Ao fim da dominação soviética, em 1989, Osama bin Laden já era líder dos talibãs e contava com o apoio estadunidense. Porém, com a Guerra do Golfo (1991-92), os talibãs mudaram sua posição em relação aos Estados Unidos, não admitindo sua presença no Golfo Pérsico e países vizinhos. A partir daí, o grupo passou a assumir atentados terroristas e, por não fazer parte de nenhum governo, passou a ser considerado “inovador”, pois, ainda de acordo com Meihy, “até ele os atentados eram sempre resultados de ações governamentais localizadas e não de grupos paranacionais” (2005, p. 22).

Chegamos então, ao mundo atual, em que, de acordo com Hobsbawm (2008), as operações armadas não pertencem mais essencialmente aos governos, mas a grupos civis, que se mostram cada vez mais violentos. Essa constatação se deve não só ao terrorismo, mas também à eclosão de guerras e conflitos ao longo de todo o século XX, cujo “efeito é amplificado pela globalização” (2008, p. 24). Foi também nesse período que a oposição entre guerra e paz se tornou obscura ou relativa, pois constantes conflitos armados de diferentes origens não são considerados “guerras”. Grupos armados não oficiais passaram a deter poderio bélico, desafiando forças armadas militares e desestabilizando políticas oficiais de poder.

Como uma consequência desse aumento do poder armado em mãos particulares, está a aceitação dos níveis de violência e de ações não institucionais nas vidas pública e privada. Os motivos para tal admissão são diversos e justificados pelos grupos que cometem atos violentos: o fanatismo religioso, questões de etnia, a xenofobia, entre outros. Como exemplo de grupos desse tipo, podemos obviamente citar a Al Qaeda, que é um movimento descentralizado, não vinculado ao governo e que não necessita de base territorial ou recrutamento compulsivo para a sua continuação.

Ao tomar a violência como um ato corriqueiro e aceitável, a sociedade em geral se depara com a imagem da violência sem constrangimento através de sua divulgação na imprensa. Isso porque, “a exposição das ameaças à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de massa (incrementando assim o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital medo)” (BAUMAN, 2009, p. 55). O Onze de Setembro, por exemplo, contou com transmissão ao vivo e detalhada, o que transformou o desastre em um conjunto de cenas cinematográficas. Com isso, como aponta Meihy (2005, p. 81), “o terrorismo como espetáculo fixou em nossas mentes o risco de viver sem diálogo e sob a pressão de relações que pensam resolver tudo com o poderio de armas.” O impacto sociopolítico causado pelo evento foi tão forte que, após os ataques, o governo Bush “passou a ser medido pelos resultados daquele ato terrorista que marcou toda a tomada de posição futura da política norte-americana” (Idem, p. 47).

Com a popularização da internet como espaço público e privado, surge também um novo tipo de terrorismo: o terror digital. O *Washington Post*, em sua versão *online*, de 08 de julho de 2009, relatou uma onda de ataques a *web sites* comerciais e governamentais norte-americanos e sul-coreanos durante os cinco dias anteriores à publicação da notícia. *Hackers* invadiram as páginas, infectando-as, de modo que ficaram indisponíveis ou sobrecarregadas por algumas horas. Representantes dos serviços de inteligência de ambos os governos acusaram a Coreia do Norte pelas invasões, alegando que os códigos utilizados pelos invasores estavam em coreano. O problema foi solucionado com programas-vacina e monitoramento das redes envolvidas.

O *Jornal do Brasil*, de 19 de julho de 2009, publicou artigos sobre o assunto, promovendo um debate. Segundo a jornalista Joana Duarte, “para enfrentar essas e outras ‘ciberameaças’”, o governo dos EUA estaria providenciando a abertura de um departamento autônomo de defesa digital na Casa Branca, associado à Agência de Segurança Nacional e ao Conselho Econômico. Tal decisão aponta para a polêmica questão da falta de privacidade de cidadãos civis ao usarem a rede. O advogado Nehemias Gueiros Júnior, especializado em direito da internet, aponta para outro fator preocupante, a rapidez com que o caos pode ser instalado em uma economia através da infecção de programas de computadores. O advogado especialista em inteligência, Joanisval Brito Gonçalves, acrescenta ainda que o mundo virtual será o cenário em que guerras serão travadas no século XXI, pois estamos completamente dependentes da tecnologia da informação.

Quanto mais impactante é a divulgação de uma notícia, mais audiência e atenção ela atrai. O terrorismo utiliza esse artifício para se fortalecer e se manter na mente do público,

gerando um clima geral e constante de medo. Como conclui Hobsbawm (2008, p. 151), “na prática, o perigo real do terrorismo não está no risco causado por alguns punhados de fanáticos anônimos, e sim no medo irracional que suas atividades provocam e que hoje é encorajado tanto pela imprensa quanto por governos insensatos.” Ou seja, a crescente violência não oficial impulsionada por atos terroristas caminha de mãos dadas com o impacto psicológico causado pelo terror visual.

A tortura faz parte também do exibicionismo terrorista. Tendo sido condenada em diversos países a partir da segunda metade do século XX, não se pode negar que ela ainda é um fato presente em diversas sociedades, sob formas de governo ou grupos terroristas. Vincent (1987, p. 231) ressalta que “a história da tortura pertence à história do segredo, de um duplo segredo: tortura-se para extorquir o segredo, mas o fato de torturar, por sua vez, converte-se em segredo”. Porém, essa observação parece não ser mais tão verdadeira no início do século XXI, em que sequestradores e terroristas exibem, através de gravações de vídeos caseiros e aparelhos celulares, suas vítimas sendo torturadas. Assim, além do sofrimento físico da vítima, abala-se psicologicamente a população através do medo. Eis o que Vincent chama de “ambivalência do homem” que “desembarca na lua, cria o coração artificial, aumenta em várias décadas a expectativa de vida, mas inventa modos de torturar, de destruir a psique, de ‘desorientar’ seu próximo, cada vez mais sofisticados e eficientes, que muitas vezes nem deixam vestígios” (1987, p. 234).

A violência, como observa Bauman (2008), não é exclusividade de atos terroristas, mas se baseia em toda ação que obriga as pessoas a agirem contra sua própria vontade através da dor. Além da coerção, outro agente do medo é a imprevisibilidade de acontecimentos chocantes e do comportamento humano, o que torna o homem pós-moderno um ser cada vez mais sem confiança no ambiente em que vive, pois: “o mundo está cheio de acidentes e surpresas, não se deve nunca diminuir a vigilância ou abandonar as armas” (BAUMAN, 2008, p. 180). Esse estado de alerta constante contribui para a sensação de insegurança e desconfiança dos indivíduos em relação aos outros.

Em um mundo globalizado, o ser humano passa a conviver cada vez mais com o estrangeiro de modo que as culturas se entrelaçam e se diversificam. No entanto, não são todos que consideram essa coexistência como positiva, temendo a perda da identidade nacional e da soberania de seu povo. Os locais onde essa mistura se encontra mais intensamente são as grandes cidades, as quais estão mais populosas e multilaterais a cada ano que passa, abrigando em seu território diversidades étnicas, religiosas, culturais e até mesmo linguísticas. Bauman salienta que “as cidades, nas quais vive atualmente mais da metade do

gênero humano, são de certa maneira os depósitos onde se descarregam os problemas criados e não resolvidos no espaço global” (2009, p. 78). O convívio com o outro, de maneira maciça dentro do nosso espaço, gera, em um mundo de medo da violência e do terror, a aversão ao estrangeiro. Sabe-se que a xenofobia é causa de conflitos e agressões em diversas partes da Europa e dos Estados Unidos, por exemplo.

Até o início do século XX, a sociologia e outros campos científicos consideravam o indivíduo um ser uno, racional, capaz de justificar suas ações por explicações coerentes e razoáveis. A partir da Segunda Guerra Mundial, quando também passam a surgir outras concepções a respeito da identidade humana nas áreas da sociologia, da psicologia e da arte, o homem começa a ser visto como um sujeito fragmentado e multifacetado.

A arte pós-moderna questiona a identidade individual do ser contemporâneo através da complexidade que é o ser humano, pois em todos os sentidos o indivíduo se desdobra em vários, psicológica, mental e emocionalmente. Segundo Stuart Hall (2001), vivemos em uma sociedade em constante, rápida e permanente mudança onde cada indivíduo vive um papel híbrido e global. Como podemos observar a seguir, Hall vincula a globalização ao processo de fragmentação do sujeito pós-moderno:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (2001, p. 75, grifo do autor)

Dessa desvinculação de identidade fixa que vive o sujeito contemporâneo, ocorre uma consequência importante, a produção de novas identidades, justamente o que explica a pluralidade do ser em relação ao tempo e ao espaço em que reside. A incerteza do indivíduo em relação às suas próprias e exclusivas características na sociedade – e sobre seu futuro – leva o homem a questionar qual papel a desenvolver, qual identidade assumir e por quanto tempo conservá-la nos ambientes nos quais transita. Sobre isso, Bauman afirma:

O controle sobre o presente, a confiança de estar no controle de seu próprio destino, é o que mais falta às pessoas que vivem em nosso tipo de sociedade (...). Nossas dependências agora são de fato globais. No entanto, nossas ações são, como antes, locais (...) a política continua confinada à estrutura dos Estados-nação. (2008, p. 189-90)

A identidade pós-moderna é definida cultural e historicamente, sendo que nossas identificações são constantemente deslocadas de acordo com nossas vivências em relação às

outras pessoas e aos acontecimentos sociais que nos rodeiam. Esses deslocamentos são propiciados, como apontam Hall e Bauman, pelo fato de vivermos em uma aldeia global que inevitavelmente reúne indivíduos provenientes dos mais diversos locais. Terry Eagleton (1998) contribui para esse pensamento ao afirmar que o sujeito pós-moderno é, ao mesmo tempo, livre e determinado, categorizando-o paradoxalmente. O indivíduo é livre por ser constituído “por um conjunto difuso de forças”, pois pode trilhar o caminho que lhe convier; e é determinado porque “o poder, o desejo, as convenções ou as comunidades interpretativas nos moldam, sem que possamos evitá-lo, a comportamentos e crenças específicas” (EAGLETON, 1998, p. 89).

3.2. Ken MacLeod: o escritor pós-moderno

O futuro dos temas políticos em ficção científica é de certa maneira dependente dos desenvolvimentos políticos do mundo real, os quais à época da escrita estão em considerável fluxo.
(Ken MacLeod)

Ken MacLeod nasceu em 1954, na cidade de Stornoway, Escócia. Sua família mudou-se para uma cidade industrial chamada Greenock em 1964, período em que começou a ler livros de ficção científica. Na adolescência, escreveu histórias do gênero, enviando-as para editoras. Seus textos foram recusados por revistas como *New World* e *Interzone*. Somente em 1987, MacLeod começou a escrever seu primeiro romance, *The Star Fraction*, o qual foi publicado em 1995.

Em 1976, além de formar-se em Zoologia pela Universidade de Glasgow, iniciou curso em biomecânica na Universidade de Brunel, na Inglaterra. Antes de se tornar um escritor em tempo integral na década de 1990, trabalhou como programador de computação. Casou-se em 1981 e teve dois filhos. No momento, mora com a família em West Lothian. Após o sucesso de seu primeiro livro, vencedor do prêmio literário *Prometheus Award*, de 1996, MacLeod ganhou um contrato de dois anos para continuar escrevendo. O êxito se repetiu com *The Stone Canal* (1996), *The Cassini Division* (1998) e *The Sky Road* (1999). Suas quatro primeiras obras são conhecidas como “Fall Revolution Series”, uma série que explora basicamente assuntos como o comunismo, o socialismo e o liberalismo.

Em 1998, lançou no periódico *Revolution*, o ensaio “Science Fiction after the Future Went Away”, em que faz considerações a respeito das tendências da literatura de ficção científica pós-moderna, após a chamada “New Wave” dos anos 1960, passando pelo início do

Cyberpunk nos anos 1980. Ele chama o período em questão – fim dos anos 1990 – de ‘ficção científica pós-socialismo’. Após citar alguns autores e suas respectivas correntes, MacLeod chega à conclusão de que a ficção científica contemporânea, de maneira geral, é motivada pela discussão do pós-humano: seja pela miscigenação com alienígenas ou pela emergência da inteligência artificial. Segundo pensa, a preocupação é basicamente sobre a coexistência do progresso tecnológico com a estagnação social que vivemos, o que reflete um mundo fragmentado e instável.

Em seguida, veio a série chamada de “Engines of Light Trilogy”, contendo os romances *Cosmonaut Keep* (2000), *Dark Light* (2001) e *Engine City* (2002). A primeira obra da série começa com uma oposição política entre Comunismo (representado pela União Européia e a União Soviética reorganizada) e Capitalismo (os Estados Unidos) na metade do século XXI. A história continua em um império interestelar, onde diferentes espécies de seres vivos se relacionam e viajam de um mundo ao outro à velocidade da luz.

Em *The Cambridge Companion to Science Fiction* (2003), há um texto de Ken MacLeod, titulado “Politics and Science Fiction”, no qual afirma que a ficção científica é a literatura do progresso e que sua filosofia política é essencialmente liberal. O escritor cita exemplos de romances contemporâneos do gênero, discutindo suas principais características. Nesse ensaio, menciona questões relativas ao ciberespaço, ao feminismo, à política de esquerda e à anarquia como sendo elementos em constante discussão em obras de ficção científica. Para o escritor, o indivíduo pós-moderno já se familiarizou com as revoluções populares como se elas fossem meras imagens de televisão. A internet funciona, segundo ele, como um ambiente anárquico pela mistura de iniciativa privada e espaço público e pela dificuldade de censura e de responsabilização do que nela é publicado. Isso quer dizer que tanto governos quanto empresas particulares e indivíduos podem disponibilizar informações e serviços na rede, oficial ou anonimamente, através de ambientes virtuais seguros ou não.

Depois da trilogia “Engines of Light”, o escritor lançou *Newton’s Wake* (2004), *Learning the World* (2005) e *The Highway Men* (2006), além de contos dentro do gênero. Até então, MacLeod se estabelecia como um escritor de ficção científica seguindo as linhas “Space Opera” e “Hard Science Fiction”, que se definem, respectivamente, como: histórias de aventura no espaço sideral, utilizando naves espaciais, viagens e conflitos interestelares como elementos; e histórias especulativas sobre experimentos científicos, que servem como meios de popularização do pensamento científico em detrimento de superstições populares (STABLEFORD, 2006).

Em 2007, MacLeod publica *O canal de execução*, romance que selecionamos para nosso estudo. Em 2008, deu lume a *The Night Sessions* e atualmente escreve um romance intitulado *The Restoration Game*.

3.3. A representação do presente em *O canal de execução*

O futuro representado em O canal de execução está longe da pior possibilidade.
(Ken MacLeod)

O romance *O canal de execução*, apesar de se enquadrar na vertente da ficção científica da história alternativa, também pode ser considerado um romance que apresenta um plausível futuro próximo. Desse modo, é possível fazer uma comparação entre a narrativa e o mundo real, sendo que ambos estão mergulhados em uma desordem política, que inclui ataques aparentemente terroristas, além da divulgação de teorias da conspiração, como também de contrainformações através da internet. No decorrer da história, problemas ambientais e o crescimento econômico de países como China e Índia também são mencionados. Trata-se de uma narrativa que remete o leitor ao mundo que o cerca, isto é, a acontecimentos e características da contemporaneidade. Além do terrorismo e de tudo o que ele acarreta, a narrativa também trata de questões como tecnologia, ciência, consciência individual e poluição.

Em entrevista concedida a Paul Raven⁵³, Ken MacLeod contou como surgiu a ideia de escrever uma obra como *O canal de execução*, já que é conhecido como escritor de outras vertentes de ficção científica. Ele disse que gostaria de escrever uma catástrofe provável, que contivesse elementos realmente temidos por nossa sociedade, tais como: ataques nucleares, terrorismo, tortura e violência. Em outra entrevista, conduzida por Frank Dudley⁵⁴, afirmou que não se considera pessimista em relação ao futuro distante, mas sim ao futuro próximo. A crise ambiental, a tensão entre poderes e a crise econômica internacional são alguns dos fatores que o levam a pensar dessa forma. MacLeod admitiu que a escrita desse romance é consequência de dez anos de raiva acumulada em relação ao estado em que o mundo se encontra.

A história se passa na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos e começa com James Travis, um programador de softwares, recebendo um telefonema de sua filha, Roisin, uma ativista pacifista, dizendo ao pai que está bem. Só então ele fica sabendo que ela testemunhara

⁵³ Entrevista ao *website Sfsite.com*, em fevereiro de 2007.

⁵⁴ Entrevista ao *website Phantastik-Couch.de*, em junho de 2007.

uma explosão, cuja origem não se sabe, mas que provavelmente fora causada por uma bomba nuclear ou um ataque terrorista de outra ordem. O local em que isso acontecera – em uma base das forças aéreas britânica e americana, situada na cidade escocesa de Leuchars – contribuiu para intensificar as especulações, como também para elevar o nível de apreensão a respeito do ocorrido.

Travis também tem um filho, Alec, um soldado do exército britânico, que está em uma missão no Casaquistão. Mais tarde, descobrimos que Travis é um agente secreto do serviço de inteligência francês, do qual passará a fugir junto com seu parceiro Gauthier. Ao ser descoberto como espião do governo francês, Travis passa a ser perseguido pelo grupo MI5, que é uma organização de serviço secreto existente no Reino Unido desde 1909, quando foi fundada com o nome de “Secret Service Bureau”, visando naquele momento combater operações de espionagem alemã. Para que possamos melhor conhecer a que se propõe o MI5, vejamos a maneira como seu objetivo é descrito em sua página oficial na internet⁵⁵:

O Serviço de Segurança é responsável por ‘proteger o Reino Unido contra ameaças à segurança nacional feitas através de espionagem, terrorismo e sabotagem, atividades de agentes de forças estrangeiras, e ações intencionadas a subverter ou minar a democracia parlamentar por meios violentos, industriais ou políticos.’ O MI5 considera como ameaças o terrorismo internacional, a proliferação de armas de destruição em massa, a espionagem e investidas ilegais contra a democracia.⁵⁶

No romance de MacLeod, o papel exercido por essa organização é muito importante, principalmente na investigação que é conduzida após algumas estradas terem sido detonadas e interditadas na cidade escocesa de Grangemouth, e na inglesa de Birmingham. Em Grangemouth, funciona uma grande refinaria de petróleo e, em Birmingham, segunda maior cidade da Inglaterra, encontra-se um importante aeroporto internacional e várias interseções de autoestrada. Esses acontecimentos são prontamente apontados como sendo de responsabilidade da Al Qaeda. A partir daí, surgem diversas especulações a respeito do que ocorreu, já que nenhum grupo ou governo assume a autoria dos ataques e da explosão. Governos de diversos países e grupos de diferentes setores culpam uns aos outros sem qualquer evidência. Seguem-se novas explosões em outras interseções e refinarias europeias, aumentando o clima de pânico.

⁵⁵ <https://www.mi5.gov.uk>

⁵⁶ “The Security Service is responsible for ‘protecting the UK against threats to national security from espionage, terrorism and sabotage, from the activities of agents of foreign powers, and from actions intended to overthrow or undermine parliamentary democracy by political, industrial or violent means.’” (In: <https://www.mi5.gov.uk/output/what-we-do.html>)

No decurso da narrativa, o leitor descobre, através de descrições do narrador, que a degradação ambiental em países como a China chegou a níveis tão irreparáveis que foi necessária a construção de ecocidades. Nessas cidades foram construídas cúpulas que se fecham quando há aproximação de alguma tempestade. O calor em vários lugares é tão insuportável que o uso de ar condicionado é constante e o sol pode chegar a ser sentido como uma ferroada, como podemos observar no seguinte trecho⁵⁷:

Após alguns minutos, Roisin sentiu uma *ferroada não-familiar* em suas panturrilhas, e desejou ter levado consigo um filtro solar enquanto tivera a chance. Pegou o creme Nano, que aliviou um pouco sua pele. Levantou-se e foi para a sombra do ponto de ônibus.⁵⁸ (p. 45, grifo nosso)

Através do *blog* de um personagem chamado Mark Dark, ficamos sabendo que a história recente norte-americana é um pouco diferente da que conhecemos: as eleições de 2000 foram vencidas por Al Gore; os ataques de Onze de Setembro não atingiram o *World Trade Center*, mas outros prédios importantes norte-americanos – como a *State House*, em Massachussets, e o *Independence Hall*, na Filadélfia; e Bin Laden foi morto por mísseis enviados pelo presidente dos Estados Unidos.

Essa maneira de (re)contar eventos reais coloca a narrativa em questão na corrente da ficção científica chamada de história alternativa, em que diferentes possibilidades históricas são criadas pelo autor do romance para que se possa especular sobre o que poderia ter sido diferente e criticar nossa própria realidade. No caso de *O canal de execução*, apesar de George W. Bush ter perdido as eleições, nada mudou em relação a conflitos mundiais envolvendo as nações comunistas emergentes, o Oriente Médio e os Estados Unidos.

Quase que imediatamente após a suposta explosão nuclear em Leuchars, surgem na internet as seguintes versões do fato:

A posição oficial era a de que foi um acidente com uma arma tática nuclear.
 A posição semi-oficial era a de que foi um acidente com uma arma nuclear terrorista capturada no Irã.
 A posição não-oficial era a de colocar a culpa na Al Qaeda, nos franceses, nos russos e nos chineses, juntos ou separadamente.
 A teoria da conspiração elegida era a de ligá-la à história fabricada, há muito tempo, sobre o OVNI do Mar do Norte.⁵⁹ (p. 35)

⁵⁷ Todas as passagens do romance citadas em português são traduções próprias, feitas a partir do original em inglês da edição: MACLEOD, Ken. *The Execution Channel*. London: Orbit, 2007.

⁵⁸ “After a few minutes Roisin felt an unfamiliar sting on her calves, and wished she had picked up some sun cream while she’d had the chance. She dug out the Nano cream, which soothed her skin a bit. She stood up and shifted to the shade of the bus shelter.”

⁵⁹ “The official position was that it was an accident with a tactical nuclear weapon. The semi-official position was that it was an accident with a terrorist nuke captured in Iran.

Em relação à escolha de modificar os fatos históricos ocorridos a partir do ano 2000 no romance em tela, Ken MacLeod afirma que a questão levantada por essa opção é que os últimos acontecimentos internacionais independem da figura de um presidente em particular e que, se os democratas tivessem vencido as eleições do início do século, eles também teriam optado pela guerra e pela manutenção de tropas americanas no Oriente Médio. Dessa forma, podemos tomar como plausíveis certos acontecimentos políticos e econômicos sugeridos pelo autor em seu romance. Um deles é a crescente presença da mídia eletrônica e de outros meios de comunicação em nossas vidas influenciando nossas mentes e até mesmo impulsionando a ocorrência de fatos capazes de mudar o curso da história.

Ken MacLeod, em entrevista a mim concedida⁶⁰, classifica o romance em questão como uma obra de ficção científica de futuro próximo, não de realidade alternativa, pois, apesar das alterações históricas, ele acredita ser o futuro retratado no romance o nosso possível futuro, independentemente dos acontecimentos reais de 2001.

Quando indagado sobre a frase de efeito presente na capa do livro – “A guerra contra o terror acabou. O terror venceu”⁶¹ – ele diz referir-se à maneira como governos encaram a ameaça terrorista, isto é, como algo que recebe muito destaque e que se deve combater através da guerra. MacLeod também diz concordar que toda história de ficção científica é “datada” e que, no caso de *O canal de execução* isso é bem óbvio, pois apresenta diversas referências diretas a eventos históricos contemporâneos, assim como ocorre em várias outras obras de sua autoria. Acreditamos que uma obra seja datada no que diz respeito à sua composição, o que não impede que ela possa ser lida, interpretada e revisitada gerações após sua construção, tornando-se uma expressão literária essencial para o entendimento da literatura e da sociedade como um todo em sua posteridade.

O clima de paranoia, incerteza e insegurança percorre toda a narrativa, levando personagens a tomarem atitudes inesperadas e a chegar a conclusões equivocadas em relação aos acontecimentos que norteiam a história. Além da família de Travis, alguns grupos militantes têm suas ações acompanhadas pelo leitor ao longo da trama. Cada núcleo contribui para o ambiente de desconfiança e para a criação de muitas “verdades” de acordo com o que presumem ter acontecido. Dois grupos secretos governamentais se ocupam de contaminar informações *online* com contra-informações e de descobrir o que está acontecendo por trás

The unofficial position was to blame AQ, the French, the Russians and the Chinese, together or severally. The designated conspiracy theory was to link it with the long-running North Sea UFO cover-up story.”

⁶⁰ Entrevista concedida por e-mail em 26/08/2009 - Vide anexo.

⁶¹ “The war on terror is over. Terror won.”

dos supostos ataques ocorridos na Europa. O primeiro é o MI5 e o segundo é formado por trabalhadores do Escritório de Serviços de Informação dos Estados Unidos, cujo objetivo é divulgar falsas informações na internet, criando rumores sobre fatos ocorridos a fim de encobrir a verdade em nome da segurança nacional e internacional.

Além desses grupos, indivíduos também contribuem para a disseminação de idéias conspiratórias e troca de informações extraoficiais com o intuito de desvendar o mistério das explosões, ilustrando bem a iniciativa pessoal em busca da verdade. Como exemplo, podemos citar o conspirador civil norte-americano chamado Mark Dark, cujo *blog*, mencionado anteriormente, é utilizado para a publicação de especulações políticas. Ele troca informações com Mad Jack Armitage, pseudônimo de um dos companheiros de Roisin, chamado Norman Cunningham, praticante de fotografia aeronáutica.

Poucos minutos antes de assistir à explosão misteriosa, Roisin recebe uma mensagem de seu irmão, alertando-a sobre um perigo: “Saia da base o mais rapidamente possível Rosh espere grande varredura de segurança a qualquer momento quero dizer AGORA!!! Bjs”⁶² (p. 10). A seguir, na companhia de Mad Jack e de sua outra companheira, Claire, Roisin fotografa o equipamento que explodiu. Ao possuírem fotografias de tal natureza, eles pensam em divulgá-las. Porém, sabem que não seria fácil justificar o registro de algo que parece secreto, e que a manutenção desses documentos poderia até ser ilegal. Outra questão seria onde divulgar as imagens. O grupo pensa em canais e *websites* confiáveis e páginas anônimas. Contudo, decidiram fugir e esperar um pouco antes de tomarem uma decisão, mesmo porque não sabiam ao certo do que se tratava. Várias possibilidades são concebidas sobre a explosão. Dentre elas, um acidente, um experimento científico, um teste nuclear, um ataque terrorista, sabotagem, uma nave espacial e, até mesmo nada que deva merecer tamanha importância. Todas elas são levantadas ao longo da história não só pelo grupo de Roisin, como também por governos, pela imprensa e pelos conspiradores do ciberespaço.

A partir daí, passam a ser perseguidos e resolvem se separar e fugir. No entanto, Roisin é capturada e interrogada por Maxine Smith, uma agente do grupo MI5. Dando poucas informações úteis, ela é liberada e, em seguida, toma conhecimento de seu afastamento do grupo antiguerra ao qual pertencia. Após se perguntar por que havia sido detida e solta, pensa em sua família e chega à conclusão de que, na verdade, o MI5 queria chegar até seu pai através dela, como podemos observar na seguinte passagem: “Não havia sido solta para desestruturar o movimento antiguerra, nem para ser seguida até um inexistente manipulador

⁶² “Get away from that base asap Rosh expect big security sweep any minute I mean NOW!!! Xxx”

estrangeiro. Não estava sendo afastada do movimento para encobrir nada, mas para revelar algo. Não tinha nada a ver com política. Era ela; sua vida; seu ser”⁶³ (p. 148). Esse pensamento da personagem pode ser entendido com uma reflexão sobre a conscientização do indivíduo pós-moderno em relação a si mesmo no mundo em que vive. A importância dada a Roisin a leva, nesse momento, a se inteirar de seu papel na sociedade como um ser que contribui positiva ou negativamente para as mudanças sociais ou políticas que podem afetar a todos.

A dúvida do indivíduo em relação a seu posicionamento perante os acontecimentos à sua volta nos mostra o quão fragmentado e múltiplo é o ser humano. Essa multiplicidade está representada na obra metaforicamente através, principalmente, de Roisin e de Travis, os quais precisam se disfarçar, mudar de identidade e de planos ao longo da narrativa. Apesar de o próprio autor do romance não admitir essa alusão, fica óbvio que seus personagens são claras ilustrações do indivíduo pós-moderno, pois, como afirma Hall (2001, p. 13), “na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Roisin se disfarça ao se separar de seus companheiros e quando precisa fugir. Seu pai, além de disfarces, faz uso de diversas identidades falsas conseguidas através de engenharia social, que consiste em uma forma fraudulenta de se obter informações secretas ou particulares por telefone ou e-mail, por exemplo. Esse tipo de criminoso se faz passar por algum prestador de serviço, tais como um gerente de banco ou um operador de empresa de cartão de crédito, manipulando a vítima de modo que ela forneça senhas, além de outros dados pessoais.

A identidade nacional em um mundo globalizado é outro assunto que faz parte do questionamento de personagens de *O canal de execução*. O indivíduo não sente mais a obrigação de ser fiel a seu país de origem e pode, inclusive, rejeitá-lo. Além disso, migrações frequentes podem levá-lo a se tornar um cidadão do mundo. O caso de James Travis é uma ilustração muito clara dessa situação, pois ele é um britânico que trabalha secretamente para a França e despreza seu país, como fica evidente na seguinte passagem:

Ele não tinha nenhuma consideração especial pela França. O que ele gostava da França era o fato de ela ser francesa. O que ele odiava na Inglaterra era o fato de

⁶³ “She had not been released to disrupt the antiwar movement, nor to be tailed back to some non-existent foreign handler. She was not being frozen out of the movement to cover up anything, but to reveal something. It was nothing to do with the politics. It was all about her; her real life; her real self.”

que ela não era inglesa. (...) A incompetência e falta de preparo para a pandemia que matara sua esposa e meio milhão de pessoas; as justificativas vazias para o ataque ao Irã, com as quais ele tinha certeza que os membros da Câmara dos Comuns não iriam se iludir. Mas eles se iludiram.⁶⁴ (p. 215)

Essa crítica do personagem sobre seu próprio país revela como o sujeito contemporâneo tem consciência de seu diálogo com outras culturas. Hall (2001, p. 87) afirma que “a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.” Desse modo, Travis é uma das pessoas que representa esse ser diverso, do mundo globalizado, no universo do romance de MacLeod. Isso nos leva a lembrar Eagleton ao assegurar que nós, indivíduos pós-modernos, “integramos sistemas múltiplos e conflitantes em vez de monolíticos, de forma a deixar o sujeito carente de identidade fixa, o que pode vir a confundir-se com sua liberdade” (1998, p. 90).

O sujeito pós-moderno também se sente inseguro nos espaços que habita, como já mencionado anteriormente. Em um momento em que Travis e Gauthier estão escondidos e planejando se separar, ambos passam a perguntar um ao outro sobre seus planos dali em diante, o que faz com que cada um deles, até então companheiros, vejam as atitudes do outro como suspeitas. Esse sentimento mútuo de desconfiança fica evidente quando Travis percebe o movimento que Gauthier faz para pegar uma arma e, imaginando que seu parceiro iria atirar contra ele, sem nada perguntar, rapidamente pega o *laptop*, dá um golpe na cabeça de Gauthier e o indaga a respeito da razão daquela atitude. O francês revela o quanto o antigo companheirismo existente entre os dois havia cedido lugar a um novo tipo de relacionamento, quando afirma: “Eu só ia ameaçar você (...). Eu fiquei desconfiado”⁶⁵ (p. 132).

Na narrativa, a presença do Canal de Execução da televisão simboliza a difusão dessa insegurança pelo medo ao mesmo tempo em que representa a banalização da violência, tornando a tortura um ato normalizado, aceita como opção em certas ocasiões. Divulgam-se imagens de pessoas sendo executadas de diversas maneiras e uma legenda com: o nome da pessoa, o local de sua execução, sua sentença de morte e seu crime. Ninguém sabe quem patrocina e alimenta o canal. Desconfia-se do governo norte-americano, mas não há evidências para tanto. O fato é que o canal é aberto e simboliza a onipresença do terror na

⁶⁴ “He had no special regard for France. The thing he liked about France was that it was French. The thing he hated about England was that it wasn’t English. (...) The incompetence and lack of preparation for the pandemic that had killed his wife and half a million others; the hollow justifications for the attack on Iran which he’d been so sure the Commons would see through. But they hadn’t.”

⁶⁵ “I was only going to threaten you. (...) I became suspicious.”

vida das pessoas, apesar de que pode-se escolher entre assisti-lo ou não. No entanto, essa liberdade de escolha passa a ser relativa, já que as pessoas estão habituadas ao canal e o encaram apenas como mais uma fonte de informação e, como ele está sempre no ar, a qualquer hora que se ligue a televisão é possível sintonizá-lo. Nos finais de alguns dos capítulos do livro, há pequenas listagens de legendas que ilustram imagens do canal, como no exemplo a seguir:

Larisa Sosnitskaya; Federação Russa; tiro no crânio; assassinato em série.
Ahmed Wazirih; Síria; aplicação repetida de força legítima culminando em hemorragia cerebral; terrorismo.
Abraham Irwin; Texas; tiros múltiplos; saque.⁶⁶ (p. 62)

As execuções são explicitamente cruéis e bárbaras. Elas acontecem em diversas partes do mundo por diferentes crimes cometidos e o mais curioso é que ninguém se manifesta contra o canal, o qual representa uma forma de terrorismo psicológico na história. A violência transmitida ali deixa claro que aqueles que detêm o poder encontraram uma nova forma de repressão, o terror, como Bauman (2008, p. 259) apresenta: “O horror é espalhado pelo espetáculo da carne queimada, das poças de sangue e dos rumores de que homens e mulheres audazes ou arrogantes o bastante para resistir tiveram seu sangue derramado.” As cenas das execuções são chocantes e violentas, demonstrando intolerância diante de alguns crimes, o que pode ser visualizado pelo leitor em uma passagem em que Travis assiste ao canal:

Um soldado americano capturado no Waziristão gritou, depois gorgolejou sangue enquanto uma lâmina serrilhada serrava sua traqueia. Seus olhos viraram, totalmente brancos, enquanto a lâmina ia para frente e para trás. Então ele olhou diretamente para a câmera enquanto o gume encontrava a cartilagem e a fatiava com um rangido entre duas vértebras cervicais. Os olhos ainda estavam arregalados enquanto a cabeça decepada era exibida.⁶⁷ (p. 94-5)

O único personagem que faz alguma crítica ao canal é Mark Dark em um momento em que está assistindo à ele. Porém, seu questionamento não é sobre a existência do canal ou sobre as barbaridades cometidas anonimamente contra indivíduos ao redor do mundo, mas sobre os alvos das condenações, que, segundo ele, deveriam incluir pessoas que enviam *spams* para os endereços eletrônicos alheios. Isso mostra como as pessoas comuns aceitam a

⁶⁶“Larisa Sosnitskaya; Russian Federation; cranial shot; serial murder.

Ahmed Wazirih; Syria; repeated application of legitimate force culminating in cerebral haemorrhage; terrorism.

Abraham Irwin; Texas; multiple gunshot; looting.”

⁶⁷ “A US soldier captured in Waziristan screamed, then gurgled blood as a serrated blade sawed through his trachea. His eyes rolled up, pure white, as the blade tilted a little back and forth. Then he looked straight at the camera as the edge found the cartilage and sliced with a creak between two cervical vertebrae. The eyes still stared as the severed head was held up.”

violência, principalmente quando ela parece ser legítima, como podemos observar a seguir, a partir do pensamento do personagem:

O problema com o Canal de Execução, Mark Dark frequentemente pensava, era que nunca mostrava uma justiça *realmente satisfatória* sendo feita. (...) O que Mark queria ver, e imaginava toda vez que abria sua caixa de entrada, era *spammers sendo espancados até a morte com tacos de baseball*. Agora *isso* seria justo! *Isso* valeria à pena assistir! Infelizmente não havia uma jurisdição no mundo que tratava *spamming* como uma transgressão séria, muito menos como capital. Para Mark *isso* era uma medida da estupidez mundial.⁶⁸ (p. 73-4, grifo do autor)

Percebe-se aqui que o que incomoda Mark Dark não é a exibição das execuções propriamente ditas, mas o fato de elas não serem justas de acordo com o seu ponto de vista, que consideraria aceitáveis execuções de pessoas que ele julga criminosas. Em sua visão, os *spammers* são criminosos piores do que aqueles que cometem crimes de terrorismo, espionagem, homicídio, etc., por causarem problemas aos usuários da internet de maneira transgressiva. Isso porque um *spam* pode ser, na verdade, um vírus, um programa executável de captura de dados ou uma propaganda tendenciosa – publicitária ou política – não solicitada pelo receptor, pois os endereços dos destinatários dessas mensagens são obtidos de maneiras ilícitas. Esse novo tipo de “crime” do mundo contemporâneo configura, para o personagem, talvez o mais grave de todos, merecendo a punição capital do Canal de Execução.

No romance, pelo que pôde ser visto, a televisão continua sendo um dos principais meios de informação. Canais de noticiário, como o BBC e o CNN, ocupam um lugar de destaque na narrativa, em que a origem dos acontecimentos é desconhecida por quase todos. Especulações de toda sorte surgem, a todo o momento, divulgadas em diferentes fontes. Ao mesmo tempo, o papel da internet é crucial para a divulgação tanto de informações como de teorias da conspiração. Páginas especializadas em notícias divulgam imagens em tempo real com legendas sensacionalistas de origens extra-oficiais.

A rede pode ser acessada não só através de computadores e *laptops*, mas também de aparelhos celulares. Obviamente isso já ocorre na atualidade, sendo que, no romance, essa ocorrência já é mais acessível a todos, pois é muito provável que em um futuro próximo a tecnologia das comunicações se torne mais popular com o aumento do uso. Vários personagens possuem equipamentos como telefones celulares que acessam a rede de

⁶⁸ “The trouble with the Execution Channel, Mark Dark had often thought, was that it never showed *really satisfying* justice being meted out. (...) What Mark wanted to see, and imagined every time he opened his inbox, was *spammers being beaten to death with baseball bats*. Now *that* would be righteous! *That* would be worth watching! Unfortunately there wasn’t a jurisdiction in the world that treated spamming as a serious offence, let alone a capital one. To Mark this was a metric of the world’s stupidity.”

computadores, de onde acompanham os acontecimentos ao vivo. O tempo todo, no romance, personagens fazem busca no *Google* sobre os acontecimentos recentes e sobre outros personagens da trama, o que mostra o crescimento da presença maciça desse instrumento de busca, cujo nome já é utilizado como verbo na língua inglesa informalmente. O *To Google* significa fazer uma procura através da página de buscas *Google*.

Os três membros da família Travis se comunicam durante a história através de *e-mails* e mensagens instantâneas transmitidos por celulares e computadores. Eles costumam usar códigos secretos entre si por questão de segurança e constantemente descartam seus telefones, substituindo-os por outros, a fim de evitarem rastreamento. Alec possui um *blog* na internet através do qual se comunica com a família e divulga informações que julga importantes. Em uma dessas postagens, lida por Mark Dark, ele deixa uma pista sobre o aparelho que havia causado a explosão em Leuchars, descrevendo-o como: “Um grande objeto triangular, parecia um pequeno jato. Um MiG modelo novo? Não sei, mas suponho que seja o que explodiu”⁶⁹ (p. 171).

Essa e outras postagens de Alec em seu *blog* e mensagens enviadas à irmã nos leva a deduzir que ele sabe algo sobre as explosões, mas as informações que obtemos através dele são insuficientes para sabermos se ele descobriu alguma coisa. Além disso, o contato que o leitor e a família têm com o personagem é apenas virtual. A utilização da rede de computadores e telefones celulares por essa família revela o quanto essas novas tecnologias são importantes para a comunicação na narrativa assim como para nós. Pessoas podem entrar em contato com outras sem ao menos saber onde elas se encontram, anulando a distância espaço-temporal entre elas.

Após as revelações de Alec Travis a respeito do que parece ter conhecimento sobre as explosões, ele é capturado, interrogado e executado, como passamos a saber através de Roisin quando assiste ao Canal de Execução, o qual mostra a morte de Alec e declara seu crime: “Alec Travis; Escócia; aplicação repetida de força legítima; suspeito de espionagem”⁷⁰ (p. 192). A cena foi assistida por Roisin e pela agente do MI5, Maxine Smith, no momento em que esta tentava convencer a filha de James Travis a falar tudo o que sabia sobre seu pai e seu irmão. Pouco depois, através de uma busca na internet, Travis descobre que a morte de seu filho era uma farsa. O fato é que alguém estava usando Alec como isca a fim de desequilibrar

⁶⁹ “Big fucking triangular object, looked like a stubby jet. New model MiG? I don’t know, but I reckon that’s what blew up.”

⁷⁰ “Alec Travis; Scotland; repeated application of legitimate force; suspicion of espionage.”

seu pai e sua irmã emocionalmente com o intuito de capturá-los ou de obrigá-los a contar algo que, na verdade, desconheciam.

O espaço cibernético, além de ser local de informação, especulação e contra-informação, serve também para a espionagem. Após sua suposta execução, Alec continua tendo seu *blog* atualizado, o que leva Roisin e Travis a questionarem sua morte. Porém, eles também percebem que a página poderia ter sido invadida e estar sendo escrita por outras pessoas – talvez os próprios assassinos de Alec – com o intuito de confundir quem a visita. Há organizações no romance que servem justamente para falsear informações, como o grupo do Serviço de Informações dos Estados Unidos, que emprega vários trabalhadores cujo ofício é divulgar notícias falsas na internet em diferentes páginas. Essa tarefa lhes é tão corriqueira, que tratam o fato com desdém e senso de humor, como na seguinte conversa entre colegas:

“Ei, Sarah,” ele gritou para o outro gabinete, “adivinha a minha manchete?”
 “Culpem os judeus?” Henk gritou de volta.
 “Errado! Os curdos! O Partido dos Trabalhadores do Curdistão!”
 “Agora *isso* é criativo”, disse Henk.⁷¹ (p. 35, grifo do autor)

Uma das agentes desse grupo, Anne-Marie, após concluir que talvez a verdade sobre as explosões seja algo banal e que culpar um Estado sem provas não é certo, diz a um de seus colegas, Bob, que se mostra preocupado com o tipo de trabalho que estão fazendo: “Não importa o quanto as histórias que publicamos nos pareçam perigosas, pois as pessoas que elas influenciam não são aquelas que tomam as verdadeiras decisões, mas aquelas cuja atenção deve ser constantemente desviada das decisões verdadeiras e das pessoas que as tomam”⁷² (p. 109). Esse comentário revela o quanto o relato de eventos pode ser manipulado pela imprensa através da publicação irresponsável de suposições e falsas notícias acerca de determinados assuntos que deveriam ser tratados com seriedade e transparência. Isso quer dizer que, como fica claro na obra, e muitas vezes na vida real, a imprensa ou os órgãos públicos divulgam suas próprias versões de acontecimentos segundo um determinado ponto de vista a propósito de diversos assuntos. Vários devem ser os motivos pelos quais isso acontece: interesses políticos, comerciais ou até mesmo pessoais.

O medo do acontecimento de uma terceira guerra mundial permeia o romance em diversos momentos e se confunde com a vida real por vários motivos. Em primeiro lugar, é

⁷¹ “‘Hey, Sarah,’ he called to the outer office, ‘guess my line?’ ‘Blame the Jews?’ Henk called back. ‘Wrong! The Kurds! PKK!’ ‘Now *that’s* creative,’ said Henk.”

⁷² “It does not matter how dangerous the stories we put on seem to us, because the people they influence are not those who make the real decisions, but those people whose attention must constantly be diverted from the real decisions and the people who make them.”

óbvio que países com grande potencial bélico possuem armas nucleares suficientes para exterminar a raça humana; e, em segundo lugar, sabe-se que várias nações encontram-se em constantes conflitos internos e externos devido a intolerâncias culturais, religiosas e de resistência ao imperialismo econômico norte-americano. Porém, há um agravante na obra: o fato de ninguém saber o que está acontecendo por trás de supostos ataques terroristas ocorridos na Europa. Em conversa entre Mark Dark e sua mãe sobre as explosões, o filho tenta consolar a mãe dizendo que na manhã seguinte teriam respostas para os fatos ocorridos, enquanto ela responde: “Se *houver* uma manhã”⁷³ (p. 24, grifo do autor).

Um dos integrantes do MI5, Jeff Paulson, encarregado de monitorar ligações e *e-mails* do movimento antiguerra, ao se deparar com as apocalípticas imagens das explosões em seu celular, reage da seguinte maneira:

Enquanto as primeiras imagens tremidas eram recebidas pelo telefone, Paulson lutou contra um sentimento que não sentira desde que tinha assistido ao Onze de Setembro em sua adolescência. Foi uma insegurança mais profunda do que a que havia experimentado no Teerã: a sensação de explosões coordenadas e repetidas vindas de um inimigo invisível, e de não saber o que viria a seguir.⁷⁴ (p. 57)

O medo do personagem nesse momento reflete e ilustra o sentimento de insegurança geral presente no decorrer da história em relação à impotência individual perante acontecimentos marcantes no ambiente urbano, aparentemente injustificados e anônimos. A presença de um inimigo invisível já faz parte da concepção pós-moderna de quem o rival é, pois diferentemente do mundo antes e durante a Guerra Fria, hoje os inimigos externos estão mal definidos. Dirão que o adversário é o terrorismo e contra ele devemos lutar. Mas, na verdade, não se sabe exatamente quem representa esse tão temido terror global, pois se trata de grupos não institucionais, não militares e não estatais. Todo esse temor contribui para o medo da possibilidade de um acontecimento latente desde a Guerra Fria: outro conflito mundial. Uma pesquisa feita na Grã-Bretanha, recentemente reformulada a partir de perguntas feitas em 1954, mostra que o medo de uma terceira guerra mundial é, hoje, maior do que era na década de 1950 (HOBBSAWM, 2007). Esse resultado é consequência da indefinição ocidental sobre o perigo do terrorismo ou da emergência de um novo comunismo. Ou seja, em relação ao terror, não há um governo definido que age através dele contra uma nação também definida. Ataques acontecem em vários Estados e suas autorias são assumidas ou não por

⁷³ “IF there *is* a morning.”

⁷⁴ “As the first shaky pictures were phoned in Paulson fought down a feeling he hadn’t had since he’d watched 9/11 in his teens. It was a deeper insecurity than he had ever experienced in Tehran: the sense of repeated, coordinated blows from an unseen enemy, and of not knowing what was coming next.”

diferentes grupos de diversas ideologias. A respeito do comunismo, vinte anos após a queda do muro de Berlim, a mídia divulga o regime como derrotado. Porém, não se pode esquecer que a Rússia continua sendo uma potência bélica e recentes testes nucleares feitos pela Coreia do Norte preocupam a ONU devido aos ideais radicais desse país. Outros dois países que também ameaçam a estrutura de países imperialistas ocidentais são a China e a Índia, pois surgem como novas potências econômicas no cenário global.

Na obra de MacLeod em questão, o clima de paranoia contra o terrorismo se reflete no comportamento das pessoas e no cenário visual do ambiente urbano, onde os ataques ou explosões terroristas ocorrem e provocam uma forte reação popular, manifesta através de tumultos violentos nas ruas. Em uma passagem em que James Travis passa de carro por uma das interseções atacadas e bloqueadas perto de Birmingham, a rua está tomada pela agitação. A cena é descrita da seguinte forma:

Chamas e fumaça bramiam do último andar da loja; a multidão se espalhava pela rua, observando e gritando. A maioria deles se dissipava na frente do Land Rover, outros um pouco mais distantes se reuniam no meio da estrada. Eles tinham tacos e pedras e mais bombas de gasolina. Enquanto Travis acelerava em direção a eles, eles atacavam.⁷⁵ (p. 81)

Em *O canal de execução*, o Onze de Setembro e acontecimentos subsequentes, assim como na realidade, levaram certas nações a rejeitarem o estrangeiro mais intensivamente, especialmente os provenientes do mundo árabe. Na narrativa, alguns personagens chegam até a supor que as explosões tenham sido planejadas pelos Estados Unidos com o intuito de culpar os muçulmanos e promover uma expulsão desse povo do continente europeu. Em uma conversa, Travis e Gauthier, ambos antiamericanos, expressam seu descontentamento em relação às intromissões norte-americanas em assuntos europeus, como na passagem seguinte:

“Para o inferno com os americanos”, disse Gauthier. “Eles estão sempre fazendo discursos sobre como nos sujeitamos aos muçulmanos, tornando-nos ‘Eurábia’”. Eles falam constantemente como se estivessem nos dizendo que os muçulmanos não têm lugar na Europa. Muito bem. O que eles querem de nós? Ataques racistas?”⁷⁶ (p. 117)

⁷⁵ “Flames and smoke roared from the upper floor of the shop; the crowd was spread across the street, watching and yelling. Most of them scattered in front of the Land Rover, others a bit farther on gathered in the middle of the road. They had sticks and stones and more petrol bombs. As Travis accelerated towards them they let fly.”

⁷⁶ “‘To hell with the Americans,’ said Gauthier. ‘They continually prate to us of how we are appeasing the Muslims, becoming ‘Eurabia’’. They constantly talk as if to tell us that Muslims have no place in Europe. Very well. What do they want from us? Racist attacks?’”

No decorrer da narrativa, enquanto ocorrem todas essas perseguições, fugas, capturas e disseminações de ideias conspiratórias e deduções, Mad Jack, foragido, se corresponde com Mark Dark, para quem envia as fotografias que possui. Estas, como já observamos, mostram imagens do aparelho que iniciou os conflitos. Após examinar as fotos, Mark Dark pondera sobre o equipamento:

O aparelho cilíndrico em si não era um contêiner míssil, nem alguma arma projétil. Parecia exatamente com o que ele sempre imaginara ser uma arma de lançamento de partículas, exceto – levando em conta a escala fornecida pelas figuras humanas visíveis – pelo fato de que era bem menor.⁷⁷ (p. 209)

Assim, ele chega a uma conclusão: guerra nas estrelas. Parecia que um conflito espacial era iminente e inevitável. Assim seria a terceira guerra mundial sob sua perspectiva, uma ideia que se torna possível no romance pela sugestão de teorias científicas. Dessa forma, somos levados a crer, aos poucos, que as explosões são um indício de um grande acontecimento bélico estelar.

Na primeira seção do romance, ficamos apenas sabendo das teorias aceitas por cientistas radicais: uma delas é a Teoria da Matriz, a qual admite que vivemos numa simulação da realidade criada por inteligência artificial; a outra linha é a Possibilidade Planetária, a qual afirma que tudo o que se encontra além do Cinturão de Kuiper pode ser uma grande ilusão. Sobre esses pensamentos recorrentes em *O canal de execução*, Travis pensa: “Era como se as pessoas quisessem duvidar da realidade de suas vidas, e da solidez das coisas”⁷⁸ (p. 54). A reflexão do personagem revela exatamente aquilo que Ken MacLeod acredita ser a tendência da ficção científica pós-moderna, isto é, a discussão do pós-humano, a crescente presença da inteligência artificial em nossas vidas.

Outra ideia que se discute sobre a aparelhagem fotografada, que circula nos *blogs* conspiratórios, é a Teoria de Heim, desenvolvida pelo físico alemão Burkhard Heim após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com o físico Robert Neil Boyd, em artigo intitulado “Burkhard Heim on antigravity” (2001), Heim descobriu uma maneira de atingir um campo antigravitacional, cujo resultado seria assim explicado: “Se aplicado à viagem espacial, seria por levitação direta, conversão de eletricidade em energia cinética sem qualquer desperdício, e ‘imunizando os ocupantes e as estruturas dos veículos contra quaisquer efeitos de aceleração

⁷⁷ “The cylindrical device itself was no missile pod, nor any projectile weapon. It looked exactly like he’d always imagined a particle-beam weapon would, except that – going by the scale provided by the human figures in view – it was far smaller.”

⁷⁸ “It was as IF people wanted to doubt the reality of their lives, and the solidity of things.”

da nave, não importa o quão poderosos e violentos.”⁷⁹ A referência a essa teoria no romance se faz presente na descoberta de que “um circuito elétrico poderoso o suficiente poderia gerar anti-gravidade, e até mesmo (...) uma velocidade hiper-espacial mais rápida do que a luz”⁸⁰ (p. 108). Com isso, conspiradores creem que os OVNIS vistos recentemente são, na realidade, naves espaciais construídas a partir dos princípios da Teoria de Heim, cujas existências são apenas especuladas em histórias que circulam na internet. Com isso, a ameaça de uma guerra espacial se torna plausível na narrativa, além de ser devida, também, a uma realidade do mundo contemporâneo, ou seja, a exploração do espaço sideral.

Na tentativa de explicar o que seria o equipamento explodido em Leuchars, Gauthier e Travis discutem a possibilidade de ser uma experiência secreta testando a Teoria das Anomalias de Planck, outra corrente científica discutida na narrativa. Max Planck foi um físico que, no início do século XX, desenvolveu a física quântica. Suas hipóteses colocam em questionamento a Teoria do *Big Bang* através de explicações científicas e podem ser utilizadas na área da eletricidade, como explica Gauthier: “A fusão alimentada por plasma produz um raio estreito e compacto de gás ionizado que pode ser usado para gerar eletricidade diretamente”⁸¹ (p. 123). Segundo concluem os dois, tal experiência, se bem sucedida, poderia resultar em um fim da dependência por petróleo de alguns países em relação ao Oriente Médio, ou na produção de uma potente arma nuclear.

Dessa maneira, a história chega a um ponto em que todos acham que uma destruição mundial é certa, apesar de não terem nenhuma informação verdadeira a respeito do que está acontecendo. Roisin é pega mais uma vez, porém, agora em um momento em que a televisão noticia o que parecem ser novas explosões em cidades da China, da Rússia e da Coreia do Norte. A personagem está quase certa da destruição total, como notamos na passagem:

Ela estava parada com seus joelhos tremendo, assistindo ao fim do mundo na televisão. Supunha que o *flash* final do noticiário seria as telas se apagando. (...) Haveria um tremor de terra, alvenaria desmoronando, vidro voando, fogo, radioatividade, e diversos modos e dias para uma morte lenta.⁸² (p. 283)

⁷⁹ “If applied to space flight, would be direct levitation, conversion of electricity into kinetic energy without any waste, and ‘immunizing the occupants and the structures of such vehicles against any effects from acceleration of the vehicle, however great and violent.’” (In: <http://www.rialian.com/rnboyd/burkhard-heim.htm>)

⁸⁰ “A sufficiently powerful electrical circuit could generate antigravity, even (...) a faster-than-light hyper-space drive.”

⁸¹ “Plasma focus fusion produces a narrow, tight beam of ionised gas which can be used to generate electricity directly.”

⁸² “She stood with her knees knocking, watching the end of the world on television. She supposed the final news flash would be the screen going blank. (...) Would be a ground tremor, falling masonry, flying glass, fire, fallout, and a number of ways and days to a slow death.”

A sucessão desses novos “ataques” na narrativa contribui para que todos acreditem que são os Estados Unidos que estão por trás de todo esse período de destruição de importantes cidades europeias e asiáticas. O que os leva a essa conclusão é o fato de que os Estados Unidos possuem um arsenal bélico capaz de derrotar outros Estados que possam ter quaisquer tipos de armas, inclusive bombas nucleares.

Contudo, surpreendentemente, não ocorre uma terceira guerra mundial nem uma destruição atômica como esperado e deduzido. Ainda em seu cativeiro, Roisin continua assistindo ao noticiário após seus interrogadores terem fugido e vê imagens vindas da Lua, para onde as cidades “explodidas” foram. O que aconteceu exatamente só é contado nos dois últimos capítulos do livro. Através de pronunciamentos dos países envolvidos, todos comunistas, o mundo fica sabendo que essas nações preferiram deixar a Terra e criar uma nova comunidade no espaço a fim de poderem viver o comunismo como lhes convier. O pronunciamento da Rússia diz o seguinte:

O Governo da Federação Russa tem o prazer de confirmar o lançamento bem-sucedido hoje cedo de várias plataformas espaciais experimentais aplicando a tecnologia de fusão alimentada por plasma e da propulsão anti-gravidade da Teoria de Heim. O Ministério da Defesa pede desculpas a quaisquer cidadãos incomodados ou alarmados pelo necessário sigilo que envolveu as preparações.⁸³
(p. 298)

O desvendamento do mistério que assola as personagens da obra não é a questão principal do romance, apesar de despertar a curiosidade do leitor. O que importa não é o desfecho em si, mas os questionamentos a que somos levados a fazer ao longo da narrativa enquanto tomamos conhecimento de todas as versões de uma mesma história.

O maior desses questionamentos reside no mal-estar que o indivíduo sente ao viver em uma sociedade que não lhe oferece nenhum tipo de segurança, seja ela física ou psicológica. O constante estado de alerta em que se vive, muito evidente em nossa sociedade, é expresso na narrativa de MacLeod através da falta de confiança nas pessoas, nos governos e na imprensa.

Representando a vida real, o ponto de vista de cada personagem simboliza apenas uma visão parcial da verdade, pois nunca temos uma visão total da realidade, a qual é regida por ideologias que se chocam e ameaçam a integridade daqueles que se situam entre elas. Em

⁸³ “The Government of the Russian Federation is pleased to confirm the successful launch earlier today of several experimental space platforms applying plasma focus-fusion technology and Heim Theory anti-gravity propulsion. The Defense Ministry apologises to any citizens inconvenienced or alarmed by the necessary secrecy surrounding the preparations.”

outros casos, o que chega ao conhecimento das pessoas é tão somente uma farsa, a invenção de uma versão dos fatos ou suas fabricações por completo. Dessa forma, *O canal de execução* revela o quanto a verdade é ocultada da sociedade e como a desordem e a insegurança são causadas tanto pela omissão quanto pela construção dos fatos para o indivíduo e a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Quem começa sua carreira na Microsoft não tem nenhuma idéia de onde ela terminará. Começá-la na Ford ou na Renault era, pelo contrário, uma quase certeza de terminá-la no mesmo lugar.
(Daniel Cohen, economista)

Ao longo deste estudo, observamos, através de *Admirável mundo novo* e *O canal de execução*, que romances de ficção científica estão intimamente relacionados ao questionamento da realidade vivenciada no momento em que foram compostos. Essa constatação é comprovada pelo fato de ambos os romances serem distopias, as quais fazem com que haja uma crítica mais contundente à sociedade de determinado período.

As obras investigadas apresentam questões claramente relativas aos períodos históricos de suas respectivas construções. Ao tratarem de uma sociedade aparentemente “inventada”, ambos os escritores tornam suas narrativas representativas dos aspectos histórico-político-sociais dos diferentes momentos em que se inserem.

Como distopias próprias de seu tempo, os romances analisados focalizam dois assuntos evidentemente próximos, conquanto não pertençam à mesma realidade objetiva: o medo da guerra e a falta de liberdade. A distância dos momentos em que as obras em tela se inserem explica as diferentes visões apresentadas por Huxley e por MacLeod, respectivamente. A noção que se tinha tanto da guerra quanto da falta de liberdade na década de 1930 é bem diferente daquela que se tem agora, no início do século XXI.

Em *Admirável mundo novo*, o medo de conflitos armados é mostrado pelo temor da instabilidade no Estado Mundial, o qual se extinguiria sem a ordem social imposta. A privação da liberdade é resultado do condicionamento biológico, social e psicológico que cada indivíduo recebe e da impossibilidade de assimilação de uma realidade que não a sua.

Em contrapartida, em *O canal de execução*, o receio de uma terceira guerra mundial é consequência da constante presença da ameaça terrorista em suas diversas faces. Um prognóstico tentativo sobre os conflitos armados neste século, segundo Hobsbawm: “no século XXI, as guerras provavelmente não serão tão mortíferas quanto foram no século XX. Mas a violência armada, gerando sofrimentos e perdas desproporcionais, persistirá, onipresente e endêmica – ocasionalmente epidêmica - em grande parte do mundo. A perspectiva de um século de paz é remota” (2008, p. 35). Ademais, a falta de liberdade se dá

como ainda afirma o historiador em: “A proliferação extraordinária de meios tecnológicos, e outros, de manter os cidadãos sob vigilância o tempo todo (com câmeras em locais públicos, escuta telefônica, acesso a dados pessoais e a computadores etc.) não aumentou a efetividade do Estado e da lei, mas tornou os cidadãos menos livres” (HOBSBAWM, 2007, p. 43).

Como podemos observar, o romance de Ken MacLeod e este início de século estão relacionados à instabilidade internacional iniciada em torno de 1989, com o fim da Guerra Fria e da União Soviética, “forças politicamente estabilizadoras” (HOBSBAWM, 2008, p. 86). Haesbaert e Porto-Gonçalves (2005, p. 60) partilham da mesma opinião, acrescentando que “enquanto nas modernas sociedades disciplinares (na linguagem de Michel Foucault) o objetivo maior era tentar de alguma forma adestrar e (re)inserir socialmente os indivíduos ‘produzindo a ordem’, hoje a questão básica é, pela segurança, ‘regular a desordem’”.

Esse excesso de controle, por um lado, e sua falta por outro, levaram os Estados-nações a caminharem de um forte poder centralizado para o seu enfraquecimento institucional. Ambos os tipos de Estados são descritos nas narrativas estudadas. Em *Admirável mundo novo*, a sociedade é conduzida por um poder estatal único e poderoso, que mantém a estabilidade social através da homogeneização de seus grupos de habitantes, destacando a importância da vida em comunidade. No entanto, em *O canal de execução*, tem-se uma sociedade pautada em governos cujos poderes práticos são irrelevantes e na diversidade cultural das pessoas que dela fazem parte, sem contar na ênfase dada ao individualismo, fazendo com que o sujeito se sinta sempre inseguro. Sobre a evolução de um estágio a outro, Bauman observa:

No coração do ‘Estado Social’ havia mais proteção, pois a ‘fábrica fordista’ foi um refúgio seguro para a confiança e, conseqüentemente, para a negociação, a busca de compromissos e de uma convivência ‘consensual’. (...) Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada *desregulamentação*) e suas conseqüências individualistas, assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade e de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido. (2009, p. 19-20, grifo do autor)

Desse modo, reconhecemos a comunidade do Estado Mundial pelo comportamento padrão de suas castas, competentemente condicionadas por métodos comportamentalistas pavlovianos. Somos também capazes de reconhecermos a nós mesmos na conduta multifacetada dos indivíduos fragmentados, inseguros e globalizados dos personagens da narrativa de MacLeod.

A obra de Huxley é marcada pelo tecnicismo, tanto na área industrial quanto nas áreas psicológica, biológica e social. Isto é, seguem-se ali metodologias acabadas para todas as condutas e práticas humanas. A mão de obra é especializada em cada setor e as ações e falas de personagens são previsivelmente mecânicas e unilaterais. Já o segundo romance é qualificado pela anarquia virtual (lembrando as palavras do próprio escritor), pois o uso da tecnologia da informação viabilizada pelo espaço cibernético, sem regras ou normas, propicia a falta de ordem e a padronização nas comunicações, cada vez mais mediadas pela aparelhagem eletrônica.

Por ser um momento em que o trabalho industrial se revolucionou, as décadas de 1920 e 1930 inauguraram um período de consumo em massa de produtos industrializados, o que é evidente em *Admirável mundo novo* com a sociedade fordista que produz não só bens de consumo, mas também seres humanos da mesma maneira. A fábrica necessita de mão de obra especializada onde cada um desempenha seu papel da maneira mais rápida e mecânica possível. Assim é a sociedade robótica de um Estado em que o ser supremo é Henry Ford. Já a sociedade pós-industrial em que nos encontramos se baseia mais intensamente na prestação de serviços, oferecendo um trabalho variado e com horários flexíveis, se necessário. Até porque pode-se trabalhar em casa ou em outro lugar que não seja o local de trabalho propriamente dito quando é preciso, usando-se o computador e a internet. Esse tipo de trabalho flexível sem lugar rigidamente determinado ou horário fixo está presente nas vidas de quase todos os personagens de *O canal de execução*.

Em relação ao estabelecimento da ordem nos romances, apesar de serem retratados como extremos opostos um do outro – pois um representa a ordem de um mundo crescentemente totalitarista, e o outro, a desordem de um mundo global – há uma busca por controle nas duas histórias. Entretanto essa busca é caracterizada de modos e por motivos diferentes. Na primeira narrativa, o controle estatal sobre a sociedade é mantido através do condicionamento em primeiro lugar, e através da estimulação à promiscuidade e ao consumo da droga *soma*. Enquanto o condicionamento estabelece a estrutura biológica e comportamental padronizada dos cidadãos, a promiscuidade garante a saciação do impulso sexual sem apego sentimental entre os indivíduos, faltando-lhes identificação e empatia com seus semelhantes. Assim, a identificação com o Estado e com a comunidade é fortalecida. A droga alucinógena *soma* funciona como um potente controlador das massas, já que propicia um agradável sentimento de bem-estar e tranqüilidade, contribuindo para a falsa sensação de que suas vidas são perfeitas como são. No outro lado da moeda, temos o caos generalizado no segundo romance, em que o Canal de Execução funciona como uma tentativa de

estabelecimento de controle sobre a vida das pessoas. Pode-se imaginar que a exibição explícita do horror em um canal aberto de televisão cause a sensação de medo da transgressão de leis oficiais, agindo com uma forma de pressão psicológica terrorista a fim de evitar o aumento de ações contra o sistema.

Podemos concluir neste momento que, a despeito de todas as diferenças mencionadas, as obras de ficção científica focalizadas neste estudo demonstram como uma distopia literária pode servir como espelho da realidade em que o autor e seus contemporâneos se inserem. Como argumenta Adriana Facina: “As formas literárias são produtos históricos que buscam expressar realidades também históricas, e não elementos universais e atemporais” (2004, p. 22) e “se os indivíduos elaboram suas visões de mundo como parte de sua experiência, que necessariamente é compartilhada com um ou mais grupos sociais, o que é transformado em literatura é algo que foi construído coletivamente” (p. 33).

Admirável mundo novo é, então, uma obra que se ajusta à argumentação de Baker a respeito das distopias compostas no período entreguerras:

a distopia da primeira metade do século XX aproximou-se de momentos atuais da época, ancorando sua visão de um futuro aterrorizador nos receios contemporâneos da ideologia totalitária e dos avanços incontroláveis na tecnologia e na ciência. (...) Seu foco foi, inevitavelmente, na relação entre o indivíduo e o estado, no perigo aparentemente crescente da arregimentação social dentro de uma sociedade superorganizada, e nas fontes do poder do Estado.⁸⁴ (1990, p. 22)

Da mesma maneira, *O canal de execução* foi escrito como uma distopia da primeira década do século XXI, em que o temor em relação a um futuro próximo se faz presente nas mentes dos indivíduos, de maneira geral. A paranoia é gerada pelas várias faces do terrorismo em um mundo desordenado.

Assim sendo, uma obra de ficção científica distópica funciona como um pesadelo coletivo, onde podemos ver a nós mesmos em um ambiente angustiante que parece, e somente parece, não fazer parte da realidade.

⁸⁴ The dystopia of the first half of the twentieth century drew on topical events, anchoring its vision of a nightmarish future in contemporary fears of totalitarian ideology and uncontrolled advances in technology and science. (...) it focused inevitably on the relationship between the individual and the state, on the increasingly apparent danger of social regimentation within an overorganized society, and on the sources of state power.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Aldous Huxley and Utopia. In: _____. *Prisms*. Cambridge: MIT, 1995.

ALLEN, David. *No mundo da ficção científica*. Trad. Antônio Alexandre Faccioli e Gregório Pelegi Toloy. São Paulo: Summus, 1974.

BAKER, Robert S. *Brave New World: history, science and dystopia*. Boston: Twayne Publishers, 1990.

BARRY, Peter. *Beginning theory: an introduction to literary and cultural theory*. Manchester: Manchester UP, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. Depois da nação-Estado, o quê? In: _____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Identidade no mundo globalizante e violência – antiga e nova. In: _____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BEDFORD, Sybille. *Aldous Huxley: a biography*. Chicago: Ivan R. Dee, 2002.

BLOOM, Harold (Ed.). *Aldous Huxley's Brave New World*. Broomall: Chelsea House Publishers, 1999.

BOOKER, M. Keith. *Dystopian Literature: A theory and research guide*. Westport: Greenwood Press, 1994.

_____. Huxley's Brave New World: the early bourgeois dystopia. In: _____. *The dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism*. London: Greewood, 1994b.

BOYD, R. N.; GOEKSEL, B. Burkhard. Heim on antigravity. Disponível em: <<http://www.rialian.com/rnboyd/burkhard-heim.htm>> Acesso em :06 jan. 2010.

BRADSHAW, David (Ed.). *The hidden Huxley*. London: Faber and Faber, 1995.

BRANDER, Laurence. The rise of mass man. In: KOSTER, Katie de. *Readings on Brave New World*. Chicago: Greenhaven Press, 1999.

CIORAN, Emile M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COELHO, José Teixeira. *O que é utopia*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos).

CSICSERY-RONAY, Jr., Istvan. Marxist theory and Science Fiction. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Eds.). *The Cambridge companion to science fiction*. Cambridge: CUP, 2003.

CUDDON, J. A. *Dictionary of literary terms and literary theory*. London: Penguin, 1999.

DUNCAN, Andy. Alternate history. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Eds.). *The Cambridge companion to Science Fiction*. Cambridge: CUP, 2003.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2005, Deluxe Edition. CD-ROM.

ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7252936/Engels-Socialismo-Utopico-cientifico>> Acesso em: 24 jan. 2009.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Ciências Sociais passo a passo).

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz. *Da guerra fria à nova ordem mundial*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIRCHROW, Peter. Brave New World satirizes the American present, not the British future. In: KOSTER, Katie de. *Readings on Brave New World*. Chicago: Greenhaven Press, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREEDMAN, Carl. *Critical theory and Science Fiction*. New England: Wesleyan, 2000.

GONÇALVES, Joanisval Brito. Uma nova guerra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de julho, 2009.

GUEIROS Jr., Nehemias. Cibercomando americano viola privacidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de julho, 2009.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: UNESP, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELLEKSON, Karen. Inventing the past: a brief background of the alternate history. In: _____. *The alternate history: refiguring historical time*. Kent: Kent UP, 2001.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. *The politics of postmodernism*. London: Routledge, 1989.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Trad. Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *Brave New World*. Stuttgart: Reclam, 1992.

_____. *Retorno ao admirável mundo novo*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Círculo do livro, 1959.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. Valter Lellis Siqueira e rev. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1992.

KUMAR, Krishan. Science and anti-utopia: Aldous Huxley and Brave New World. In: _____. *Utopia and anti-utopia in modern times*. Oxford: Basil Blackwell Ltd., 1987.

MACLEOD, Ken. Politics and Science Fiction. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (eds.). *The Cambridge companion to Science Fiction*. Cambridge: CUP, 2003.

_____. Re: questions-about-execution-channel [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <pris_ufjf@yahoo.com.br> em 26 ago. 2009.

_____. Science fiction after the future went away. In: *Revolution*, issue no.5. Christchurch: Radical Media Collective, 1998.

_____. The early days of a better nation. Diário eletrônico atualizado pelo próprio escritor contendo artigos, notícias e links relacionados a ficção científica e a outros escritores do gênero. Disponível em: <<http://kenmacleod.blogspot.com/>> Acesso em :20 dez. 2009.

_____. The new British catastrophe. Disponível em: <www.sfsite.com/02b/km242.htm>, acesso em 19 mar. 2009. Entrevista a Paul Raven.

_____. The tools of tirany. Disponível em: <www.phantastik-couch.de/interview-with-ken-macleod.html> acesso em 19 mar. 2009. Entrevista a Frank Dudley.

_____. *The Execution Channel*. London: Orbit, 2007.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/3683943/Manifesto-comunista>>, Acesso em :24 jan. 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *11 de setembro de 2001: a queda das torres gêmeas de Nova York*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

MORE, Thomas. *A Utopia*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007. (A obra-prima de cada autor).

MOYLAN, Tom. *Scraps of the untained sky: science fiction, utopia, dystopia*. Oxford: Westview, 2000.

OLIVEIRA, Renato José de. *Utopia e razão*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

PASOLD, Bernadete. *Utopia X satire in English literature*. Florianópolis: ARES, 1997.

PAVLOV, Ivan P. *Conditioned reflexes: an investigation of the physiological activity of the cerebral cortex*. Disponível em : <<http://psychclassics.yorku.ca/Pavlov/>>, Acesso em :24 jan. 2009.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martin Claret, 2000. (A obra-prima de cada autor).

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. *História da vida privada. : da Primeira Guerra a nossos dias*. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. v.5

ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. London: Routledge, 2000.

SANG-HUN, Choe ; MARKOFF, John. Cyberattacks jam government and commercial web sites in US and South Korea. *Washington Post*. Disponível em: <www.washingtonpost.com> Acesso em 08 jun. 2009.

SANTOS, Adriana Bacellar Leite e. *Os meios de comunicação como extensões do mal-estar*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SEXTON, James. *Selected letters of Aldous Huxley*. Chicago: Ivan R. Dee, 2007.

SISK, David W. “Plus ‘parfaite’ et moins libre”. In: _____. *Transformations of language in modern dystopias*. London: Greewood, 1997.

STABLEFORD, Brian. *Science fact and Science Fiction: an encyclopedia*. New York: Routledge, 2006.

STEARNS, Peter N. (Ed.). *Encyclopedia of European social history – from 1350 to 2000*. New York: Charles Scribner’s sons, 2001.v.4

VINCENT, Gérard. In: _____. *História da vida privada : da Primeira Guerra a nossos dias*. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. v.5

WELDES, Jutta. Popular culture, Science Fiction, and world politics. In: _____ (Ed). *To seek out new worlds: exploring links between Science Fiction and world politics*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

**ANEXO – Entrevista com Ken MacLeod sobre o romance *O canal de execução*.
26/08/2009**

1- Would you classify *The Execution Channel* as a near future or an alternate history SF novel, as it is not our actual future depicted in the story?

I'd classify it as near future, as its main focus is on possible future events – and a future with a Democratic US president expanding the war in the next decade or so remains possible, even though with a different back-story.

2- On the front cover of the book, the following sentence calls attention: “The war on terror is over. Terror won.” Do you refer to the supposed ‘attacks’ in the story or to the “Execution Channel” itself?

Both to some extent, but mainly to the way in which (in the story and allegedly in real life) the threat of terrorism, and sometimes terrorists themselves, are used by the states involved in the 'war on terror' (and by other states, of course).

3- In an interview to “Phantastik-Couch.de”, you said that you chose an alternate future for the book as a suggestion that things wouldn't change if Gore had won the election in 2000. What is the purpose of your choice, then? Don't you think people would identify more with the story if it were our actual near future?

The purpose was to free up my imagination to think about a specific time-line of event as background to the story, without being pinned down or out-dated by actual events in our time (e.g. whether or not Iran is bombed). Having said that, it was quite amusing to imagine that things might not have turned out very differently, even with a different November 2000 and September 2001. For readers, that may outweigh the problem you raise.

4- What do you think is the role of the means of communication nowadays in political affairs? In the novel they are used and misused by the characters as ways of communicating, spying and conspiring.

Well, there are vastly more uses for communications technology, much of them trivial, but they can also be used constructively and subversively.

5- Roisin and James Travis are in constant need to change their appearance and ID. Do you consider these characters as a metaphor for the fragmented postmodern individual identity?

No.

6- There's a moment in the novel in which Travis suspects Gauthier's loyalty and attacks him. Besides, nobody knows who they can trust in. Do you believe this could be considered as a reflection of a kind of paranoia present in our lives currently?

No. It's a reflection of the paranoia in real-life espionage.

7- What do you think is the relationship between SF literature and the historical moment in which a novel is written? Do you think that the writing of novels like *Brave New World* and *1984*, for instance, were influenced by the political and social concerns of their time?

Of course. All SF stories have a 'real date', as John Clute put it. Some can transcend that, in that they don't reflect contemporary concerns, at least not as obviously as 'The Execution Channel' does.

8- How are your novels influenced by our contemporary history? I mean, is there a direct relationship?

Very much so. My first four novels (the Fall Revolution books) can be located in the concerns of the early 90s (fall of the SU, rise of nationalism); the Engines of Light trilogy is likewise influenced by the late 1990s and early 21st century, and so on. The only exception I can think of is 'Learning the World', which was consciously written to get away from that.